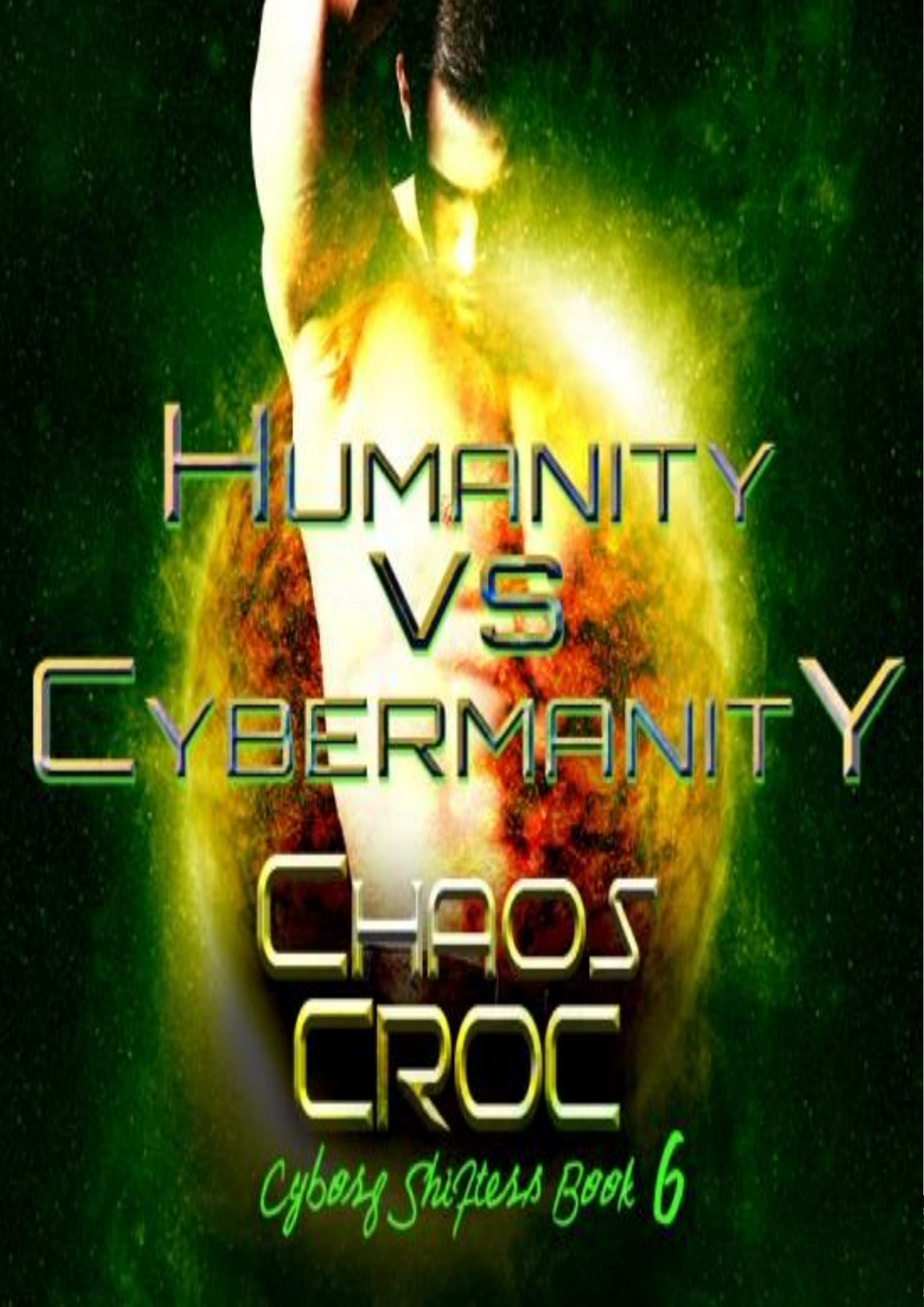
A SCIENCE FICTION ROMANCE



CHAOS CROC

CYBORG SHIFTERS
BOOK VI

NAOMI LUCAS


HUMANITY
VS
CYBERMANITY
CHAOS
CROC
Cyborg Shifters Book 6

Janet era uma devoradora de homens.

Ela sabia o que os homens queriam, pegou o que quisera e usou isso em seu proveito. Mas os homens que viviam nas pequenas colônias em seu planeta natal não eram os mesmos que viajaram e conquistaram o universo. Eles não eram nada como os Cyborgs que apareceram para resolver todos os problemas de sua família, especialmente o deus de olhos verdes que ocupava seu espaço.

Então ela o usou como o resto, e mordeu muito mais do que ela jamais poderia mastigar.

Zeph carregava um demônio nas costas, um que arranhava a parte interna do crânio implacavelmente. Ninguém imaginaria que o cavaleiro verde neon tinha um segredo terrível, não com seu charme e suas mentiras. E por causa de seu carisma, sua escuridão deslumbrante, o EPED o usou para tudo o que valeu a pena. Mas às vezes as missões não podem ser fixadas com diplomacia. Às vezes, você precisa seguir seus próprios instintos, até os instintos de um crocodilo para ir atrás do que realmente deseja.

Ele queria Janet. Ele queria ficar com ela.

Mas o demônio queria algo totalmente diferente.



STAFF

Tradução: Ayyanna Keppers

Revisão Inicial: Akira Keppers

Revisão Final: Morrigan Kepeers

Leitura e Conferência: Ayla Keppers

Formatação: Aysha Keppers



Prelúdio

Zeph estava do lado de fora da janela, à sombra de sua nave espacial, espiando a madeira e o vidro que estavam entre eles. Vestígios fracos de seu perfume de lavanda fizeram cócegas em seus sentidos.

Se ele escutasse atentamente, ele podia ouvir os outros na casa se preparando para dormir. Alguns deles, ele sabia, esperavam para assistir sua nave decolar. Janet não era uma delas. Sua respiração constante indicava sono.

Se ele não soubesse que ela o queria tanto quanto ele a desejava, o fato de ele ter pensado em levá— la contra sua vontade teria significado que ele era louco. Psicótico.

Ele pegou um cigarro e acendeu, as brasas iluminando as mãos enluvadas. A fumaça torceu no ar, negra contra a escuridão.

Quando não passava de um broto e jogou cinzas na terra, ele se convenceu de que era perfeitamente saudável. As respirações de Janet se aprofundaram ainda mais. Sua tecnologia de áudio focada exclusivamente nela. *Thump, thump, thump, thump.* Zeph podia ouvir o tambor suave do coração dela no fundo de sua mente.

Nuvens flutuavam acima, obscurecendo as estrelas. A névoa do mar ondulava sobre a borda do penhasco. Lambeu a casa gigante de Montihan. Ele se perguntou como seria o sabor.

Lavanda. Sua boca ficou com água.

Tinha gosto de lavanda.

Um

Janet estremeceu e se encolheu sob o cobertor, levando os joelhos ao peito e esperando sem esperança que ela adormecesse novamente antes de realmente acordar. Ela odiava o ar úmido da manhã.

Cem peixes, noventa e nove peixes, noventa e oito peixes...

Quando seus arrepios recomeçaram após o terceiro peixe, ela desistiu. Fazia muito frio no quarto dela, principalmente nesta época do ano.

Ela resmungou em seu cobertor. Era ficar e aguentar frio ou levantar - se e trocar o termostato no quarto dela. *Droga.*

Com um suspiro resignado, ela se preparou para correr para o console. *Três. Dois. Um.*

Janet deu um pulo e bateu de frente na parede.

— Ech, ela gritou quando deu um passo para trás e abriu os braços em confusão. — O que? Suas palmas bateram contra a parede. Um muro frio. Não parecia o estuque e a madeira da casa de sua família. Não era texturizado. Duro. Inflexível.

O estômago dela caiu.

Este não é o meu quarto.

Ela se virou e piscou, tentando ajustar os olhos para a escuridão. — Alguém aí? Ela sussurrou, seus dedos

deslizando pelo topo da cama amarrotada da qual ela acabou de sair. — Olá? Ela engoliu em seco, sem saber se queria ou não gritar.

Esta não seria a primeira vez que ela acordava em um lugar desconhecido e em uma cama desconhecida, mas era a primeira vez que ela fazia isso sozinha. Geralmente, havia um homem roncando ao lado dela com uma certeza ilusória de que ele a fizera ver todo o panteão trentiano na noite anterior.

Sua confusão sutilmente se transformou em preocupação.

Eu estava com minha família ontem à noite. Jantamos... Não havia como ela estar no quarto de outro homem. Este não era um caso de uma noite.

Uma sombra suave se moveu através da parede. Janet ficou tensa. Ela não percebeu a princípio, pensando que seus olhos finalmente haviam se ajustado à escuridão, mas eles não; em vez disso, a luz rastejou tão devagar pela sala que parecia uma cortina transparente.

Uma cabine. *Estou em uma cabine de nave espacial?*

Tinha as armadilhas da tecnologia avançada. As paredes eram limpas e lisas, curvas nos cantos e as roupas de cama e tecidos cinza claro respiravam como seda. Maior que seu próprio quarto, o espaço foi dividido em duas partes.

Ela entrou silenciosamente para olhar além das três escadas que levavam à segunda metade; havia um lounge e bar com uma variedade de telas e consoles. Todos os monitores foram desligados. Nada emitia luz na sala, exceto pela faixa escura que corria ao longo do topo das paredes. No

meio, havia um sofá simples, mas ligeiramente curvado, com uma mesa à frente e uma cadeira semelhante do outro lado.

Havia também caixas de vidro vazias embutidas nas paredes emoldurando prateleiras igualmente vazias.

Sem janelas.

Janet se abraçou. Ela lambeu a secura dos lábios e fungou. A sala estava quase vazia. Estava limpo de desordem e quaisquer objetos pessoais, mas o pior de tudo era frio sem *estar* frio.

— Olá? Ela chamou novamente, sua voz um pouco mais alta desta vez.

Mais uma vez, sem resposta.

A raiva começou a tomar conta quando sua confusão inicial diminuiu, afastando seu medo. — Que diabos? Ela se virou e pegou o cobertor da cama, colocando o sobre os ombros. — Que diabos! Ela gritou mais alto e correu pela sala em busca de uma arma, mas não a encontrou. Até as gavetas estavam vazias.

— Eu vou matar você quem você é. Eu vou te matar! Seu grito ecoou pelo espaço e ecoou como tubos ocos na cabine vazia. — Eu sou a última pessoa que você deveria ter levado.

Quando ainda não havia resposta, ela começou a quebrar o que podia. Não havia nada dentro da cabine além de móveis; até as gavetas estavam vazias. Mas isso não a impediu de arremessa - lós através da sala. Ela rasgou o estofamento, a roupa de cama e bateu com o punho coberto de cobertor nos consoles de vidro.

O estalo de vidro era música para seus ouvidos.

Ela tentou levantar a mesa no centro da sala, mas ela permaneceu presa no chão enquanto ela continuava a gritar ameaças: — Não vou ser fácil. Eu vou te matar. Eu vou matar todos vocês!

Ela encontrou o banheiro e abriu todas as torneiras. A água transbordou e correu para o chão, apenas para ser sugada pelas aberturas ocultas nos cantos da sala.

Sua frustração cresceu enquanto sua energia diminuiu.

A tecnologia estava frustrando sua fúria justa.

Ela teria que estar satisfeita com a pequena quantidade de destruição que ela criara. Isso a fez se sentir mais no controle e um pouco menos assustada. *Pelo menos não estou mais com frio.*

Janet recuou para um dos cantos arredondados e fechou os olhos quando um som se filtrou pela sala.

— Honestamente, eu esperava mais de você.

Ela estreitou os olhos. *Zeph?*

O medo dela desapareceu com o som da voz dele. Mas sua confusão e raiva permaneceram. Onde ele estava e por que ela não estava em seu quarto? Ela não tinha falado com ele na noite anterior, fez um esforço para ignorá - lo completamente, magoada e incerta sobre ele deixar a herdade de sua família para sempre. Eles chegaram muito perto um do outro. Muito perto. E isso a deixou nervosa, até vulnerável.

Não queria vê - lo partir. Janet olhou o piso branco e elegante entre ela e a porta localizada no canto oposto da sala

e os cacos de vidro e detritos que ela havia feito em frustração.

Janet lambeu os lábios. — Zeph, o que está acontecendo?

Ela esperou a porta se abrir e ele entrar no espaço, mas ele nunca entrou.

— *Você terminou?* Ele perguntou, suas palavras ecoando em seus ouvidos.

— O que? *Como ele ousa?* — Não. Eu não terminei, ela retrucou. — Estou apenas começando. Foi culpa dele por colocar o temor de Deus nela.

Nada além de silêncio encontrou seu caloroso sentimento.

Janet mexeu os dedos dos pés, lembrando de repente que seus pés estavam nus. Os olhos dela se arregalaram de horror e ela deixou cair o cobertor dos ombros. *Estou machucada?* Ele colocou as mãos nela enquanto ela estava dormindo? O pensamento não entrou em sua mente em sua confusão e raiva.

Ela olhou para seu corpo, ignorando seus pensamentos rebeldes. Um fôlego superficial escapou de seus lábios quando ela olhou para suas roupas de noite a camiseta preta excessivamente grande e o short que ela vestira em seu quarto. Na *casa* dela. Protegida por milhões de dólares em sistemas de segurança avançados. De alguma forma, ela começou a noite lá... E acordou aqui.

Um arrepio sacudiu seu corpo. *Quão?*

Janet examinou a sala, procurando câmeras de segurança, mas não viu nenhuma. Ela sabia que elas estavam lá, tendo lidado com insetos por anos de espiões corporativos no assentamento Montihan.

Mas este era o sistema de segurança de um Cyborg. Outro tremor a percorreu e não foi por causa da temperatura.

Ir contra um Cyborg era inútil.

Ouvir a voz de Zeph chamou lembranças de volta. Ela reconheceu o suficiente para perceber que era uma nave espacial, a nave dele. Mesmo que ela só estivesse em uma nave espacial uma vez antes, muitos anos atrás. As naves espaciais eram todas iguais, inerentemente. Esta tinha o mesmo sentimento que a anterior. Utilitário. Avançado. *Sombrio.*

Nada como uma das naves de sua família.

Caindo de joelhos, Janet pegou o cobertor e o colocou sobre a cabeça. Ela passou os dedos frios e trêmulos pelos braços, pernas e peito, procurando por abuso. Não encontrando nada, mesmo quando ela tensionou os músculos e pressionou a mão entre as pernas. Nada. Ela continuou a procurar.

Intocado.

O cheiro de seu hálito matinal encheu sua barraca improvisada e ela caiu em alívio. O calor crescente de seu corpo encheu o espaço coberto, confortando - a enquanto ela entrelaçava os dedos e pressionava as mãos na boca. Ela

inalou, acalmando seus nervos. *Ninguém me tocou enquanto eu estava dormindo. Ele* não a tocou.

Náusea brotou.

Outra onda a atingiu logo depois, alimentada por emoções sombrias e terríveis, que eram difíceis de lidar e ameaçavam consumi - la. Os homens a machucaram no passado, assim como sua mãe disse que fariam, mas uma imagem de seu jovem rebelde se assemelhava a um ídolo em sua mente.

Janet cravou as unhas nas costas das mãos.

Ela fechou os olhos com força.

Mas eu os machuquei de volta.

Pouco tempo depois, Janet levantou a cabeça do cobertor e examinou a cabine mais uma vez, absorvendo o dano que havia feito; o painel quebrado do console, os cacos de vidro da vitrine, o estofado desfiado e, finalmente, olhando para a porta ainda fechada da sala. Ela respirou fundo.

Onde ele está?

Nas últimas semanas, ela conhecera o filho da puta que a sequestrara, ela conhecera o diabo. E demônios não tinham paciência.

Quem se importava se ele era algum herói ciborgue que lutou e comandou na Guerra Galáctica; que ele a protegeu e salvou sua vida em inúmeras ocasiões; que ele ajudou a família dela? Janet olhou com raiva e depois franziu o cenho, arrependimento se esgueirando enquanto examinava a destruição que havia causado. *Eu sou melhor que isso.*

O lote agrícola de sua família em Kepler havia lidado com desaparecimentos misteriosos, a perda gradual de todas as suas colheitas e espiões paranoicos de seus pares e da concorrência. Zeph e seu parceiro, Netto, vieram ajudar os Montihan, sua família a descobrir o que estava acontecendo. Em troca, a Divisão de Exploração Planetária da Terra, empregadora do Cyborg, receberia direitos da maioria de suas colheitas nessa temporada... Independentemente de contratos anteriores.

Ela e a irmã, Rylie, passaram dias, quase semanas, na companhia dos dois homens durante a investigação e, nesse período, sua irmã mais velha se apaixonara por Netto, o grande tubarão azul, com seus dentes pontudos e tudo. Calmo, pensativo e azul. Isso foi Netto. Janet estava preocupada com a atenção que ele dera à irmã. Na verdade, ela odiava saber como Rylie era vulnerável e preciosa.

Ela suspirou. Netto era um homem bom, apesar de ser um dos homens mais perigosos do mundo. Ele passou em todos os testes de Janet e saiu disso tudo completamente dedicado à irmã mais velha.

Netto era um bom homem, um grande homem, ela se tranquilizou novamente, mas se ele machucasse sua irmã, Janet o faria pagar. Ela o *destruiria*. As narinas dela se alargaram.

Não havia nada que ela não fizesse por sua família e nenhum salvador Cyborg iria atrapalhar isso.

Enquanto pensava em Netto como seu futuro cunhado, também sabia que agora ele fazia parte de sua família.

Se alguém machucasse o Cyborg que sua irmã amava, ela os faria pagar também.

Mas Zeph não é Netto. Os dois homens não poderiam ser mais diferentes.

Janet murmurou e caminhou até a cama grande do outro lado da cabine, arrastando o cobertor atrás dela. Ela se sentou no colchão parcialmente rasgado e olhou para a porta, imaginando em que tipo de bagunça ela se metera dessa vez.

Seus olhos ficaram embaçados enquanto continuava esperando a entrada dele. Ela bateu o pé ansiosamente no chão frio. Ele era legal demais para ser verdade, muito afável e carismático. Zeph tinha todo o charme de um filhote de cachorro. Um filhote autoconfiante que atraía pessoas para ele, brincando com todos com sua fachada. Mas por baixo, quando você se aproximava, respirava seu perfume inebriante e ficava hipnotizado por seus olhos verde - maçã, você via o réptil embaixo.

Ele a leu de acordo com o que ela era. Como poderia estar brava por isso ter acontecido? Ela puxou o cobertor mais apertado em volta dos ombros.

Onde diabos ele estava?

Minutos transformados em horas. Ela desistiu de esperar humildemente na cama em um ponto, resolveu perdoar Zeph e achar um jeito de sair dessa situação. Ela arrumou o melhor que pôde, fazendo uma pilha de vidro e tecido, apenas para retornar ao painel de controle quebrado e descobrir que não podia convocar os robôs de limpeza. De vez

em quando, uma onda de pânico a percorria, e ela se via gelada, aterrorizada por algo estar terrivelmente errado.

Um sentimento de outro mundo invadiu seu espaço. Esfaqueou seu intestino em intervalos aleatórios, mas a sensação a deixou tão rápido quanto havia começado. Algo *estava* errado. Muito errado. E quanto mais ela esperava, mais tempo ficava presa dentro desse espaço confinado, aqueles momentos repentinos de pânico aumentavam.

Ela se encostou - se ao canto da sala mais uma vez, em frente à porta da cabine, escondida dentro da caverna do cobertor, quando a porta finalmente se abriu.

Dois

Zeph juntou os dedos e inclinou - se para a frente no assento ao leme do *Oppression* . A nave espacial zumbia com poder. Nas últimas duas décadas, desde que assinou com a Divisão de Exploração Planetária da Terra, este era seu lar.

— Ela é minha, ele sussurrou para a tela de vidro transparente e os controles na frente dele. Os LEDs vibrantes eram a única luz ao lado das estrelas do lado de fora.

Ele olhou para o feed de vigilância de sua cabine. Ele tinha feeds de câmeras em todos os cômodos de sua nave, incluindo banheiros, mas ele raramente tinha motivos para checa - los. Agora, ele não conseguia desviar os olhos.

Janet dormia em sua cama.

Zeph apalpou a boca. Fazia horas desde que ele a roubou, e sabia que ela estaria acordada em breve. Janet sempre acordava ao nascer do sol. O nascer do sol de Kepler ocorreria em breve, não que ela pudesse ver Kepler novamente.

Os cabelos loiros de Janet estavam espalhados pelo travesseiro, sedosos e atados pelo sono, sedutores de uma maneira inocente. Lembrou - se da sensação deslizando por entre os dedos. Os fios brilhantes secos com a água do mar e o sal marinho detinham mais poder sobre ele do que ele gostaria.

O rosto de Janet havia banido o demônio por um momento bonito e feliz. Ela pode se considerar uma mulher

humana bem - educada, fria como uma pedra, mas ele viu sua parte no universo e todas as lições que ele tinha para oferecer. Janet era uma garota sem instrução que brincava de ser mulher, com nada além de uma educação não terrena precária, que nunca esteve além do brilho de seu planeta pouco habitado.

Ele poderia mostrar muito a ela.

Zeph recostou - se e passou a mão por todo o rosto, sentindo a pressão aumentar.

Ela é minha.

Ele nunca quis tanto uma mulher e ficou um pouco louco por isso. A qualquer momento, Janet acordaria e as comunicações chegariam, inundando seus feeds. Às centenas antes do término do ciclo espacial padrão do dia terrestre.

Qualquer minuto agora...

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um cigarro, acendendo - o com os fios dos dedos. O cheiro de fumaça com nicotina fez pouco para acalmar a tensão em seus músculos. Zeph segurou o cigarro entre o ponteiro e o polegar e puxou com força, permitindo que seu corpo se enchesse de veneno. Havia um aperto no pescoço e nos ombros que nenhuma droga poderia curar. Aqueles músculos se esticaram e fizeram sua cabeça doer, e não importava quantas vezes ele recalibrasse seu corpo, a tensão permanecia.

Ele deu outra tragada no cigarro quando Janet se aconchegou em si mesma, aconchegando - se mais profundamente em sua cama. Ele esfriou a sala para ajuda - la a dormir melhor e prolongar o silêncio.

Se ele aprendeu alguma coisa sobre sua prisioneira, foi que ela era uma tempestade de raios mal contida, alimentada por ambição. A filha de Montihan era uma força selvagem a ser considerada, uma granada de mão sem um alfinete, mas o melhor de tudo era que ela era uma distração. Quando ele se concentrou em Janet, todo o resto desapareceu, até a dor e por causa disso, ele não podia deixa - la ir.

O esquecimento temporário que sentiu na presença dela tornou - se um vício. E, ao contrário de todas as outras mulheres que ele seduzira e deitara ao longo dos muitos anos de sua vida, havia algo em Janet que confundia todas as suas experiências anteriores.

Zeph bateu as cinzas do cigarro quando ela se mexeu.

Os dedos dele apertaram, esmagando o que restava de sua dose de nicotina quando ela pulou da cama e seu corpo foi revelado a ele. A prisioneira dele estava com uma camiseta grande demais que engoliu seus pequenos shorts. Foi o suficiente para que ele fingir que ela não usava nada por baixo da blusa.

As luzes acenderam em seu quarto.

Um sorriso com nicotina puxou seus lábios.

Havia poesia em sua rigidez, em seu choque ao perceber que ela não estava mais em seu quarto. A câmera de segurança mudou de ângulo e ele viu cada emoção passar pelo rosto glorioso dela.

Segundos. Levou apenas alguns segundos para ela ir de choque, preocupação, fúria.

O sorriso dele aumentou. *A raiva dela é deliciosa.* Sedenta de sangue, crua. Ele nunca havia encontrado uma mulher como ela antes. Uma megera loira ingênua que achava que sabia o caminho do universo, mas, na verdade, era tão inocente.

Seus dedos se contraíram com a necessidade de senti—la novamente. Mas então sua pequena fogueira começou a causar estragos em seu quarto, expulsando sua raiva de uma maneira perigosa. Quando Janet olhou para as prateleiras de vidro, Zeph se levantou, todos os traços de humor desaparecendo. *Ela vai se machucar.*

Ele saiu correndo da ponte, preparando se para prender as mãos dela e pressioná - la contra a parede, quando ouviu um choro.

Ele parou tão rápido que o demônio o alcançou e voltou ao seu lugar habitual em seus ombros. Suas pernas ficaram retas enquanto a dor se intensificava. Zeph se endureceu contra isso. Ele podia sentir a mudança acontecendo na parte superior das costas, mas forçou seu corpo mecânico a lutar contra isso.

Ele olhou para as mãos e viu uma leve palidez de verde espalhar - se por baixo do uniforme. O logotipo EPED era mais que um simples emblema. Queimou direto através do tecido e em sua pele.

Zeph começou a se mover de novo, lentamente e seguiu o som do choro.

Duas horas desde a descolagem.

É bom que seja uma flor solitária. Na verdade, ele já sabia que não seria. Não havia nenhuma porra de flor chorosa de Tau Ceti a bordo do seu navio. Isso tornou as lamentações ainda mais terríveis.

— Que porra é essa?

O lamento ficou mais alto com o som de sua voz, e Zeph virou a esquina apenas para parar com a visão diante dele. Era uma garotinha, não mais ameaçadora que um cordeiro.

Ele não conseguia explicar a emoção que sentia naquele momento, mas finalmente entendeu o significado da palavra *fodido*.

Lily Montihan, irmã mais nova de Janet, estava deitada no chão de metal fora de seu laboratório. Aquele cabelo loiro morango era uma característica inconfundível que ela e Janet compartilhavam. Ele reconheceria essa sombra em qualquer lugar... Ele estava obcecado por Janet. Aturdido e um pouco chateado, Zeph se aproximou e se ajoelhou na frente da garota. A garota errada.

Zeph pigarreou. — Lily?

Ela olhou para ele, com lágrimas nos olhos, e gritou algo que sua tecnologia não conseguiu traduzir antes que ela voltasse a chorar.

Várias horas atrás, no começo escuro de um dia Kepler um pouco depois do que alguns chamariam de meia – noite, ele esperou do lado de fora do assentamento de Montihan, envolto em roupas furtivas. Seu foco estava apenas na janela do quarto de Janet e a mulher dormindo profundamente

além. Ele ficou furioso. E até a noite passada, não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso.

Ver Netto e Rylie tão felizes juntos fez dele um homem ciumento. Janet se jogou nele. Por que não se divertir um pouco? Desfrutar de verdadeira buceta quando é oferecida? Quando Janet terminou com ele, ele tinha sido jogado fora como lixo de uma semana. Uma foda rápida e desesperada, debaixo de cobertores manchados de sal, não deveria ter importado. Mas acabou o enfurecendo mais. Nenhuma mulher, nem homem, tinha o direito de usa - lo.

— Lily? Ele disse novamente, e desta vez a garota se acalmou, mas continuou chorando.

Sua experiência com crianças foi melhor descrita como inexistente. Além da ocorrência ocasional e apaziguadora, interpretando o herói Cyborg estereotipado para os poucos que encontrou. Ele olhou em volta para o corredor frio e árido que eles habitavam. *Como diabos ela chegou a minha nave?* Mas ele soube a resposta para isso imediatamente. Sempre que ele estava perto de Janet, havia muito pouco que poderia desviar sua atenção dela.

Ele escovou os cabelos de Lily para trás e levantou o queixo para que ele pudesse ver o rosto dela.

— Eu quero minha mamãe! Ela chorou.

Zeph se encolheu, soltando - a brevemente para rasgar a manga de seu uniforme. Ele trouxe o material para o nariz dela e limpou o ranho do rosto da criança.

Se Sheryl Montihan também estivesse em sua nave, ele se viraria para o EPED sem lutar. Bem neste exato segundo. Uma pequena parte dele esperava, contra todas as probabilidades, que Sheryl corresse para o lado dele e levasse a menina embora. Mas, no tempo que levou para guardar o pedaço de pano coberto de ranho, ele se conectou a segurança de sua nave e examinou o interior. Três formas de vida.

Ele suspirou, sentindo alívio e exasperação.

O destino sempre esteve... Nunca do lado dele.

— Olha criança, ele iluminou os olhos para distraí - la. — Eu vou ser sincero com você. Sua mãe não está aqui e pode demorar um pouco até que você a veja novamente. Eu não tinha planejado que você se juntasse a nós, mas agora que você está aqui, ele parou por um momento, lembrando de todas as memórias de Lily que ele havia armazenado, você só vai ter que ver a galáxia com Janet e eu.

Os fungos dela diminuíram e Zeph se recostou.

— Gosta do meu jogo? Ela perguntou.

Ele forçou um sorriso nos lábios. — Eu farei melhor. Vou lhe mostrar a galáxia *enquanto* você joga. Ele era um Cyborg, afinal; ele poderia dar a Lily qualquer coisa que ela quisesse dentro da razão.

Todos os vestígios de sua birra desapareceram rapidamente e ele a ergueu nos braços enquanto se levantava. Um leve cheiro de lavanda de Janet saiu da garota e ele pressionou o nariz nos cabelos de Lily, segurando— a um pouco mais com segurança.

Enquanto caminhavam em direção ao saguão e ao replicador de sua nave, ele sentiu uma contração no braço que indicava a primeira comunicação recebida. Ele não precisava olhar para saber quem era.

Seria o primeiro de muitos.

Dezenas.

Centenas. Tudo porque ele não apenas sequestrou uma fêmea humana aparentemente, mas duas.

Três

A porta da cabine se abriu.

— Zeph, Janet arfou, erguendo os olhos das mãos.

— Onde você esteve?

Zeph apareceu na porta, olhando - a com uma expressão ilegível no rosto. Ele apoiou o ombro contra o lado e cruzou os braços sem responder. Ela não precisava da resposta dele para saber que ele estava chateado. Estava nos olhos dele, na linguagem corporal dele.

A presença dele sempre a intimidava. Ela mordeu a bochecha para se impedir de amaldiçoa - lo enquanto se deleitava com o comportamento dele, sabendo o quão raro era enfrentar alguém que usava arrogância como um distintivo.

Sua própria raiva voltou, queimando quente e brilhante. Eles se entreolharam até que seus olhos se estreitaram. *Ele me trancou.* Borboletas encheram seu estômago de qualquer maneira. Janet mordeu o rosto com mais força quando seu olhar deixou o dele percorrer seu corpo afiado. Ela se levantou e deu um passo para longe do porto seguro de seu canto, encantada com o poder que ele emitia, quase impressionada com sua crueldade.

Ele me deixou aqui por horas.

Mas ninguém mais a fez se sentir assim; ele era um predador, e ela não era nada além de presa. Seus olhos se encontraram novamente, e seu olhar verde se afiou.

— Zeph, há algo erra... Seus olhos rasgaram dele quando uma pequena figura disparou do seu lado e correu em sua direção. Um grito familiar encheu o silêncio, e seu coração parou.

Mãos sujas agarraram suas pernas nuas. — Janet, a voz aguda de Lily alcançou seus ouvidos, ele está nos levando para ver os planetas. Ele disse que seria como o meu jogo.

O que? Janet olhou para sua irmã mais nova, estupefata.

— Lily, ela se abaixou e segurou os ombros de sua irmãzinha, — o que você está fazendo aqui?

— Ele disse que seria melhor que o meu jogo. Podemos ir agora?

A boca de Janet se abriu e fechou, mas nenhuma palavra saiu. O rostinho querubim de sua irmã era rosa e seus olhos brilhavam com pedaços de crosta nos cantos. Ela limpou a bochecha de Lily mais uma vez com o polegar.

Mãos puxaram sua blusa.

— Eu quero vê - los! Lily se afastou e correu de volta para Zeph.

Talvez eu esteja ficando louca. Janet observou a irmã em silêncio, confusa. *Talvez eu tenha entrado na nave ontem à noite?*

Os gritos agudos de excitação de Lily encheram a sala. as duas olharam para Zeph, que era esperto o suficiente para não se aproximar delas e esperaram que ele falasse. Os olhos dele ainda estavam fixos nela.

Seu rosto lindamente esculpido estava pálido sob as luzes fluorescentes. Sua premonição anterior de que algo estava errado retornou quando seu olhar alcançou o cabelo dele. Não era mais âmbar, aquela luz e ouro familiares, mas preto. Preto profundo. O tipo de preto que não deixava espaço para luzes e sombras. O Cyborg diante dela não era Zeph, pelo menos não o que ela conhecia. Ela engoliu em seco.

— Tio Zeeffffff, continuou Lily, — Quando podemos ver os planetas?

Zeph desviou o olhar cada vez mais intenso do dela e olhou para Lily. — Em breve. Primeiro, teremos que viajar para lá, garota.

— Viajar para onde? Não sei como chegamos aqui, mas acho que é hora de Lily e eu partirmos. Ela avançou na direção deles e pegou sua irmã, afastando seus membros agitados. — Mamãe deve estar preocupada com você, doçura, ela murmurou para a irmã enquanto olhava zangada para Zeph. Janet apertou a criança que se contorcia e contornou, a para passar pela porta aberta.

Se Lily estava aqui, isso significava que eles ainda deveriam estar em Kepler, fora de sua casa.

Uma mão enrolou em seu braço antes que ela chegasse à saída.

— Deixe me ir, ela gritou, tentando se libertar de suas mãos enquanto Lily se afastava dela.

— Janet...

Seus olhos se encontraram novamente. Lily deslizou por seu corpo e se libertou do aperto de Janet. Sua irmã correu

em direção à cama e subiu em cima dela, pulando para cima e para baixo, exigindo atenção.

— O que? Janet perguntou, franzindo a testa.

Seu rosto brilhou com remorso antes de endurecer.

— Você não pode sair.

— Como assim, não podemos ir embora?

— Porque não há outro lugar para ir.

Janet apertou os lábios. — Claro que há lugares para ir. Apenas nos aponte para a saída e estaremos fora do seu... cabelo. Por que é preto?

Zeph a soltou e colocou a mão na cabeça, mas parou antes que ele a tocasse. Ela esfregou o braço onde ele a agarrou, irritada com o calor que ele deixou para trás.

Ele deixou cair à mão. — Isso muda com o meu humor se eu não estiver prestando atenção a ele.

— Eu não posso imaginar o que preto significa, ela resmungou, enrolando os braços de si mesma, consciente de seu estado de roupa e desalinhamento. Sair da nave, mesmo do jeito que ela estava, apenas receberia olhares de desprezo da Mãe e Rylie, mas sair desta nave era exatamente o que ela planejava fazer, agora com Lily a reboque.

— Lily, ela gritou por cima do ombro de Zeph, — É hora de ir!

Sua irmã gritou de alegria, pensando *ir* significava ir ver a galáxia. Janet não iria corrigi - la. Não até que eles tivessem os pés no chão e os dedos dos pés balançando na areia. Mas ela não pôde evitar a melancolia que se instalou. Parte dela queria ver o universo tanto quanto Lily. Talvez até mais.

Mas não assim.

Lily desceu da cama, suas bochechas rechonchudas coraram de novo e caíram ao seu lado. Janet a alcançou e deixou a cabine para trás.

Espero que para sempre.

Zeph as seguiu, suas botas militares pretas batendo no chão. Ela estremeceu, odiando - se por perceber, por estar tão focada nele. Cada baque ecoado que suas botas fizeram encheu seus ouvidos, vibrando até o âmago dela.

Ela acelerou os passos, procurando à esquerda e à direita por uma indicação de saída, enquanto ouvia os passos dele diretamente atrás dela. Ela dobrou outra esquina e desceu um pequeno lance de escadas antes de chegar a um beco sem saída. Era isso ou sua fuga era bloqueada por todas as portas fechadas pelas quais ela passava.

— Janet. O tom de sua voz estava cheio de saudade.

Janet fechou os olhos quando suas costas formigaram com arrepios. Era como se ele tivesse sussurrado o nome dela diretamente sobre sua pele. Sua respiração saiu superficialmente, medo e desejo se tornando conhecidos.

Ela se virou para encará - lo antes que os sentimentos pudessem se instalar.

— Onde está a saída? ela perguntou.

Um brilho maliciosamente escuro brilhou em seus olhos. — Você só precisava perguntar. Siga - me, ele disse, já voltando ao caminho por onde tinham vindo.

Lily puxou a mão da de Janet e correu atrás dele, deixando - a para trás com uma careta.

Eu não... O pensamento ficou inacabado em sua cabeça. O olhar dela flutuou sobre o traseiro dele, mas parou na mão dele, que se fechou protetoramente sobre a de Lily quando ela a agarrou. Janet estendeu os próprios dedos, perdendo o calor que sua irmãzinha de forma tão rápida.

Eu não quero te seguir.

Mas ela fez assim mesmo.

Eles voltaram para a cabine, mas a contornaram e seguiram na direção oposta. A nave de Zeph parecia muito maior por dentro, mas, novamente, ela só a via lá fora e à distância. O olhar de Janet contornou tudo: o brilho de plástico e metal, as cores das luzes ao longo do piso e das paredes, a limpeza militarizada que tocava todos os painéis e seções de cores neutras. Seu pulso acelerou quando eles pararam diante de um conjunto de portas com painéis duplos. Os olhos dela se voltaram para o homem que as liderava.

— Preto significa emoção, disse Zeph.

— O que?

— Meu cabelo. Quando está preto... eu estou, bem, animado.

— Mas você está prestando atenção agora?

— Talvez seja porque eu possa finalmente baixar a guarda.

— Ou talvez você não esteja prestando atenção. Eu vi você mudar. Seu cabelo desaparece quando você o faz. Eu deveria saber...

Ela comeu suas palavras com o sorriso deslumbrante que ele mostrou em sua direção.

— Você só viu o Croc no escuro, na água, no meio do oceano à noite. Você realmente o viu todo Janet? O sorriso dele aumentou.

— Eu quero ver você mudar!

Ambos olharam para o rosto esperançoso de Lily.

— Abra a porta, Zeph. Apenas vamos embora. Por favor, disse Janet rapidamente. Ela voltou o olhar para as portas fechadas. Ela não suportava olhar o rosto inocente da irmã por muito tempo, porque se o fizesse, ela cederia.

E ela não queria olhar para Zeph, especialmente porque ela podia ver pela visão periférica que o sorriso dele se transformou em um sorriso cheio de dentes.

Ele é um homem estranho.

Lembre - se, Janet...

Você mal o conhece.

— Bem, garota, disse Zeph, — Estou prestes a tornar seus sonhos realidade.

As portas se abriram e seus lábios se abriram em reverência.

Vagamente ciente dos gritos felizes de Lily e seu corpo minúsculo correndo pela sala, Janet deu um passo à frente e ficou boquiaberta com a visão diante dela. O assento e o console do capitão ocupavam o centro da câmara oval e, além disso, havia vistas panorâmicas do chão ao teto ... do espaço. O design era padrão militar, mas a vista lá fora era totalmente o oposto disso.

Espaço. Muito disso, de uma só vez, forçado a ela. Infinitos brilhos refletindo no escuro. Ela deu um passo à frente e pressionou o vidro com apenas um pensamento em mente: como ela vivera tanto tempo sem ele? Ela já esteve em uma nave espacial antes, mas nunca havia deixado à termosfera de Kepler.

Seus dedos estenderam a mão para tocar o vidro quando as estrelas de repente se embaçaram. Janet agarrou o parapeito mais próximo quando a nave entrou na velocidade de dobra.

Com o coração acelerado, ela olhou em toda parte além da barreira para o planeta azul e verde brilhante de Kepler.

Seu espanto ardeu em um flash quando ela se virou para encontrar os olhos de Zeph. Ela abriu e fechou a boca várias vezes, tentando encontrar as palavras que precisava enquanto a raiva crescia dentro dela, mas a forma exuberante de Lily interrompeu a explosão iminente. Lily apertou a mão de Zeph, implorando para ver nebulosas, campos estelares e galáxias inteiras. Sua irmãzinha pediu todas as coisas que Janet também queria secretamente.

De repente, ela estava exausta e, no entanto, não podia arruinar esse momento para Lily.

— Podemos ver tudo isso e muito mais, disse Zeph, virando o olhar para ela e olhando para Lily. — Podemos visitar planetas em que nenhum humano jamais pisou.

O coração de Janet disparou mais rápido.

— Não há um lugar no universo que não possamos ir, agora que é nosso para conquistar, disse ele, a voz profunda dele enchendo os ouvidos dela.

Ela se afastou do vidro, vidro que poderia ter sido obtido da própria família, vidro que ela poderia ter colhido pessoalmente na sua forma bruta do próprio lugar onde nasceu.

— Qualquer lugar? Janet perguntou baixo o suficiente para que Lily não ouvisse sua excitação.

Zeph estreitou o olhar. — Tau - Ceti tem tantos sóis que os dias nunca acabam. Existem campos de asteroides tão grandes quanto um sistema solar, continuou ele.

— E a Terra? Você nos levaria ao mundo dos humanos? Ela provocou, sabendo que ele não arriscaria isso.

Ignorando - a, ele se virou para se dirigir a Lily. — Esse jogo no seu tablet, garota Você disse que acontece no Titã, sim? Poderíamos explorar Titã nós mesmos.

— E quanto a Xanteaus Trent? Janet perguntou, levantando a voz e dando um passo à frente. — Podemos explorar o mundo natal alienígena?

Zeph sorriu, os olhos nublados pela escuridão antes de pousar novamente com seu verde travesso. Janet deu outro passo ameaçador em sua direção.

— Eu quero ver Xsan - seaus Trent! Lily gritou, pronunciando mal o mundo dos alienígenas enquanto pulava para cima e para baixo.

— Que tal Zeph? Leve - nos para Xanteaus ou Terra. Você acabou de dizer em qualquer lugar do universo, certo?

— Você não sugeriria seu próprio Kepler? Havia uma ponta na voz dele, claramente avisando - a para parar.

— Não. Janet ergueu os ombros, sua própria expressão escurecendo antes de forçar um sorriso animado. — Você me deixou curiosa, considerando que eu e Lily gostamos de aventura. Leve - nos para Xanteaus e mostre - nos suas cidades de cristal. Certamente um Cyborg como você poderia conseguir isso? *Dois podem jogar neste jogo.* Ela caiu na gargalhada, tentando refletir a euforia da infância de Lily.

— Você não gostaria de ver cidades de cristal que toca o céu, Lily?

— Sim!

— E caminhar pelas cavernas subterrâneas para encontrar um planeta vivo!

— Isso acontece de verdade? Os olhos de Lily se arregalaram ainda mais, bochechas gordinhas corando de alegria com a mera ideia de falar com um planeta.

— Talvez sim. Não tenho certeza, mas só há uma maneira de descobrir, Janet saltou sobre o pé e olhou para Zeph com expectativa. — Você disse que veríamos os planetas. Por favor, Zeph, leve - nos a Xanteaus, disse ela, sabendo que era completamente proibido aos humanos e uma missão suicida para um Cyborg.

O sorriso dele era tão falso quanto o dela. Olhar pela janela respondeu às perguntas que ainda permaneciam em

sua mente. Solidificou todos os receios e medos que ela suportara desde que acordara horas atrás. O Cyborg a sequestrara e a levara a bordo de sua nave enquanto ela dormia. Como um psicopata, um guarda - costas, ou um daqueles piratas espaciais que ela havia lido.

Rylie estava certa o tempo todo. Janet havia brincado com o fogo do inferno quando decidiu seduzir Zeph.

Mas por que ele levou Lily? Janet podia entender por que ele a sequestrou, mas o que o Cyborg poderia querer com uma criança de cinco anos?

Zeph deveria ser um herói de guerra, um super soldado e quase imortal. O que ela estava pensando quando pensou que poderia enganar alguém como ele? Um Cyborg não era como qualquer homem. Inferno, metade de Zeph era algo completamente diferente, algo que ela nunca seria capaz de entender. Os olhos dela caíram para a irmã.

E ela está pagando o preço pela minha estupidez. O sorriso de Janet desapareceu.

Quando ela pegou Zeph estendendo a mão para ela, ela fugiu em direção à vista panorâmica, aumentando a distância entre eles.

Quatro

Janet colocou Lily na cama. Ela afastou as mechas finas da irmã e deslizou para o espaço ao lado dela. Um silêncio ensurdecedor tomou conta da sala enquanto a respiração delas se aprofundava.

O que eu vou fazer?

Não conseguia se lembrar de uma época em que se sentira tão sozinha. Hoje provara ser um dos dias mais longos de sua vida, não apenas porque ela não conseguia endireitar suas emoções, mas no sentido literal... O tempo era diferente no espaço. Era do conhecimento geral que o tempo era diferente em cada planeta. E que um ciclo de naves padrão seguia com mais frequência o ciclo do sol e da lua da Terra.

Terra. Ela estudou o planeta e a mente humana ferozmente quando era mais jovem. Era uma época quando as comunicações interestelares a fascinavam. Uma vez, quando ela tinha o universo nos olhos e a aventura no coração.

Era como ela tomar liberdades com seu próprio corpo para obter as informações de que precisava ou o poder que isso poderia proporcionar, mas nunca colocara sua família em perigo ao fazê - lo. Lágrimas se reuniram em seus olhos. Ela era do jeito que era *para* sua família.

Eles significavam tudo para ela. Mesmo que todos a desprezassem, ela daria a vida por eles. Seu amor queimou

da barriga para o coração, irradiando pelas clavículas e na garganta. Seu amor brilhava ferozmente.

Janet deu um beijo suave na testa da irmã. *Eu vou mata - lo. Eu mato quem tentar te machucar. Nada te tocará enquanto eu estiver por perto.*

A última vez que ela teve tanta falta de controle...

Eu aprendi minha lição. Lembrar do passado serviu apenas para causar enxaquecas.

Como pude julgá - lo tão mal? Pensar em Zeph a fez se sentir estremecida e desconfortável, fez os dedos dos pés enrolarem e apertar os dedos. Ele era um dos homens mais fortes do universo. Ele se misturou à família dela sem esforço, até ajudou a salvar eles e seus negócios.

Um pouco de paquera, uma noite bêbada alimentada pela liberdade do sucesso, vodka e seu poder avassalador deveria ter sido mais do que suficiente para saciar a sensação de formigamento que ela tinha quando ele estava perto, ou quando seu olhar verde estava sobre ela. Foi mais do que ela jamais permitiu quando usou seus truques nos homens.

Mas ele me fez sentir segura. Protegida.

Bem cuidada.

Por aquele breve momento com ele, a vida tinha sido perfeita. Um homem nunca quis mais dela. Nunca a segurara a noite toda enquanto lutava contra a hipotermia, mantendo - a trancada nos braços dele até que o frio do mar profundo de Kepler foi banido de seus ossos.

Janet esfregou o rosto e olhou para o teto escuro em silêncio. Cada fibra dela estava pesada de exaustão, e ainda assim ela não conseguia dormir.

A porta da cabine se abriu silenciosamente e uma luz azul baixa afugentou algumas das sombras ao seu redor. Ela esperou alguns minutos, olhando além da porta vazia e entrando no corredor silencioso do outro lado. Lily permaneceu inocentemente imperturbável enquanto dormia. *Garota de sorte.*

Janet levantou - se lentamente da cama compartilhada, aliviada pelo colchão grosso e acolchoado mascarar seus movimentos enquanto ela abaixava os pés no chão. Depois de um longo olhar para trás na irmã, ela saiu da cabine, fechando a porta silenciosamente atrás dela.

Uma figura escura esperava logo abaixo do corredor reluzente, sombrio, encostada na parede com a suave luz azul obscurecendo suas feições. Janet lançou um rápido olhar atrás dela novamente para se certificar de que a porta da cabine estava fechada.

— O que é que você fez? Ela perguntou, virando - se e indo direto para *ele.* O homem que ela atualmente se recusou a reconhecer pelo nome.

Ele se afastou da parede, sua expressão sombria, e isso só a enfureceu mais. O Cyborg com um sorriso seguro de repente não estava mais sorrindo. Janet hesitou, mas não deixou que isso a impedisse, recusando - se a permitir que ele a intimidasse ainda mais. Ela ocupou o espaço dele, sua coluna reta o suficiente para desafiar a ciência.

— O que você estava pensando? ela perguntou de novo. — Você *estava* pensando? Eu nem consigo entender o que está passando pela sua cabeça agora. Quem diabos chama você de herói da guerra e paga seu salário sem saber o quanto você é um idiota ilusório?

O canto dos lábios dele se contraiu. As narinas dela se alargaram.

— Por que você nos levou? Estou tentando entender tudo disso. Sua voz era estridente, até para seus próprios ouvidos. — Eu *posso* entender porque você me levaria, *eu,* mas Lily? Ela é uma garota de cinco anos que não fez absolutamente nada com você e não tem nada a ver conosco. Janet deu um passo para trás quando o calor do corpo dele ameaçou queimar o último de seus sentidos. A leve carranca e o brilho escuro em seus olhos quase a impediram de se afastar.

Ela inalou profundamente. — Eu entendo por que você me aceitaria e eu odeio a ideia de que eu possa compreendê-lo, mas se você está pensando em prejudicar minha irmãzinha... Suas palavras morreram em um suspiro quando ela de repente foi esmagada contra seu peito, num grande abraço apertado.

— Eu não peguei Lily. Sua voz saiu abafada quando seus braços se apertaram. — Não de propósito.

Janet virou a cabeça e tentou se afastar dele. — Eu não acredito em você. Cyborgs não cometem erros.

Seu domínio sobre ela permaneceu firme.

Ela fechou os olhos com força.

— Eu não acredito em você, disse ela novamente quando ele não respondeu.

Suas mãos, dedos longos e tudo, pressionaram pesadamente as costas dela, amassando uma resposta.

Um grito rasgou sua garganta. — Eu não acredito em você!

Ela lutou contra ele. O toque dele a queimava da testa até as pontas dos dedos dos pés franzidos; a camiseta velha e o short de algodão que ela usava não eram páreo para o calor dele. Intimidade forçada. Lágrimas escorreram por suas bochechas, porque lutar com ele era como lutar contra um meteoro caindo. Foi uma batalha de mão única.

Seu silêncio foi resposta suficiente.

Os dedos dela se estenderam e subiram, sob os lados da jaqueta dele, procurando por pele. Se ela encontrou ou não, ela cravou as unhas nele com toda sua força. Zeph se contorceu e agarrou a parte de trás do pescoço, afastando a parte superior do corpo. O olhar dela encontrou o dele. Suas unhas cavaram ainda mais, buscando sangue.

Ela parou com horror.

O homem que a encarava não era Zeph. *Era...* Sua boca se abriu, e se houvesse lagrimas não derramadas, elas secaram.

Profundas sobrancelhas franzidas, escuras e arqueadas para o céu e as costas emolduravam dois olhos que a olhavam ameaçadoramente. Os cabelos pretos que ela apontara antes haviam crescido vários centímetros. Um desprezo curvou os lábios do homem, e uma tonalidade verde

fraca surgiu das sombras mais profundas de seu rosto. Algo longo e grosso pressionou - se entre o local onde seus quadris estavam colados.

Ele passou os dedos pelos cabelos dela e agarrou - o dolorosamente, inclinando a cabeça para trás. Seus olhos caíram para a boca dele e ela assistiu aterrorizada enquanto os dentes dele afiavam em pontos.

Janet gritou.

Um suspiro estrangulado ficou preso em sua garganta quando ela pulou na cama. Ela olhou loucamente ao redor. *A cabine...* Seu coração batia forte no peito. *Eu estou na minha cabine.* Janet torceu - se para ver Lily dormindo profundamente ao lado dela. Exatamente onde ela a deixou. *Ela estava agradecida.*

E então seus olhos encontraram o androide pairando ao lado deles. Ela gritou de verdade desta vez. Lily acordou assustada e Janet se moveu para protege - la.

— Oh meu! Oh, senhora Janet e senhora Lily, peço desculpas por assusta – las, disse o androide.

— O que você está fazendo aqui? Janet perguntou, praticamente gritando. — Diga a Zeph para nos deixar em paz!

— Estou aqui para proteger e guardar você com a minha vida. Mestre Zeph me deu o trabalho de maior prioridade nesta nave. Estou honrado em servi - la.

— Nós não queremos ou precisamos de você, disse ela, abaixando a voz e piscando para trás o véu de fadiga. Ela passou o cabelo para trás e fechou os olhos com força,

achando difícil estabilizar seus pensamentos. — Vá embora. Ela se virou para verificar sua irmã. — Você está bem?

Lily assentiu, embrulhada como uma velha, cobertores macios emoldurando sua cabeça. — Você me assustou. Seus olhos azuis pousaram no androide que havia se posicionado contra a parede.

— Eu sinto Muito. O androide me assustou. Janet suspirou e caiu de volta na cama. Então sentou - se de volta. — Espere. De onde vieram todos esses cobertores?— Eles não tinham estado lá na noite anterior.

— Parecia que vocês estavam com frio. Mestre Zeph me disse para cuidar de seu conforto, então eu coloquei mais cobertores.

— Diga ao seu mestre que não queremos nada dele, exceto que ele nos leve de volta a Kepler.

— Vai fazer.

— Mas e quanto a ver o universo? Lily gemeu, saindo de seu caixão de cobertores.

— Eu quero ver meu videogame.

— Que jogo é esse, senhora Lily?

— Vou leva - la para ver o universo mais tarde... Janet começou ao mesmo tempo em que o androide falava.

— Que jogo é essa senhora Lily? o androide perguntou.

— Terraform Zero 18! Lily sorriu de emoção. — Tio Zeph disse que me levaria para Titan!

— Mestre Zeph acabou de me informar que estamos indo para Titã neste exato momento.

Janet fechou os olhos com força e suspirou.

Lily foi à loucura antes que Janet pudesse abrir a boca para dizer não. A irmã saiu do último cobertor e começou a pular na cama.

— Titã, titã, titã! Lily cantou.

Cinco minutos depois de acordar, Janet já estava com dor de cabeça. *Eu era tão ruim quando criança?*

Seus pés atingiram o chão e ela se aproximou do androide, apontando o dedo.

— Você diz ao seu mestre que o que ele está fazendo está errado. Ela esfaqueou o dedo na placa do peito. — Se você quiser permanecer vivo, Cyborg, leve - nos para casa agora! Ela se virou e se abraçou murmurando: — Se eu não te matar primeiro.

— Mestre Zeph deseja boa sorte, senhora Janet.

— Titã, titã, titã! Lily continuou a cantar.

Janet exasperou se. *Titã?* Ela nunca tinha ouvido falar desse planeta, mas conhecendo Zeph e do que alguém com sua quantidade de poder era capaz, ele provavelmente tinha os meios para comprar e nomear um apenas para inferno. *Só para me irritar.* Ela rangeu os dentes.

O androide se moveu em direção a Lily e Janet se colocou entre eles.

— Não chegue perto dela. Volte, ela avisou, mas sua irmã saiu da cama e passou correndo por ela para ficar diante dela. — Não tão rápido. Seu coração disparou e ela pegou Lily nos braços.

— Qual o seu nome? Lily perguntou.

— Deixe - nos em paz, disse Janet, tentando entender a situação. Ela ainda estava se recuperando do pesadelo.

— Volte para o seu vilão.

— Sou conhecido como Bin - one, número de modelo padrão. Eu não tenho nome, disse o androide, ignorando o pedido dela.

Janet tirou a irmã de perto do androide e virou - se para o banheiro do outro lado da sala, vagamente consciente de que toda a destruição que ela havia feito no dia anterior, havia desaparecido. Até as prateleiras de vidro foram substituídas por plástico. Uma pequena parte dela estava agradecida, outra parte maior estava irritada. A cabine dela era à prova de crianças e ela sabia que não era por causa de Lily.

Eu não posso nem deixar uma marca. Eu nem consigo encontrar conforto nisso. Ela fumegou enquanto carregava a irmã para o banheiro para se limpar.

— Por que você não tem um rosto!? Lily gritou por cima do ombro, fazendo - a estremecer.

Janet verificou se o robô não as estava seguindo e ficou rapidamente aliviada ao descobrir que permanecia entre a cama e a porta. Ela fechou a porta do banheiro atrás deles e soltou um suspiro pesado. Seu coração batia forte no peito e, no entanto, tudo o que ela queria era voltar para a cama e voltar a dormir. Ela decepcionou a irmã e tocou o pescoço dela. *Ele me drogou?*

— Eu quero brincar com o robô, sua irmã choramingou.

— Não até nos prepararmos para o dia.

— Pai disse que não há dias no espaço, então eu quero jogar *agora.*

— Pai também disse que você poderia ser um Cyborg quando crescer. Você realmente não acredita nele, não é?

Lily fez beicinho, mas depois assentiu.

Janet assentiu estoicamente de volta. — Está resolvido então. Hora de se limpar. Não faz sentido ficar doente com as mãos sujas antes de ter a chance de ver as estrelas. E por estrelas, Janet se referia àquelas do lado de fora das vigias da nave, as que passariam a caminho de *casa.*

Ela olhou em volta e ficou surpresa com o que encontrou no banheiro. Mudou desde que ela tentou inundá - lo. Substituído completamente de um sistema padrão para o luxo. Era perfeição de ponta e espaçosa o suficiente para acomodar a ela e a Lily.

Ela levantou os olhos para o teto. *Cyborgs.*

Lily explorou enquanto fazia um balanço das mudanças. Em vez de apenas um chuveiro, havia agora um chuveiro e uma banheiras separadas, pias duplas, e tudo o que ela tocou estava quente em sua pele.

— Presentes!

Ela se virou para ver o que Lily estava animada. Ali, em cima de um balcão, havia uma caixa de plástico. Dentro havia uma pilha de roupas macias e, além disso, todos os produtos de higiene pessoal que ela ou Lily poderiam precisar. Incluindo brinquedos e fraldas.

Lily é velha demais para fraldas. Janet sorriu com a óbvia confusão de Zeph.

Trinta minutos depois, ela e Lily estavam ambas vestidas com trajes simples; calça preta, camisas cinza justas com um logotipo EPED nas costas e jaquetas forradas de lã para combinar. As roupas lhe caíam confortavelmente, a mantinha quente do frio do espaço e, no entanto, era folgada para impedir que fosse sufocante. A única diferença entre ela e Lily era que a jaqueta de Lily era um rosa suave.

O androide se foi quando ressurgiram pouco tempo depois. Ela examinou a área completamente de qualquer maneira, meio convencida de que sairia de uma das paredes. Quando ela teve certeza de que tinha sumido, Janet dobrou as roupas de dormir e as colocou na cama.

Ela mal tinha terminado quando um *pingue* soou na porta.

— Eu atendo, disse Lily, pulando de onde estava sentada no sofá, tentando descobrir alguns dos brinquedos.

— Não! Janet interceptou. — Estamos em um lugar estranho. Nunca abra a porta para estranhos.

— Zeph não é um estranho. Robôs não são estranhos.

Janet jogou Lily de volta para seus brinquedos sem responder e abriu manualmente a porta uma polegada para espiar. Bin - one estava do lado de fora com uma bandeja de comida.

Suas narinas se encheram de aromas de ervas e carne assada e ficou com água na boca.

— Trouxe sustento para você e a senhora Lily. Mestre me garantiu que você estaria com fome.

Sua barriga escolheu aquele momento para rosnar em resposta. Ela se encolheu, mas olhou para a oferta. — O que é isso?

— Aves assadas do planeta Kepler, grãos e arroz temperados em sua gordura, e purê de batatas do replicador. Mestre Zeph decidiu o cardápio.

Parecia delicioso e cheirava ainda melhor. Ela abriu a porta e pegou a bandeja.

— Não, senhora Janet, vou coloca - lo sobre a mesa. Bin - one passou por ela, erguendo a bandeja acima da cabeça e entrou na sala antes que ela pudesse pará - lo. O cheiro de café quente seguia o androide e seu estômago roncou novamente.

— Eu não te autorizei a entrar, disse ela, observando entorpecida o androide colocar um prato na frente de Lily e produzir um babador para ela.

— Eu não preciso da sua autorização se eu tiver a do mestre. Por favor, coma. Ele tirou várias xícaras e encheu uma com café e a outra com água. Ela pode ter tido vontade de lutar contra a oferta, mas o aroma de grãos moído tomou conta de sua mente e Lily já estava fazendo uma bagunça.

Janet se virou e enfiou a cabeça pela porta para verificar o corredor. Seu olhar pousou em Zeph encostado na parede do outro lado. Ele sorriu, acomodando - se mais confortavelmente contra a parede. Ela bateu a porta e se moveu trêmula para se sentar ao lado de sua irmã. Seus traços característicos permaneceram em sua cabeça.

Ela pegou o café.

— Você tem um coração, Sr. Robot? Lily perguntou, atraindo a atenção de Janet de volta para ela. Ela observou, irritada, o androide cortar a carne em pedaços pequenos para sua irmã.

— Não tenho, senhorita Lily.

— Isso significa que você não está vivo?

Janet tomou um pequeno gole, encontrando seu combustível exatamente do jeito que ela gostava. Com açúcar e tudo.

Bin - one largou os talheres lentamente antes de responder à irmã. — Sou uma extensão dos humanos que me criaram, então, de certa forma, estou vivo, dizia. A tela em seu rosto produziu um sorriso assustador.

— Mas você não tem coração? Pai diz que todos os seres vivos têm um.

Um grande coração rosa substituiu o sorriso enervante no rosto do androide. — Este é o meu. A imagem do coração ficou maior e menor para enfatizar cada palavra.

Lily balançou animadamente, enviando arroz voando por toda a mesa.

— Heartface, Heartface, Você tem um rosto de coração!

— Só para você, senhorita Lily.

Janet tomou outro gole. Ela olhou para o androide, esperando que Zeph sentisse sua fúria, sabendo que ele provavelmente poderia espioná - los através da tecnologia.

Ela precisava de um plano e não podia ser qualquer plano, tinha que ser racional. Tinha que ser astuto. Imprevisível.

Algo que eu sou capaz.

Obviamente, ela poderia seduzi - lo, fazê - lo se apaixonar por ela e atravessar profundamente sua pele até que ele desse a ela tudo o que ela queria. Foi fácil. Ele a roubou por um motivo, o que significava que ela já estava na metade do caminho. Janet olhou brevemente para a irmã.

Havia química entre ela e Zeph, mais do que ela jamais admitiria em voz alta, mas a confiança havia sido quebrada. Se Lily não estivesse na foto, Janet já estaria brincando. A manipulação veio naturalmente para algumas mulheres, mas para ela, foram necessários anos de prática. Houve um tempo em que ela tinha sido ainda mais distante e estranha do que Rylie. Quando ela foi a segunda melhor em tudo.

Ela apertou os lábios, seu olhar voltando para o Bin. *Eu poderia entrar na rede e pedir ajuda.* Ela ignorou a ideia imediatamente. Zeph nunca seria estúpido o suficiente para permitir que isso acontecesse. Afinal, ele era um ciborgue e eles viviam digitalmente. Se ela tivesse a chance de embarcar, aceitaria, mas não era confiável o suficiente para ser um plano.

Eu poderia mata - lo ou imobilizá - lo... Seu coração ficou pesado. Como alguém como ela faria isso com um ser que poderia mata - la com um único dente ou unha? Não que ela não achasse que era capaz de fazê - lo, mas ela não achava que podia. Ela precisaria de acesso à rede para descobrir como e ela já sabia que isso não iria acontecer.

Maldito seja, Zeph.

Ela olhou com raiva.

— A partir de agora, seu nome é Sr. Heartface! Lily disse enquanto mastigava, sujando molho no queixo.

Janet bebeu o resto do café e, sacudindo a cabeça com uma gargalhada, pegou um guardanapo próximo.

Cinco

Zeph carregou a bateria em sua arma, uma arma StarNaught carregada com capacidade de encontrar alvos. Hector bufou, olhando para a arma enquanto embainhava sua faca e silenciador.

"Isso não vai funcionar", disse Hector, apontando para a arma de Zeph. "Você pode causar mais dano em sua forma deslocada do que jamais faria com essa arma."

Zeph pegou a bateria com a palma da mão e inalou o ar tóxico. Havia um fogo queimando em algum lugar a bordo da nave. As luzes no alto piscaram um aviso vermelho ameaçador. Ambos os Cyborgs o ignoraram.

"Isso pode ser verdade, mas com isso posso matar mais rapidamente à distância." Zeph virou a mão e o biosuit se afastou para revelar a carne do pulso. Um holograma apareceu no espaço acima dele."

Nightheart estava enviando uma mensagem para ele. O sinal foi transferido para Hector ao mesmo tempo e seu parceiro apertou sua mão com um grunhido. "O filho da puta simplesmente não para."

"Ele nos quer para o seu novo projeto." Zeph apertou sua mão também e o holograma desapareceu. As nanofibras de seu biosuit se enroscaram em volta de seu pulso e retornaram o traje à sua forma original.

Em algum lugar distante, uma explosão sacudiu a nave. Zeph ajustou sua entrada de áudio quando os gritos começaram. Gritos eram uma distração.

Seu parceiro caminhou até a porta aberta e abaixou a cabeça no corredor, verificando o comprimento dos dois lados. "Ele não aceita não como resposta."

Zeph deu um pulo na cadeira de comando. A sala girou em torno dele, e todo o som foi reduzido a um toque distante. Ele tentou ouvir tudo o que estava acontecendo dentro de sua cabine enquanto as meninas jantavam. Vozes abafadas e distorcidas lentamente se tornaram mais compreensíveis, como se ele as estivesse ouvindo debaixo d'água e apenas quebrasse a superfície.

Seus olhos voltaram para a tela do console. Janet não confiava no androide, mas ele não podia culpa - la. Ela também não confiava nele. Ele reproduziu os registros gravados da nave em alta velocidade, garantindo que não havia perdido nada importante.

Ele tinha um trabalho especial para a Bin - one, ele já estava entrando nos sistemas do androide quando ele voltou a ficar diante dele com uma bandeja vazia. Ele reconfigurou a codificação altamente elaborada em sua Bin emitida pelo EPED de uma maneira que resultaria na autodestruição do robô se ele se conectasse a uma rede monitorada pelo EPED. Isso não importava. Não era como se o EPED o fosse ver novamente, mas ele levaria seus segredos para o túmulo. Aquele desgraçado Nightheart já suspeitava demais.

Zeph olhou para os pratos sujos na bandeja e pegou a xícara de que Janet estava bebendo. Ele lambeu a borda e estremeceu. Pequenos traços de sua saliva explodiram em seu paladar, enfatizados por suas nano células. Isso o alimentava como a Janet, que se alimentava do café. Ele deixou Bin - one para trás.

Ele correu pelos corredores em direção ao laboratório, copo na mão, as portas da nave se abrindo e fechando quando ele passou por elas. Pequenas protuberâncias empurraram e sondaram a parte de baixo de sua pele, ameaçando rasgar enquanto lutavam para permanecer contidas. No momento em que as portas de seu laboratório se fecharam atrás dele, ele rasgou o material de suas roupas e passou a mão em torno de seu pau inchado.

Zeph chupou por toda borda da xicara, procurando um último sabor de sua refeição, sua língua passando por dentro e por cima da xícara, procurando, esperando por mais traços dela. Ele se curvou um pouco e bombeou seu pau. Ele pulsou dentro de sua palma, o metal e as veias sob a pele se formando com pressão. Ele apertou sua base enquanto as ondulações cresciam e se espalhavam por sua pele. Estava bom. Tão bom *pra caralho*.

O copo caiu de sua mão quando ele veio, batendo no chão quando seus grunhidos se transformaram em um gemido longo e áspero. As sementes caíram no chão em jatos espessos e claros, aliviando parte da pressão em sua virilha.

Zeph endireitou - se com nojo e limpou o excesso de esperma da mão sobre a coxa.

Seu punho bateu na parede. O metal cedeu sob a força, deixando um grande estrago.

Ele amaldiçoou. Janet nunca poderia saber o quão obcecado ele estava com ela, e se tivesse sorte, não se lembraria da interação deles na noite anterior. Não seria nada além de um sonho induzido pelo estresse. Mas isso o deixou com outra preocupação: sua necessidade por ela o estava desestabilizando. Ela não estava cedendo a ele como ele esperava.

Zeph enfiou a mão livre nos cabelos. Ele precisava controlar sua merda.

Chutou suas roupas arruinadas para o lado, pegou a xícara e foi para o seu recipiente de armazenamento anexado ao seu laboratório.

Dentro havia o resto de sua equipe, seus andróides, seus outros Bins que estavam em estado de êxtase desde a sua chegada semanas atrás em Kepler. Bin - one havia permanecido na ponte para aumentar a segurança, mas agora tinha um trabalho muito mais importante encarregado.

Os outros ganharam vida quando ele se aproximou.

— Mestre, o que você precisa de nós? Bin - dois perguntou. Ele avançou, sua tela facial iluminando o espaço entre eles.

— Siga o protocolo padrão. Coloque a *Opression* no bloqueio da rede, exceto os servidores de laboratório e a ponte. Não quero acesso à rede para nenhuma outra parte da nave, incluindo a tripulação. Nenhum dado sai deste

nave. Não responda a nenhuma solicitação de ping em nenhuma circunstância.

— Sim mestre. Bin - dois parou por um momento.

— Está feito.

Zeph olhou além do androide e para a parede do outro lado, meio concentrado em conter o demônio dentro dele, meio concentrado nas fêmeas que dormiam em sua nave. Foi uma bênção e uma maldição ser um organismo cibernético. Estar sozinho era tão relativo quanto à força de sua conexão com a tecnologia. Se havia mesmo a linha de um sinal elétrico, seu tipo estava conectado a ele, apesar de qualquer esforço para não fazê - lo. Os inchaços que saíam de sua carne pioraram quando um calafrio percorreu seu corpo antes de retroceder.

Bin - dois continuou a encará - lo enquanto o resto dos andróides saía do espaço para tripular sua nave. — Mais alguma coisa, mestre?

Ele desviou o olhar da parede. — Não permita que a IA *da Oppression's* volte a ficar online. Eu estarei encarregado da navegação e comunicação. Ele se concentrou nas irmãs adormecidas em sua cabine. — Existem outras duas a bordo conosco. Elas não têm acesso a nenhuma tecnologia desnecessária. Você não deve receber nenhum comando a menos que seja para seu conforto natural. Se qualquer um tentar confundir ou manipular você, notifique me imediatamente.

— Sim mestre.

— Você está dispensado agora. Zeph virou - se para encontrar uma roupa nova, de preferência roupas sem um toque de lavanda agarrada a elas.

Horas depois, ele se viu do lado de fora do quarto de sua cabine, ouvindo novamente as respirações suaves e os batimentos cardíacos ainda mais suaves vindos de dentro. Os habitantes não haviam deixado seus aposentos nenhuma vez. O cheiro de Janet quase desapareceu do resto de sua nave.

Ela não pertencia a um planeta como Kepler, casando - se com um imbecil chamado Steven. Zeph rangeu os dentes juntos. *Ela pertence a mim.*

Depois de um longo momento, ele acalmou seus códigos de extermínio e liberou o excesso de calor assassino de seu sistema.

Maldito Steven. Do primeiro ao último encontro, o petulante ajudante da fazenda o fez querer sentir como era esmagar uma traqueia com as mãos. Sem armas. Sem dentes. Mas uma morte seca e silenciosa.

Zeph olhou para baixo e viu sua pele ficar verde.

Está ficando pior.

Ele olhou para a porta ansiosamente.

De alguma forma, a distância entre ele e aquelas dentro da sala ficou mais distante. Ele pressionou a mão na porta e suspirou, desejando poder ver através da parede naquele momento.

Talvez se ele fizesse Lily amá - lo... Sua irmã mais velha seguiria rapidamente.

Desgraçado.

Janet poderia pegar tudo dele. Ele não precisava de um filho para ajuda - lo, embora ele não fosse honrado o suficiente para não usar todas as armas em seu arsenal. Zeph atribuiu a culpa a sua codificação, suas táticas militares arraigadas, mas essas eram todas desculpas muito convenientes. Ele não estava tentando ser desculpado. Ele queria ser convidado.

Passos se aproximaram da porta por dentro e ele recuou um passo, seus músculos tensos. Ele pensou que estava pronto para ser envolvido novamente pelo perfume de Janet, mas mal abafou um gemido quando a porta se abriu lentamente.

Seus olhos se encontraram através da fenda.

A adorável sobrancelha de Janet se enrugou quando um sorriso se formou em seus lábios.

— Por que não estou surpresa? ela sussurrou, olhando de volta para o quarto por um momento antes de abrir mais a porta e sair. Ele viu Lily dormindo na cama um momento antes da porta se fechar atrás dela. Janet entrou na passagem, aproximando - se dele livremente.

— Eu precisava falar com você. Você abriu a porta antes que eu pudesse bater. Zeph acenou com a cabeça em direção à sala. — Ainda bem que não fiz. Lily está bem?

— Não finja que se importa com ela. Janet cruzou os braços. — Você está nos espionando através do androide?

Atirador direto. Zeph encolheu os ombros. — Se você quer ouvir, com certeza. É uma boa maneira de verificar você

quando não consigo me aproximar. Qual era o sentido de mentir agora?

— E quanto a nos olhar através disso? Vou encontrar uma maneira de desmembrá - lo se você estiver nos observando.

O sorriso dele desapareceu. — Eu não estou te observando.

— Como sei que você está dizendo a verdade? Lily é apenas uma criança, disse Janet, apertando os braços no meio. — Precisamos de nossa privacidade. Nós merecemos isso.

— Você realmente pensa tão pouco de mim? A voz dele baixou. — Você sabe que eu faria qualquer coisa para manter você e Lily seguras. Mesmo de mim, de vocês mesmas. Se eu quisesse assistir você, eu a forçaria a permanecer ao meu lado.

— Então você não está nos observando?

— Não, pelo amor de Deus. *Agora me pergunte se estou lambendo as coisas que sua boca tocou.*

Janet suspirou e seus braços se soltaram para cair ao lado do corpo. — Eu acredito em você. Ela levou a mão à bochecha. — Eu odeio isso, mas, ela desviou o olhar dele e olhou em volta deles, — estou falando sério Déjà vu.

— Bem - vinda ao espaço profundo, disse ele apressadamente.

— Nós precisamos conversar.

Então vamos conversar.

Janet se pôs de pé e, sem lhe dar as costas, abriu a porta da cabine e olhou de novo para o quarto. Ele poderia ter dito a ela que Lily estava entrando em um ciclo REM, mas isso seria um pouco estranho demais. Embora, sabendo essas coisas não fosse estranho para ele.

Ela voltou - se para ele. — Eu não quero deixa - la, ela sussurrou. — E se ela acordar e eu não estiver lá?

Zeph deu um passo em direção à sala e ignorou o endurecimento imediato de Janet quando ele abriu a porta para olhar. A sala estava impecável, exceto pelos brinquedos espalhados pelo chão e a mesa de jogos na mesa.

— É por isso que você tem uma babá, ele sussurrou de volta enquanto olhava em direção a Bin - one. O androide foi preso dentro do banheiro.

— Esse androide?

Ele podia sentir a respiração dela contra o braço dele. Ele inalou profundamente e o perfume de lavanda de Janet encheu seu nariz. Zeph trouxe o Bin silenciosamente. Ele ordenou que se sentasse e o fez sem hesitar enquanto verificava três vezes para garantir que não saísse do lado de Lily. Janet permaneceu quieta ao lado dele. Zeph fechou a porta.

— Sim. Eu reprogramei - o para combinar com o bot de puericultura padrão no mercado. Você não teve um igual quando estava crescendo?

Ela balançou a cabeça. — Não.

Ele se afastou. — Eu serei alertado no momento em que ela acordar.

— E quanto a mim? Também posso ser alertada? Eu gostaria de tirar você dessa equação.

Excitação. Ele rangeu os dentes, mas levantou um sorriso preguiçoso de qualquer maneira. — Certo. Me siga. Zeph não esperou por ela enquanto voltava para o laboratório. Quando chegou ao fim do corredor antes da próxima curva, olhou para trás. Janet permaneceu onde a deixou, parada imóvel.

Eu posso ser paciente.

Poderia ele? Mesmo agora, os músculos ao longo de suas costas doeram dolorosamente, puxando sua pele para dentro, como se a coisa lá dentro quisesse que ele implodisse. Ele inclinou a cabeça, observando— a.

Janet deu um passo na direção dele, e depois outro, e outro antes de abaixar os olhos e se recusar a encontrar os dele. Quando ela o alcançou, ele a levou para sua coleção quase vazia.

As gaiolas de vidro corriam pelas laterais, com portas e computadores entremeados. No centro, havia um estrado redondo, ligeiramente elevado, com um console circular e sistema de controle. Ele geralmente tinha vários androides ocupando o espaço, mas como o laboratório estava vazio, exceto por algumas plantas alienígenas, ninguém vigiava a sala.

Na parede oposta ao lado da instalação de armazenamento estavam seus troféus, cada um em uma sala em que claramente não pertenciam. O laboratório era todo de vidro, plástico branco e móveis de metal, com instalações sem

cheiro e completamente lavadas. Os troféus acrescentaram um toque de cibermanidade à existência de outra forma gritante da sala.

Ele assistiu em silêncio enquanto Janet se familiarizava com o laboratório, caminhando lentamente em direção à coleção dele. Zeph foi em direção ao seu sistema de controle central e aumentou o calor.

Ele muitas vezes esquecia como os seres humanos eram sensíveis à temperatura. Sua própria composição biológica o impedia de sentir muita coisa.

— Onde você colocará a cabeça do monstro de Kepler? Janet perguntou do outro lado da sala enquanto olhava para as cabeças montadas na parede.

— Ainda não descobri isso. Nunca imaginei que eu enfrentaria algo tão grande. Talvez a ponte? *Eu posso conversar. Eu posso fazer o que você precisa.*

— Não há espaço na ponte. Quase não há espaço para isso nesta parede, mesmo se você derrube todo o resto. Onde está agora?

— Na doca de carregamento.

Ela olhou para ele. — Não vai apodrecer?

— Não na câmara em que está. Zeph pegou um receptor deitado no console e o emparelhou com Bin - one. — Aqui, pegue isso, disse ele, diminuindo a distância entre eles e indo para o lado dela. — Está emparelhado com o Bin - one. Agora você poderá acessá - lo remotamente e receber suas atualizações.

Ela pegou o fone dele sem tocar nos dedos dele. — Posso perguntar coisas remotamente?

— Sim. Empurre o dedo por cima para fazer uma conexão. O alcance é bem curto, apenas várias centenas de quilômetros no espaço e muda de acordo com as condições atmosféricas do planeta durante o uso. Embora isso não considere a corrupção do sinal.

Janet estudou a pequena engenhoca, virando - a com dedos ágeis e calejados. Ele lembrou como eles se sentiam deslizando por sua pele. Ela pressionou o dedo no topo.

— Lily ainda está dormindo?

Ele queria que ela se importasse tanto com ele quanto com sua irmã.

— Sim, senhora Janet, disse a voz do androide suavemente.

— Obrigado, disse Janet no fone antes de abaixá - lo. Os lábios dela nem roçaram e ele já o queria de volta simplesmente porque ela havia respirado. Ela olhou para ele.

— Isso já durou o suficiente. Você precisa nos levar para casa.

Seis

Janet inalou e esfregou os braços. A jaqueta ajudou com o frio, mas não fez nada para protege - la quando se tratava do rosto devastadoramente bonito de Zeph. Embora os homens tivessem tentado repetidamente intimidá— la no passado, o Cyborg estava em um nível próprio. Sua respiração acelerou na presença dele, seu olhar mudou na direção dele, e ela sempre quis entrar no espaço dele e passar os dedos pelo peito dele. Ela também queria correr gritando para a cama e se esconder debaixo das cobertas.

— Eu não posso, disse Zeph. — Pelo menos não agora. Quando eu planejei...

— Você planejou? Você planejou isso? ela perguntou incrédula.

— Para levar você! Foda se sim, eu planejei isso. Comecei no dia seguinte ao encerramento do caso de sua família, quando você começou a fingir que eu não existia mais. Quem diabos faz isso? Então, sim, eu planejei isso. Zeph deu um passo em sua direção. — Eu queria te abalar por ser indiferente em relação a mim. Você nem me olhava nos olhos. Salvei sua *vida*, segurei você à noite para mantê - la aquecida e você agia como se isso nunca tivesse acontecido.

Não posso te olhar nos olhos porque eles fazem meu coração disparar. É mais fácil mostrar uma indiferença. Porque é mais fácil para mim deixar você antes de você me deixar.

Ela não podia dizer nada disso, nem em voz alta, não mais.

— Foi uma aventura. Você já ouviu falar disso, certo? Duas pessoas se reúnem por um curto período de tempo e se divertem, as palavras queimavam quando ela as disse, — Então termina e seguimos caminhos separados. Nenhum dano, nenhuma falta.

Zeph rosnou, sua expressão endurecendo a cada palavra que saía da boca dela, e seu cabelo ficou de âmbar a preto em um instante. Janet engoliu em seco. Quando ele se moveu para entrar seu espaço, lembranças tênues ressurgiram, sua sensação de déjà vu retornando.

Ela recuou na parede de troféus, assustando - se.

— Diga - me então o que é isso, disse ela, com a voz baixa. — Diga - me que você não estava pensando em sair depois de um trabalho bem feito? Essa era a intenção o tempo todo, não era?

Suas mãos subiram contra a parede de cada lado dela, prendendo - a apenas o suficiente para saber que ele não estava tocando. Ela desviou o olhar dele e avaliou as brechas entre eles que ela poderia passar, caso precisasse fazer uma fuga rápida.

— Você não vai conseguir, ele murmurou, parando seus pensamentos.

Janet sacudiu a cabeça. — Diga - me qual era sua intenção.

— Minha intenção? Ele se inclinou para mais perto para nivelar seu olhar com o dela, compartilhando o mesmo

espaço para respirar. — Minha intenção era fazer o trabalho para que eu pudesse sair de um planeta remanescente e voltar à minha vida real. Minha intenção era terminar o tratado com Quinten Montihan no mesmo dia em que cheguei ao seu lugar, tirar Nightheart da minha bunda e deixar Netto na cidade fantasma.

A testa dela franziu. — Por quê?

— Eu planejei desaparecer.

— Eu não entendo... Seus dedos se curvaram ao lado do corpo. Ela agarrou o receptor como uma tábua de salvação. — Você não trabalha para o EPED?

— Eu trabalho para esse merda do Nightheart. O EPED pode ir para o inferno.

A testa dela se enrugou ainda mais quando ela procurou o rosto dele, as linhas finas e aqueles olhos verdes emoldurados por cabelos pretos da meia— noite que caíam abaixo de suas orelhas. Ele parecia diferente quando seu cabelo mudou. Janet chupou o lábio inferior. Zeph se aproximou e o calor pesado e sufocante do Cyborg envolveu seu corpo.

Ela lembrou como ele se moveu. A maneira como seu corpo deslizou sobre o dela. Embora tivesse tomado alguns drinques e já fosse tarde da noite, lembrou - se do quanto queria perder o controle. Perder - se em seus braços. Ser desejada, realmente desejada, por algo mais do que apenas sua aparência.

Não tenho nada além da minha aparência. Janet sentiu sua resolução desaparecer quando a frustração brotou dentro

dela quando ela não conseguiu entender as mesmas ideias que Rylie teve com facilidade. Era difícil tentar e falhar, repetidas vezes, viver de acordo com um padrão que estava além dela.

— Zeph, ela sussurrou, abaixando os olhos. — Eu não posso desaparecer com você. Mesmo quando ela o negou, a perspectiva parecia maravilhosa.

— Por quê? A boca dele estava logo acima da dela.

— Você confiou em mim uma vez. Você pode confiar em mim novamente.

— A única coisa em que sou boa é cuidar da minha família. Eu preciso levar Lily para casa. *Você* precisa levar Lily para casa. Não há como seu desaparecimento ainda não ter sido relatado.

Ele levantou a cabeça apenas o suficiente para ela respirar novamente.

— Eu vou leva - la para casa.

Janet ficou rígida, os olhos arregalados. Ela esperava lutar com ele a cada passo do caminho. Na cabine, ela passara horas discutindo maneiras de convencê - lo de manipulá - lo a cumprir suas ordens.

— Sério? ela perguntou, um pequeno fio de esperança aliviando seus músculos tensos.

— Sim. Vou levar Lily para casa. Zeph suspirou e se afastou, passando a mão pelos cabelos. Ela queria beijá - lo naquele momento — Mas não posso agora.

— O que? Por quê?

— É muito perigoso.

— Para você, você quer dizer?' Janet acusou suavemente, sua repentina esperança vacilando. — É perigoso para você. Deixe - me adivinhar, você tem o governo atrás de você? Você tem o dinheiro e a influência dos meus pais sentados como brasas sob seus pés. Janet agarrou seu braço quando ele tentou se afastar dela. — É isso? O que acontece com um ciborgue que infringe a lei? Você vai para a prisão? Alguém tem um interruptor para você?'

Zeph girou sobre ela e bateu as costas contra a parede, arrancando as palavras da boca e o ar dos pulmões. Choque a percorreu quando seu corpo pressionou o dela. Ela tentou mover o rosto para o lado, mas a mão dele subiu para agarrar o queixo dela. Isso machuca. Doía como doía olhar para ele e imaginar mais.

Ele afrouxou a mão depois de um longo momento antes de deslizar para agarrar o pescoço dela. Tremores a percorreram. Ele apertou, e arrepios formigaram sua carne. Seu aperto era forte o suficiente para fazê - la engolir com a incerteza e o desejo nublando sua mente, porque não importava o quanto ela lutasse, seu corpo ainda o desejava.

Janet arqueou as costas e olhou nos olhos dele. Eles estavam brilhantes e ameaçadores, reptilianos e errados. A pele abaixo da linha do cabelo começou a nublar em verde, chamando a atenção para as terríveis diferenças no homem que ela conhecera. A mão dele caiu do pescoço dela e agarrou sua jaqueta, girando - a para rasga - la violentamente de seu corpo.

Ela gritou e bateu as palmas das mãos contra a parede, acidentalmente derrubando um dos monstros troféus de Zeph no chão.

— Jaaanet. O sussurro profundo e deslizante encheu seus ouvidos. Suas costas estavam cobertas de calor e ela sabia, sem sentir, que Zeph a protegia da cabeça aos pés. Ela descansou a testa contra a parede enquanto unhas afiadas roçavam seu pescoço, coluna vertebral e cóccix, abrindo pequenos buracos na blusa, apenas para terminar com duas mãos grandes agarrando sua cintura. Ele puxou seus quadris para trás e a pressionou contra sua ereção. — Jaaanet, pare de lutar comigo.

Ela fechou os olhos com força. — Eu não estou lutando...

As luzes piscaram no alto e a sala desapareceu na escuridão.

A voz dele deslizou em seu ouvido novamente. — Eu posso sentir seu cheiro a uma milha de distância As pontas dos dentes dele pressionaram seu lóbulo da orelha.

— Sinto o cheiro de lavanda a bilhões de quilômetros da Terra. Sou viciado nisso.

— Por que você está fazendo isso?

— Porque é muito perigoso leva la de volta para Kepler. Porque ninguém diz *não* para mim sem se arrepender. Você pode ter pensado em me seduzir para conseguir o que quer, talvez até tenha se convencido de que é pelo maior serviço de levar sua irmã para casa, mas isso não tem nada a ver com ela. Ele pressionou suas costas,

empurrando - a contra a parede. — Mas você vai me foder de qualquer maneira, apesar de ela estar aqui ou não. Convença - se de tudo o que quiser, se isso te fizer feliz, mas saiba que você é *meu* maldito troféu, e eu estou mantendo você. Ele a soltou e ela ofegou, deslizando pela parede e ajoelhando - se. As luzes acenderam quando ela se virou para olhá - lo.

Ele ficou de pé sobre ela, bloqueando a luz de cima e roubando sua capacidade de formar palavras. — Zeph... ela engasgou, odiando - se por sentir falta do calor do corpo dele.

— Eu não estou fodendo, Zeph.

O interfone da nave apareceu no alto, quebrando a tensão do pesadelo. A voz de Bin preencheu o espaço, mas Janet mal ouviu. Seus olhos continuaram colados ao Cyborg que se erguia sobre ela.

— Mestre, há uma frota de naves do lado de fora solicitando sua rendição imediata.

Sete

Gunner

Um turbilhão de números girou em torno da cabeça de Gunner. O equivalente matemático de uma orquestra sinfônica tocando sem tocar. *Então essa é a rede de defesa de Zeph.* Gunner pensou consigo mesmo, rosnando através do caos. *Não é ruim. Isso impediria a maioria dos hackers humanos ou até alienígenas. Pena que ele não investiu em algo um pouco mais perigoso.*

A presença de Gunner foi passada através do algoritmo de randomização em loop e profundamente nos relés *da Oppression's* . Ele estava se movendo rápido demais para a nave ajustar suas táticas defensivas. Uma pequena sub - rotina, isolada em um único processador, chamou sua atenção ao mergulhar cada vez mais fundo no ciberespaço em direção à unidade lógica central. Ele piscou e pulsou como se estivesse respondendo a algum tipo de entrada do usuário. *Eu me pergunto o que ele está tentando esconder* , pensou o chacal enquanto perseguia o processo.

...

Heartface aceitou os parâmetros do jogo, os mesmos parâmetros padrão que a senhora Lily havia lhe dado desde o primeiro jogo.

O algoritmo começou.

Heartface estava destinado a perder para sempre. Foi programado. A felicidade da senhorita Lily, dentro das condições fornecidas por Zeph, era a prioridade do robô. Seu feed visual piscou. A tela do robô ficou preta.

Heartface perdeu sua jogada.

O jogo desapareceu.

...

— É sua vez!

Gunner levantou a cabeça do robô, examinou a sala e baixou o visual. Quando ele percebeu que a sala estava vazia, voltou - se para a menina.

Azuis brilhantes olharam para ele.

— Você deve ser Lily. Sua voz saiu muito mais suave e muito mais alta do que ele gostaria. — Que porra é essa?

Uma risada estridente atrapalhou seus esforços de diagnóstico.

— Senhor Heartface, não fale palavrão! Vou começar a garota ameaçou com um sorriso.

— Senhor Heartface? Gunner cuspiu.

— Por causa do seu rosto

— É um então ele lembrou que havia hackeado a inteligência artificial mais próxima de seu alvo. Ele deve estar em uma das tripulações andróides de Zeph. Não é a IA da nave do Croc. Gunner terminou seu diagnóstico em tempo recorde provando sua teoria correta. *Confie nesses cálculos.*

Pelo menos ele — e a inteligência de Heartface — podiam dizer que a garota diante dele era de fato feminina. Essa era uma informação que ele nunca consideraria certa novamente.

Graças à merda de armas. Ele se concentrou nela e em sua conversa interminável.

— Agora é o alvo, disse ele, mudando a imagem projetada em seu rosto de vidro.

Os olhos de Lily se arregalaram e sua expressão feliz mudou para ponderação, enquanto seu olhar inocente permanecia nele. Gunner olhou para trás, encontrando seu olhar firme cada vez mais desconfortável.

— Como quando treinamos com armas, disse Lily antes de sorrir novamente.

— Sim... O que? Se ele fosse capaz de estreitar os olhos, ele teria naquele momento.

— Ma e Pa só me deixaram assistir. Ainda não sou velha o suficiente.

Sua curiosidade despertou. — Velha o suficiente para quê?

— Atirar em um alvo. A voz dela aumentou. — É sua vez!

Havia fios presos ao coração de um Cyborg que eram melhores serem deixados em paz, mas esses fios irritantes haviam despertado vida pela primeira vez. Gunner zombou e olhou para a tela que estava segurando. As letras brilhantes e piscantes indicavam de fato que era *a* vez *dele* . Terraform

Zero 18. *Um jogo com dezoito edições? O que há de errado com os humanos? Faça certo da primeira vez.*

Ele ignorou a codificação de Heartface e optou pelo pouso no planeta pré - gerado. Levantamento de parafuso e análise de dados. Se ele pretendia transformar um planeta digital por diversão, ele faria do seu jeito duro, rápido e perigosamente.

— Sua vez, ele murmurou, infeliz por não poder procurar hacks sem fazer uma conexão de rede e ser descoberto por Zeph.

Lily afundou de volta no salão ao lado dele, puxando os joelhos contra o peito e descansando a tela contra eles. E assim, ele esqueceu tudo sobre sua missão até o fim do jogo, com sua abordagem dura e rápida, resultando na morte de todos os humanos que ele tentou estabelecer no planeta – composto por árvores alienígenas vorazes e famintas. Lily venceu por padrão.

— Novamente!

Gunner começou primeiro no segundo jogo antes de se lembrar do motivo de estar ali.

— Lily, ele começou devagar, sabendo que deveria acordar a irmã mais velha e questioná - la. — Você está sendo bem tratado aqui?

— Você vai perder se continuar aterrissando no primeiro turno. Até os bebês sabem disso.

Gunner fez uma careta e desconsiderou completamente as críticas da garota. — Você gosta de Zeph?

— Tio Zeph brinca comigo às vezes.

— Como assim?

— Ele me permite usar essa tela grande que sai do ar e aumenta a música muito alto.

Sua escolha de assentamento no jogo foi habitada por animais com chifres. Gunner os atacou. Era a melhor localização. — Você está feliz?

— Sim.

— Você quer ir para casa? Os animais com chifres não podiam ser detidos por tiros e seus colonos restantes foram forçados a recuar. Agora, eles estavam sofrendo de desidratação. Ele estava perdendo. Novamente.

— Não. Tudo o que há é oceano. Eu não gosto do oceano. Não tenho permissão para nadar quando quero e o sal endurece meu cabelo e então tenho que tomar *outro* banho.

Ele assentiu concordando, fazendo a cabeça do androide balançar porque era muito mais leve que a dele. — Eu também odeio a água.

— É por isso que você é um androide? Os androides em casa não entram na água. Lily cantarolou, revezando - se com mais cálculo que o dele.

— Senhor. Heartface não é projetado para água... Gunner encontrou água no jogo enquanto falava, mas agora estava lidando com a doença de elevação em quase um quarto de seus colonos restantes. Os seres humanos eram tão frágeis. Os animais pararam de persegui - los pelo menos. — Mas eu odeio isso, porque lava meu perfume.

Lily olhou para cima do jogo. — Por quê?

— Porque a água é caótica e neutra.

— Por quê?

— Porque é necessário em quase todas as formas de vida e, no entanto, é um incômodo.

— Por quê?

Gunner ficou desconfiado. — Porque a água não está em todo lugar.

— Por quê?

— Basta, Sócrates, alertou ele, matando inadvertidamente o restante do povo. Ele perdeu em tempo recorde. Lily arreganhou os dentes em emoção e começou outra rodada. Ele parou de brincar. — Você se sente segura aqui?

O rosto dela se enrugou. — Sim. Janet e tio Zeph me mantêm a salvo.

— Hmm…

Gunner começou a levantar a consciência do androide, reparando a codificação do Sr. Heartface e adicionando alguns códigos à Bin, enquanto ele se afastava lentamente.

— Garota, se você estiver com problemas, diga ao Sr. Heartface que você precisa de *Gunner.*

— É sua vez!

E então ele se foi.

Oito

Zeph correu para a ponte, rasgando sua nave, já passando por seu sistema de segurança e sistemas sensoriais próximos que atingiam alvos fora de sua nave. Havia um seguindo sua cauda, acompanhando sua velocidade atual e combinando com seus sistemas de navegação. A rachadura em sua codificação, tão abruptamente, só poderia significar uma coisa.

A porra do EPED o alcançou.

Como? Impossível.

Ele se inclinou sobre o console e preparou as armas, sabendo que havia apenas duas maneiras de sair disso. Luta ou porra de voo. Ele se moveu para atender a chamada recebida, semeando brevemente na nave mais próxima, enquanto batia o punho na mesa.

O token IP de Gunner passou por sua mente, junto com seu sorriso arrogante e as tatuagens ridículas de armas em suas bochechas.

Zeph olhou para as dezenas de missivas que haviam empilhado em seu feed de comunicações. Ele os ignorou por muito tempo. *Estou ficando fraco.*

Eu já sei o que ele vai dizer. Eu sou um maldito criminoso. Um sequestrador. Ele estava preparado para a reação de roubar Janet, mas não para as consequências de ter uma criança também. Sequestrar as filhas de um fornecedor tão necessário para o EPED simplesmente

aumentou seus crimes. Os Montihans podem nunca mais vender para o EPED e, se fosse esse o caso, seu último emprego não seria apenas o último de todos os tempos, mas também o mais caro. Bilhões estavam em jogo. Ele não precisava ouvir nem ler as comunicações para saber que sua cabeça estava no ponto de desbaste.

Mas ouvir isso da porra do Gunner? O chacal exilado que todo ciborgue odiava? Foi demais. Se não fosse Janet e Lily, ele lutaria contra o chacal até a morte. Receber uma palestra presunçosa de moralidade do único Cyborg proibido de entrar no sistema Solar era mais do que ele podia suportar.

O telefonema de Gunner continuava ecoando em sua mente, atingindo - o com fortes pontadas de dor que só aumentavam o que já estava tentando arrancar de sua carne.

Ele segurou a testa com as duas mãos e fechou os olhos com força, desejando que ela desaparecesse.

Isso não aconteceu.

Como ele me encontrou?

Suas unhas afiadas em garras cortaram direto na barreira de metal que protegia seu cérebro. Pelo menos ele poderia substituir uma dor por outra.

Zeph bateu as mãos no console e atendeu a ligação.

— Foda - se, ele rosnou, quando o rosto de Gunner apareceu diante dele.

— Olá escuridão, meu velho amigo.

As garras de Zeph cortaram a borda de metal do console enquanto os solavancos em movimento nas costas ameaçavam rasgar sua espinha. — Como você me achou?

— Eu vim falar com você novamente.

— Você realmente quer morrer hoje? Zeph rangeu.

— Porque eu estou com vontade de foder com você e comer as sobras. Ele apontou os foguetes de sua nave, desligando o feed de comunicação ao mesmo tempo em que pressionava o botão de lançamento.

A nave desviou - se da linha de fogo quando sua cabeça se encheu de risos lupinos. Zeph esperou que os foguetes recarregassem e se inclinou sobre seu console, estabelecendo novos alvos para o próximo vôlei. Zeph ligou o reator da nave, causando um grande aumento de energia. A energia pulsava através da Oppression, através dele, fazendo - o mudar parcialmente e se esforçar contra as costuras de seu uniforme. Esse nível de produção destruiria a nave se ele não o controlasse ativamente, mas ele precisaria de todas as vantagens possíveis para escapar, mesmo que apenas ele e as meninas sobrevivessem.

Em uníssono, o laser se alinha em torno dos mecanismos de defesa externos de sua nave alinhados para criar um escudo gigantesco semelhante a uma teia. Ele se espalhou para encapsular a totalidade da *Oppression*, garantindo que nada seria capaz de se ligar à embarcação do lado de fora.

De jeito nenhum ele deixaria Gunner pôr um pé a bordo.

Zeph explodiu seu eu digital através de seu sistema de navegação e disparou para frente, parcialmente em direção ao aglomerado planetário mais próximo.

A frota perseguiu. Suas armas na nave dele.

As sirenes de sua nave tocaram e as luzes atrás dele no corredor aberto brilharam em vermelho. Ele disparou para a frente e ziguezagueou pelo espaço aberto, colocando seus propulsores no máximo, na esperança de perder as naves mais lentas.

Perder Gunner seria difícil, embora as outras naves tivessem uma chance muito maior de cometer um erro. Pilotos humanos e andróides eram mais fáceis de cair.

Zeph desviou os olhos do fogo do laser do lado de fora quando seu comunicador disparou novamente. O rosto de Gunner encheu a vista.

— Como você me achou? Zeph rugiu, evitando o fogo que entrava. Várias das naves do EPED quebraram a formação atrás dele. Ele passou o dedo na tecnologia do radar em seu console para segui - los enquanto eles se preparavam para se micro - deformar à sua frente.

Você não vai me cortar tão fácil. Antecipando seus movimentos, ele apontou seus foguetes diretamente para a frente e explodiu o espaço no momento em que os navios terminavam sua deformação. Uma explosão encheu sua visão por um segundo antes que o vácuo do espaço a sufocasse. *Dois a menos.*

A voz de Gunner veio através do feed. — Você fodeu tudo. Mau.

Zeph girou sua nave em um mergulho descendente, mal escapando de um míssil.

— E você precisa me dizer isso por quê? Ele voou de volta como um pássaro, vindo atrás de uma das naves do EPED antes que eles pudessem se virar e prendê - lo novamente. Houve outra explosão rápida, antes que ela também não passasse de metal quebrado e entulho.

— Eu amo foder mal. Nightheart contatou Breco e Cypher e você sabe quem na cidade fantasma. Eles não vão oferecer asilo, mesmo que você devolva Janet e Lily são e salvo. Ele quer você morto ou vivo, e honestamente, ele parecia mais empolgado com os mortos do que com os vivos quando eu falei com ele.

As costas do uniforme de Zeph se expandiram quando o que Gunner disse a ele realmente chegou a sua mente. As nanofibras de sua camisa esforçavam— se para encaixar o material metal - orgânico de seu corpo para impedir que ele se abrisse.

Ele estava fodido se perdesse o apoio da Cidade Fantasma. Ao levar Janet sempre havia uma opção no fundo de sua mente, mas perder o apoio e seus antigos empregadores no espaço de dias significava que Nightheart estava em pé de guerra.

— Cidade Fantasma fez um acordo com ele? ele perguntou, virando a nave e perdendo as últimas naves EPED restantes por enquanto. A nave de Gunner continuou a segui - lo à distância. Ele trocou os foguetes para recarregar e

trocou a blindagem do laser para alcançar e dar um tiro em qualquer coisa que chegasse perto.

— Você roubou publicamente uma fêmea humana abastada e uma garotinha de uma família respeitada que trabalha com o projeto de estimação de Nightheart, assim como o governo da Terra e muitos outros seres muito influentes em toda a galáxia. Todos nós amamos nossas naves de ponta. Você fez besteira, mano. Está em todas as redes. As pesquisas estão dizendo que o medo de nossa espécie está no seu ponto mais alto em vinte anos. Você consegue imaginar isso? Você definiu o tipo Cyborg de volta aos níveis de medo no meio da guerra. É quase impressionante, na verdade, e estou feliz por lhe contar isso antes de liquefazer você.

Zeph se afastou dos controles e rugiu. Sua cabeça se mexeu para soltar o focinho, os dentes, e ele estalou o ar antes que seu rosto voltasse ao normal. A pressão apenas aumentou e ele apertou as mãos, tentando acalmar o demônio dentro dele.

— Você terminou? A voz de Gunner voltou para ele através da névoa. Zeph virou - se para encará - lo, liberando à força agentes entorpecentes por todo o corpo para se acalmar.

Eu preciso pensar claramente.

— Eu não verifiquei os feeds. Desconectei minha nave do sistema. Quão ruim é isso? ele murmurou e verificou suas digitalizações localizadas. As naves do EPED estavam se aproximando.

— Ruim o suficiente para que eles me ligassem. Eles até me ofereceram acesso supervisionado de Plutão a Júpiter, se eu o trouxer. A cidade fantasma não intervirá, mas eles não o deixarão atracar se for para onde você estiver indo. Já existe uma armada de naves enviadas para prendê - lo se você estiver perto de sua localização atual, tudo fora dos livros. A cidade fantasma não parece perde - los. Nightheart não está fazendo nenhum amigo.

— Por que você está me contando isso? Zeph estreitou os olhos. — Você está com eles, não está? E ainda assim você não disparou um tiro.

— Tédio?

Zeph zombou. Claro que não haveria outro motivo vindo do chacal. — Então, você veio me pegar e salvar o dia, é isso? Ele não queria brigar com outro Cyborg, mas não conseguia desistir, não depois de tudo. Nightheart achou que seu alcance se estendia pelo universo, mas nenhum Cyborg foi realmente superado por outro em todas as circunstâncias. Tudo dependia de fatores externos. Zeph riu superficialmente. — Deixe que o Nightheart o envie para mais alguém.

— Ninguém está disposto a fazer o que eu faço, Croc. Vivo ou morto não significa nada para os pilotos nas outras naves. Eles estão aqui para derrubá - lo, com carga incluída.

Janet. Lily.

— Enquanto a vida significa tudo para mim. As naves restantes estavam se aproximando e ele subiu a nave. — Ele está disposto a matar inocentes? Sua visão ficou nublada de raiva. Ele odiava Nightheart, mas ele nunca pensou que seu ex - chefe fosse um assassino.

Gunner não respondeu, o que lhe disse o suficiente. *Morto ou vivo.* Sua pele em risco era uma coisa, mas a de Janet e Lily? Nightheart estava disposto a matar inocentes para manter sua agenda. A revelação o fez explodir com uma série amarga de maldições.

Zeph virou a *Oppression* e foi direto para as naves do EPED, enviando tudo o que tinha em seu arsenal para eles. Mais explosões de metal e cores encheram a área do lado de fora de sua doca, mas tudo o que viu foi à névoa vermelho - sangue que nublava sua visão. Seu olhar seguiu a última nave EPED restante enquanto ele girava para segui - la, travando.

Seus próprios blasters travaram de volta nele.

A nave explodiu do céu. A nave de Gunner navegou através dos destroços escaldantes e entrou em sua linha de visão.

Zeph apoiou - se nas mãos e olhou para os controles à sua frente enquanto Gunner se aproximava, esperando enquanto uma única gota de suor caía de sua testa para pousar nos botões abaixo. *Tão perto.* Lutar contra Gunner só colocaria mais em risco a vida de Janet e Lily. Sua única opção era fugir, mas isso brigava com cada pedaço de sua identidade.

Eu posso ultrapassar Gunner e o EPED. Mas ele precisava de um avanço. Ele olhou para cima.

— Eu não vou dar para você, ele zombou.

— O que está errado? A voz frenética de Janet veio detrás dele. Zeph torceu para encontra - la segura - do à jaqueta fechada sobre o peito. Ele se moveu para protege - la.

— Volte para o seu quarto. Não é seguro, ele disse, alcançando - a.

— Você deve ser a infame Janet, disse Gunner através das comunicações. — Prazer em conhece - la. Lily está sendo bem cuidada.

— O que? Sua testa franziu quando seus olhos selvagens dispararam para a tela se abrindo atrás dele.

— Janet, não. Zeph a impediu de passar por ele, agarrando - a ao peito e respirando seu perfume. Seu pau endureceu quando a adrenalina restante da luta correu por seus fios e veias.

— O que você disse sobre a minha irmã? ela perguntou, olhando para ele e olhando para o outro Cyborg.

Ele apertou o queixo e virou o rosto para ele. — Não olhe para ele. Olhe para mim, ele avisou, prendendo Janet com os olhos.

Ela engoliu em seco, mas olhou de volta para Gunner.

Zeph pegou a arma no cinto enquanto se obrigava a reconhecer o chacal. Ele precisava confirmar sua reivindicação.

— Ela é o meu maldito troféu, Zeph disse, seus olhos brilhando em luz verde.

— Minha, se Nightheart a quiser, diga a ele para busca - la. Ele empurrou Janet pelas costas. — Mas ele terá que passar por mim e eu estarei esperando. Suas mandíbulas se alongaram e ele estalou no ar.

Gunner esfregou as unhas no uniforme. — Diga a Lily que vou vencê - la na Terraform da próxima vez, mesmo que eu tenha que esperar até a curva três para pousar. É uma promessa.

— O que ele está dizendo? A voz de Janet havia subido várias oitavas e ela puxou a manga dele. Zeph pegou a mão dela.

Seus olhos estreitaram para fendas e vidraram com assassinato. — Vá conferir Lily. Janet, olhe para mim. Ele segurou o rosto dela novamente e a impediu de olhar mais uma vez para a alegria sinistra de Gunner. — Eu vou cuidar disso. Vá cuidar da Lily.

— Você quer ir para casa? O chacal perguntou. — Ou você só quer se livrar de sua irmã para poder desaparecer com esse ato de classe? Vou tirar Lily das suas mãos, se você quiser. Eu vou até leva - la de volta para casa, agora, e vocês dois podem continuar seu caminho alegre em direção ao esquecimento.

Zeph a abraçou com mais força, mantendo os olhos de Janet nos dele. — Foda - se, chacal, ele sussurrou.

— Quem é ele? Janet perguntou.

Gunner riu. — Apenas tentando ajudar.

— Um idiota. Eu vou cuidar dele, Zeph a tranquilizou. Apenas um Cyborg estava saindo vivo disso. E não seria Gunner.

Imaginando o que o outro Cyborg faria com Janet e Lily, ele o genocida contra sua própria espécie. *Somos honrados... até não sermos.*

— Ele não está nos levando, está? Havia medo em sua voz. — E as naves lá fora?

— Tudo se foi. Ninguém está tirando você ou Lily de mim. Sempre, Zeph prometeu.

Janet estendeu a mão e agarrou os pulsos. — Como ele a conhece, no entanto?

— Ele está blefando. Ambos os seus nomes estão por todo o feed de notícias. Agora vá vê – la, ele insistiu. Ele precisava tirá - la da vista de Gunner, precisava saber que ela estava segura nas profundezas de sua nave, mantendo Lily segura para ele. Foi culpa dele que elas estivessem aqui.

Ela assentiu uma vez, engolindo e tremendo, e ele a soltou. Ela deu dois passos para trás antes de lançar o olhar de volta para a tela e depois para ele, todo o corpo tremendo. — Não deixe que ele a leve, ela sussurrou. — Ele não. Janet saiu da sala.

— Ei, novamente, eu só estou tentando ajudar, gritou Gunner enquanto Zeph observava Janet correndo pela passagem e se afastando dele. — Eu não sou tão ruim! Ely adoraria a companhia.

Zeph voltou - se para o chacal, a pequena quantidade de calma que ele reunira pelo bem de Janet se

desintegrando. Movendo - se para o console, ele semeou nele e estabeleceu novas coordenadas. — Se você está aqui para me levar, é melhor fazê - lo agora. A sequência da velocidade da dobra começou, em algum lugar distante, ele sentiu o reator nuclear *da Oppression se* contrair com força.

Gunner gargalhou. — Você me entendeu errado, Croc.

— Destruir uma nave EPED, em um esforço para falar mais comigo, não leva muito a sério, filho da puta. Você sabe que eles assumirão que eu fiz de qualquer maneira. Os olhos de Zeph dispararam para Gunner. — Ou estamos levando isso para a morte ou não.

O rosto do chacal ficou sério. — Há um rastreador em sua nave, em todos as naves Cyborg no EPED. Eles sabem onde você está, mesmo se estiver offline. Tudo está sendo alimentado, constantemente e em tempo real, para seus servidores.

As mãos de Zeph pararam em seu console, a eletricidade crepitando sob seus dedos. — Isso é impossível. Mas ele já estava semeando em sua nave para olhar.

— Que razão você teria para me dizer isso? Ele emitiu sinais de seu corpo para obter qualquer tecnologia que não pertencesse. Cada pulso voltou sem nada. — Não há nada incomum no meu domínio.

— Além das duas fêmeas sequestradas? Gunner bufou. — Eu discordo. Também não acreditei até Cypher encontrar isso na minha nave. Gunner levantou um pequeno inseto de metal, com asas e tudo. Parecia um besouro... Ou uma vespa. Zeph reconheceu a peça e sua boca se abriu

quando seus dentes de crocodilo reapareceram. — Você sabe o que é isso. Muitos não. Gunner olhou para ele desconfiado. — Curioso, não é? O meu estava escondido atrás de um painel de manutenção na minha sala de armazenamento de amostras, onde o cheiro do equipamento de esterilização iria mascará - lo de mim. Os filhos da puta correm quando você os encontra também.

A contagem regressiva da dobra iniciou em sua cabeça, provocando um salto para uma galáxia perto de Elyria, o lugar mais sombrio, hedonista e chamativo do universo. Um mundo habitado pelos ricos e administrado por seu submundo. Um lugar onde alguém com recursos suficientes poderia ser um local sem rastreios.

Cinco.

As narinas de Zeph alargaram quando ele olhou para o rastreador.

— Eu aceito sua verdade, ele disse baixinho, sabendo que isso significava que agora ele devia um favor ao chacal.

— Mas eu não vou deixar você tirá - las de mim.

Quatro

Gunner sorriu, mas não alcançou seus olhos. — Eu não mato crianças, especialmente aquelas com aspirações de atiradoras. Considere isso um passe livre, Croc. Se eu te pegar de novo, apenas três de nós sairão vivos, porque a recompensa das meninas só pode ser coletada se elas voltarem vivas. Ele sacudiu os dedos e o inseto desapareceu.

Três.

Zeph assentiu, aceitando os termos de Gunner.

Dois.

— Até a próxima vez.

Um.

Quando o canal quebrou e a navio entrou em dobra, Zeph saiu correndo da ponte em busca de Janet. Ele parou no meio do caminho. Ele se contraiu, seus músculos tensos, seus pés equilibrados e prontos para persegui - la. Mas ele não conseguiu. Se Gunner o pegara tão rápido e inconsciente, eles corriam um perigo muito maior do que ele pensava inicialmente.

O universo era um grande lugar de merda até que não era. Cyborgs eram honrosos até que não eram. Ele bateu a mão na parede e rosnou. O delicioso aroma do voo de Janet o encheu e seus instintos exigiram que ele a caçasse e a subjugasse novamente.

Ela é o meu maldito troféu. Meu prêmio suado. Zeph não deixaria Gunner estragar isso. Ele entrou no Bin - one e para ter certeza de que ela e Lily estavam em segurança.

Ele mal podia esperar para estar dentro dela novamente. Uma vez com ela não foi suficiente. E estar dentro dela com o cheiro de submissão e desespero em sua pele. Mesmo uma batalha espacial com Gunner não poderia diluir o poder erótico disso. Nem mesmo a possibilidade de um rastreador que levaria mais cães ao seu paradeiro.

Zeph fechou a mão e puxou - a para longe da parede, deixando uma pequena marca para trás. Longe, ele ouviu a voz de Janet e a resposta de Lily. Não havia como interrompê

- las depois do que acabara de acontecer, e não enquanto seu controle ainda estivesse em questão.

Eu tenho que encontrar a porra do rastreador.

Ele reconheceu o bug que Gunner havia lhe mostrado. Um pedaço do enxame em si. O inimigo mais mortal que ele já enfrentou. Poucos tiveram o prazer de ver Nightheart mudar, nem tampouco a tecnologia que o Cyborg havia armazenado em sua *armação de* metal *piriziana* . Era monstruoso e difícil de prever.

Ele me quer morto.

Nightheart travou suas batalhas como nenhum outro Cyborg existente. Nightheart não apenas matou, Nightheart *consumia*.

"Ele vai te matar."

Zeph passou a palma da mão com força no rosto e até a ereção inchada. Ele precisava ter uma mente clara e determinação constante quando lidava com Janet. Ele empurrou com força em sua mão até chegar. *Eu mereço morrer.*

Endireitou - se e voltou - se para a ponte, retirando as mechas restantes de lavanda do focinho.

Nove

O que foi isso?

Janet tropeçou em seu caminho de volta para sua cabine para encontrar Lily. Zeph fugiu dela, assustando— a com a pressa para a ponte e deixando— a ainda mais confusa do que antes.

Ela não queria segui - lo, não queria se importar, mas a gravidade caiu sob seus pés e náusea encheu sua barriga. Ela mal conseguiu sair do laboratório quando a vigia mais próxima piscou em vermelho brilhante e as sirenes dispararam.

Seus ouvidos ainda ecoavam delas.

Janet torceu os dedos e levou a jaqueta ao nariz antes de usar o final para esfregar o brilho dos olhos. As mãos dela tremiam. Ela viu naves de guerra lá fora, viu o fogo e, embora parecesse que a nave não estava se movendo tanto, a vertigem a atingiu enquanto observava lasers explodindo em sua direção. Apenas para a nave desviar— se do caminho no último momento.

Em vez de ver sua vida brilhar diante de seus olhos, o único pensamento em sua cabeça era a segurança de Lily.

Ela se encostou na parede mais próxima e vomitou, cortando água e o que restava de sua última refeição. Um dos outros Bins saiu e limpou a bagunça enquanto ela continuava voltando para o quarto.

Por favor, deixe Lily ficar bem!

O homem na tela a havia perturbado. *Ele falou sobre Lily como se a conhecesse.* O homem usava o mesmo macacão EPED sem adornos que Zeph, o que significava que ele provavelmente era um Cyborg. As palavras cautelosas e a tensão de Zeph faziam parecer que ele hesitava em enfrentar o homem. Se era quem estava atrás de Zeph, não é de admirar que voltar para Kepler seria perigoso para ele. *Para nós.*

Janet tinha assistido Zeph e Netto lutarem com um leviatã, como se fosse uma ocorrência diária. Se a mera aparição de 'Gunner' ou a menção de 'Nightheart' alarmaram Zeph o suficiente para mudar seus planos...

Eles não se importam comigo ou com minha irmã. As naves lá fora tinham que ser EPED se estivessem com aquele Cyborg. Entrar em contato com eles e confiar neles para levá— la e Lily de volta para casa não era mais uma opção, nem mesmo uma alternativa hipotética.

Eles deveriam ser os mocinhos, não são? Mas tudo o que Janet queria era correr, correr e seguir Zeph para onde quer *que* estivesse correndo agora. O pensamento de ele ser capturado e feito um exemplo fez com que a náusea retornasse. Ele estava trabalhando para as mesmas pessoas que agora o perseguiam há pouco tempo. Foi além da atração obsessiva, ou necessidade de sua parte, e agora seu espaço na cabeça estava frenético e entorpecido.

Por favor, deixe Lily ficar bem... Ela apertou o fone no bolso como uma tábua de salvação, tentando tirar Zeph da cabeça. A porta do quarto compartilhado dela e de Lily se

abriu e ela encontrou sua irmã no sofá, sentada ao lado do androide, jogando seu videogame.

Era uma visão linda.

Janet correu para o lado da irmã.

— Você está bem? Você está machucada?

Todos os pensamentos dela se misturaram em sua cabeça. Ela esfregou as mãos sobre a irmã, que tentou afastá - la.

— Pare com isso. Estou bem. Você vai deixar o Sr. Heartface vencer! Ela disse, olhando para a tela do jogo e rejeitando completamente a preocupação de sua irmã.

— Ninguém te machucou?

Lily balançou a cabeça. — Estou ganhando. Você realmente não morre.

Janet caiu de alívio. — Eu pensei que algo aconteceu com você. Eu nunca poderia viver comigo mesma se algo acontecesse com você no meu relógio. Eu te amo muito. Assim tanto. Ela puxou a irmã para perto e enterrou o nariz nos cabelos finos de Lily. — Você vai me dizer se algo está errado, certo? Não importa o quê, você vai me dizer?—

— A senhora Lily está segura comigo, respondeu Bin - one. Janet ignorou.

— Lily?

— Shhh, eu estou ganhando.

— Você conhece um homem chamado Gunner?

Lily apertou a boca na tela, mas não respondeu.

— Um homem chamado Gunner falou com você? Janet perguntou novamente. — Você me diria se algo assim acontecesse, certo?

Lily deu de ombros, soltou um gemido descomprometido e se afastou dela. Sua irmã não estava prestando atenção ou se recusou a responder. Janet estremeceu uma vez, procurando o rosto de Lily por vários minutos antes de se acomodar ao lado dela. Ela assistiu Lily jogar seu jogo por um curto período de tempo, perdendo - se em seu alívio e nas cores cósmicas que vinham da tela.

Foi normal. Não era vermelho como as luzes do lado de fora das vigias. Ela levantou a cabeça e percebeu que não podia ouvir as sirenes nem ver as luzes piscando aqui. *Eu nem saberia que houve um ataque.*

Bin - one, com o coração na tela facial, lançou - lhe um sorriso animado antes de mudar a tela para um painel de diagnóstico indicando que o amortecimento inercial havia aumentado no quarto de Lily. Ela não sentiu um único movimento da nave.

Janet estudou o androide por um momento, sabendo que o observava e provavelmente a gravou de volta. Finalmente, ela se aproximou.

— Sim, senhora Janet? perguntou.

— Você.

— Eu? Ele inclinou a cabeça.

Ela estreitou os olhos. — Quem é o Cyborg para o qual você trabalha?

A tela facial de Bin - one voltou ao coração. — Trabalho para o mestre Zeph, você e a senhora Lily. Fui reprogramado para cuidar e garantir a segurança sua e da Lily de todas as formas possíveis. É meu dever e uma honra.

— Você está programado para mentir?

— Não para você, senhora.

Ela ficou lá e examinou o androide por mais um minuto antes de ceder e liberar a respiração que continha. *Eu estou enlouquecendo.*

Ela foi ao banheiro e jogou água no rosto. Suas mãos tremiam quando a água deslizou entre seus dedos. Pressionando as costas contra a parede, ela deslizou para o chão e passou os braços em volta das pernas. Encontrar sua irmã, feliz, saudável e exatamente como ela estava de volta a Kepler, apenas lhe deu um pouco de alívio.

Ela estendeu a mão e ligou a água novamente enquanto as lágrimas enchiam seus olhos.

Ela estava conversando com Zeph, ou tentara falar com ele, quando tudo mudou novamente. O sentimento ameaçador com que ela continuava tendo que lidar voltara novamente, colocando— a em uma posição que ela não tinha ideia de como sair. Cada momento que Janet passava na presença dele, atrapalhava seus pensamentos e agora que ela não tinha nada e nenhum lugar para onde recorrer. Ela não podia ignorar a realidade.

Algo estava errado com Zeph, errado com toda essa situação. Algo além dele a levando para longe de sua

casa. Isso ela sabia com certeza. *Mas se eu estou ficando louca ...*

Se eu descobrir o que há de errado...

Janet esfregou os olhos enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto antes de limpar as mãos nas roupas. Uma tira de sua camisa caiu. Ela a encarou silenciosamente, quando se estabeleceu em sua perna.

A sensação dele contra ela inundou sua mente, a maneira como Zeph a cobriu e pressionou seu pênis com força em sua pele, suas unhas descendo pelas costas dela, puxando e rasgando sua blusa. A estranha sensação de segurança que ela sentia, apesar do perigo óbvio.

Janet tirou a jaqueta e tirou a blusa rasgada. Ela apertou o material arruinado no peito. Chupando suas fungadas, ela a endireitou na frente dela para inspecionar as lágrimas. Ela queria se sentir segura novamente.

Rasgos longos e finos percorreram o comprimento da camisa, destruindo - a. As costas foram transformadas em fitas. Ela engoliu em seco e se espreguiçou, sem sentir dor das unhas dele. Zeph não tinha rompido sua pele.

Nenhum dano, nenhuma falta? Ela riu com autodepreciação.

Janet levantou devagar e virou para inspecionar as costas no espelho. *Nada.* Nem mesmo uma marca vermelha.

Ela se abaixou e jogou a camisa no receptáculo, pegando uma nova da caixa. Eles não importavam, a camisa e Zeph. Ela não podia escolhê - lo em vez de Lily, embora sua confusão aumentasse a cada minuto.

Eu tenho que nos levar para casa.

Ela esfregou o rosto novamente até ficar vermelho e cru, desejando não ter nenhum cuidado no mundo, e odiando isso. Qualquer coisa que a impedisse de prometer proteger sua família era um obstáculo que precisava ser derrotado.

Mas e se o obstáculo fosse ela mesma?

Uma batida soou na porta. — Senhora Janet? Você está bem?

Janet desligou a água. — Estou bem. Ela tirou as rugas da camisa nova e pegou a jaqueta do chão.

— Isso é bom de ouvir. A nave está se preparando para entrar em dobra. Por favor, saia e sente no sofá.

Ela esperou até que o androide se afastasse antes de sair do banheiro. — Se estamos dobrando, isso significa que vencemos?

— Sim, senhora, nós vencemos.

Janet assentiu uma vez.

Ela encolheu os ombros e se juntou a Lily no sofá.

A nave tremeu um pouco e uma súbita falta de peso a dominou. Janet apertou Lily com mais força e fechou os olhos, colocando beijinhos secos na cabeça da irmã. *Estavam a salvo.*

Dez

Janet levou Lily ao laboratório de Zeph e mostrou os troféus na parede dos fundos. Esperava que Zeph se juntasse a elas, mas ele não fez, e ela estava muito abalada para procura - lo. Naquela noite, quando ela e Lily se prepararam para dormir, ele ainda não apareceu.

Zeph estava cuidando delas à sua maneira, e embora ela às vezes quisesse gritar com força, ele provou que não queria machuca - las.

Naquela noite, depois que Lily adormeceu, Janet saiu do quarto para procura - lo.

Suas meias deslizaram pelo chão elegante enquanto ela caminhava pelas passagens silenciosas. Ela não tinha vagado pelo navio na noite anterior, e o silêncio absoluto e completo fez sua pele arrepiar. Depois de alguns minutos chamando suavemente o nome de Zeph, ela finalmente conseguiu uma resposta fora da ponte.

— Aqui, disse ele, sua voz soando baixa e misteriosa, diferente de tudo o que ela tinha ouvido dele antes.

Ela parou no limiar, sua boca caindo. — O que aconteceu?

A ponte estava uma bagunça. As grades do chão estavam fechadas, os painéis de metal das paredes estavam espalhados pelo espaço em desordem, e até as luzes do teto pendiam em ângulos estranhos, revelando sua fiação.

— O que você quer? ele retrucou sem olhar para ela.

— Você destruiu a ponte...

— Eu estava procurando por algo.

Ela entrou no espaço lentamente. — Procurando o quê, sua sanidade? Você não estava procurando algo. Isso é destruição.

Uma imagem de sua camisa desfiada veio à mente. Ela forçou o pensamento enquanto caminhava através dos detritos em sua direção.

Ele se sentou na cadeira do capitão, onde olhou para uma tela na mão. Ela entendeu algumas das palavras quando se aproximou e a borda de uma imagem que estava quase fora da tela, mas estava muito longe para ser lida com clareza. O que quer que fosse, não era bom, a julgar pelo rosnado no rosto do Cyborg.

Seu cabelo estava novamente âmbar, graças a Deus, mas seu uniforme estava enrugado e sujo com a gola da camisa aberta.

— Por que você está assim?

— Assim como? Supervisionando minha nave e calculando os resultados dessa situação? Eu estou exatamente como deveria estar. Por que você está aqui e não com Lily?

— Lily está dormindo. Ela não tem ideia do que ocorreu antes. Tenho certeza de que você e seu androide são responsáveis por isso.

— De nada, agora vá embora. Eu tenho um maldito bug para erradicar.

— Não, Janet cruzou os braços, recusando - se a permitir que a irritasse. — Estou preocupada com você. As palavras deixaram sua boca seca, mas era a porra da verdade e ela a possuía. — Lily fica perguntando por você. Ela descobrirá que algo está errado se você não vier visitar.

— Vou procura - la amanhã.

Ela cruzou os braços.

— Não vou a lugar nenhum até que você me diga por que esta assim.

Zeph bateu a mesa, fazendo— a pular. Seus dedos esticaram por cima. — Janet vá se foder. Finalmente estou calmo e você está arruinando tudo.

— Arruinando tudo? Você é a razão pela qual tudo isso está acontecendo, para começar. E eu adoraria me foder, me foder de volta para Kepler.

Ela se moveu para ficar na frente dele.

Ele olhou fixamente para o tablet na mão. — Você quer saber a verdadeira razão pela qual eu roubei você?

Ela parou.

— Estou todo errado. Bagunçado. Cada palavra que sai da minha boca é uma mentira. Eu quebrei tantas malditas leis que não aguento mais. Kepler seria minha última tarefa antes que eu desaparecesse, antes que eu... Ele rosnou.

— Mas havia uma distração etérea que afastou todos esses pensamentos e, pela primeira vez em doze anos, encontrei um pouco de paz. Uma boa distração. Eu queria matar Netto e te amarrar toda vez que você olhava para ele na minha frente. Eu quase fiz.

— Você tentou mata - lo? ela perguntou, incrédula. Ela procurara os dois Cyborgs semanas atrás para manipulá - los, mas Netto só tinha olhos para Rylie. Zeph sempre foi o verdadeiro alvo... *Até que ele não era.*

Ela nunca faria isso sabendo o que sabia agora. Na época, tudo o que ela queria era proteger sua família e sua irmã. De forasteiros, de espionagem, de homens como Zeph.

— Eu o convenci a ir atrás da cabeça do leviatã comigo. Eu tinha toda a intenção de usar essa desculpa para destruí - lo. Eu nunca teria deixado você e sua família sozinhos em uma situação dessas de outra maneira, ele disse com raiva.

— O que te parou?

— Netto se apaixonou por Rylie, disse Zeph, ainda mantendo os olhos no tablet. — Em algum lugar no caos, percebi isso e meus diagnósticos, deixaram de considerar ele como uma ameaça. Você vai me deixar agora? Sua presença está ocupando muito da minha atenção, e quando minha atenção está em outro lugar, filhos da puta como o EPED surgem das sombras.

— Você é um idiota, sabia disso? Mas adivinhe? Sou uma cadela teimosa.

Janet deu a volta no console reluzente e ficou em pé diante dele, desejando que ele olhasse para ela. — Não é minha culpa que você quase foi pego e quase nos matou! Eu serei a sua morte Zeph, ela ameaçou. — Vou usar tudo ao meu alcance para ser uma consequência de suas ações até o dia em que você se deitar e morrer.

Zeph lentamente, devastadoramente, ameaçadoramente levantou os olhos para encontrar os dela. Sinos de aviso rugiram para ela de todas as direções, mas ela estava congelada no local. Intenção pura e predatória preencheu o espaço entre eles. Um vazio percorreu suas veias, e a mesma ociosidade foi sentida entre suas pernas. Este homem a estava amaldiçoando tanto quanto ela o amaldiçoava.

— Estou doente, disse ele com os dentes cerrados.

— Eu também estou.

— Você pode me curar.

— Certo. Como?

— Fique comigo, ele implorou, de repente, quase desarmando - a, — De boa vontade.

Janet rangeu os dentes e apertou as mãos. — Como seria minha vida se eu aceitasse?

Se curá - lo significava levar Lily para casa em segurança, ela faria o que fosse necessário. Mesmo que isso significasse dar algumas mordidas no coração do Croc.

Zeph recostou - se e um pouco da escuridão deixou seus olhos. — Você seria minha mão direita, minha parceira. Viajaríamos pelas galáxias e desapareceríamos em algum lugar distante, onde ninguém saberia quem somos. Você me curaria com sua presença. Você seria minha distração. É assim que a vida seria comigo.

Sua sobrancelha se juntou e a decepção encheu seu coração. Ela desviou o olhar do dele e olhou em volta da ponte quieta e fria. *Nunca mais vou ver minha família se ficar.* Ela salvaria Lily, mas se ela escolhesse Zeph, nunca

mais seria capaz de protege - la. Sua família a amava, realmente a amava. Eles não gostavam tanto de seu estilo de vida, mas a perdoavam de novo e de novo. Apenas o verdadeiro amor era assim. E seu pagamento em troca desse amor e perdão era inserir - se em todas as situações e abrir caminho na vida dos concorrentes, aprender seus segredos e mudar as coisas em segundo plano. Seus olhares lhe deram esse poder.

Eu nunca precisaria fazer isso de novo.

Um sacrifício final para ajudar da única maneira que ela podia. Lágrimas encheram seus olhos e ela piscou para trás, virando a cabeça para longe de Zeph, para que ele não pudesse ver. A gravidade de sua situação chegou em casa. *Casa. Eu poderia realmente viver em uma nave, com um Cyborg meditativo pelo resto da minha vida?*

Zeph não estava pedindo para ela ser uma dona de casa submissa como todos os solteiros elegíveis em Kepler. Ela era uma pessoa caseira, odiava deixar o assentamento de seus pais por qualquer motivo. Ela odiava todos eles por tentar fazê - la sair, e agora aqui estava ela, a bilhões de quilômetros de distância e ela não tinha pensado em seu conforto nenhuma vez.

— E em troca? Ela perguntou, forçando as lágrimas e mantendo o tom neutro.

— Qualquer coisa que você quiser. As pontas dos dedos passavam pelos seus braços.

— Exceto o que realmente quero, disse ela.

— Exceto aquilo.

— Estamos realmente fazendo um acordo? *Posso realmente fazer isso?*

Os olhos dele percorreram o rosto dela várias vezes e ela lutou contra o desejo de esconder isso dele.

— Não preciso fazer um acordo com você, disse ele, mas se isso ajudar a convencê - la do que você realmente deseja, mas não admitirá, então com certeza, é uma merda de acordo.

Apesar da indignação que as palavras dele causaram profundamente dentro dela, ela manteve a réplica trancada em sua garganta.

— Bem? Ele se recostou. — Você aceita, ou você é um daqueles humanos que tem que se dar tempo para pensar em todas as possibilidades e resultados sem importância, mesmo que você já saiba que vai dizer sim?

— Dane – se, Janet retrucou, tentando e quase não conseguindo se recompor. — Você promete que vai levar Lily para casa? Que você não vai entrega - la a isso, aquele cara de olhos cruéis e tatuagens de armas? Que você vai proteger e ser bom com ela até que ela esteja de volta em segurança em Montihan? Segurança. Eu preciso saber que ela tem.

Ele suspirou. — Claro. Não quero que nenhum mal venha à sua irmã e nunca a daria a Gunner. Se aquele idiota estivesse pegando fogo, eu nem sequer mijaria nele para apaga - lo.

— É uma promessa?

— É uma promessa. Os olhos dele brilhavam. — Eu nunca quis Lily aqui. Eu só queria você.

— Então é um acordo. ela disse rapidamente antes que pudesse parar a si mesma. Zeph estava certo. Ela teria dito sim de qualquer maneira, apesar de quanto tempo ele lhe deu para pensar sobre isso. Por que não fazê - lo agora? Embora isso não impedisse que seu coração afundasse na boca do estômago.

Zeph olhou para ela por um tempo, examinando - a. Janet abraçou os braços com mais força. O brilho de suas íris brilhava e diminuía repetidamente sobre ela, deixando - a ansiosa pelo momento para terminar.

E se ele não aceitar? Calor floresceu em suas bochechas com o pensamento. Afinal, não deveria haver um acordo.

E se este for apenas mais um jogo?

Não posso continuar jogando sem conhecer as regras. Janet franziu o cenho.

— Venha aqui, ele ordenou, assustando - a.

— Por quê?

— Você tem um trabalho a fazer.

Onze

O peso do receptor no bolso de sua jaqueta ficou mais pesado a cada palavra de trocada. Janet se forçou a dar um passo à frente entre as pernas separadas. Então ela parou, seus dedos tremendo ao lado do corpo.

— Bem? ele perguntou. — Você já está desistindo?

Ela estreitou os olhos e abaixou o escudo dos braços.

— Não, ela disse entre dentes e tirou a jaqueta, deixando - a cair no chão.

Ele sentou - se.

Seu coração batendo era o único barulho que ela podia ouvir. Ela se abaixou e puxou a calça.

Zeph estendeu a mão para tocá - la, mas hesitou antes de coloca - la novamente. — O que você está fazendo?

— Distraindo você, ela retrucou, saindo da calça e chutando - a com o calcanhar. Ela se abaixou sobre ele até montar em suas pernas, empurrando seus braços para que ela pudesse se endireitar. Janet recostou - se nas coxas. As batidas em seus ouvidos aumentaram e ela desejou desesperadamente uma dose de coragem líquida. As mãos do Cyborg permaneceram ao seu lado. Se era isso que ele queria, era isso que ele conseguiria.

Mas será nos meus termos.

Ela pegou a fivela da calça dele.

Ele pegou as mãos dela. — Pare.

— Não

— Você quer que eu te prenda? Não vai ser bom.

Janet soltou as mãos e agarrou a cabeça dele, batendo a boca contra a dele. Os braços de Zeph a envolveram no segundo seguinte, deslizando por baixo da blusa e sobre a espinha, puxando - a na direção dele. Ele não a estava impedindo e isso a capacitou a assumir um pouco mais de controle. Ela se ergueu o máximo que seus joelhos permitiram e pressionou seu núcleo na lateral do volume crescente dele.

Um calafrio de prazer passou por ela, a insanidade dos últimos dias se endireitando de uma maneira estranha. Ela se empurrou contra ele com mais força, se afogando nas endorfinas, nas sensações que se espalhavam por ela. Se eles não tinham mais nada entre eles, pelo menos eles tinham isso.

Luxúria. Frenética e lasciva. Era em cada palavra mordaz que eles diziam um ao outro, na maneira como seus olhos se encontravam e em cada toque. Ela queria bater os punhos contra o peito dele tanto quanto queria deitar e se submeter a ele.

Zeph tinha estado dentro dela uma vez, duro e rápido, e tinha sido delicioso no escuro da noite. Uma disputa que tinha sido tão satisfatória, mas tão exploradora ao mesmo tempo. Ela queria isso de novo, mas desta vez, ela queria *usa* - lo.

Ela ia fazer o que fazia de melhor, dominar um homem até poder andar por cima dele.

Janet mordeu o lábio o mais forte que pôde, tirando sangue.

Um rosnado baixo encheu seus ouvidos, diferente de qualquer som que ela já tinha ouvido antes. Ela afastou o lábio dele e encontrou os olhos dele. O cabelo emoldurando seu rosto era preto e ondulado em torno de suas orelhas. Janet soltou ele com um gemido e baixou a mão para a fivela da calça dele. Com um puxão rápido da parte dele e um puxão na dela, foi empurrado para baixo apenas o suficiente para liberar seu pênis.

Ela pressionou a testa na parede de aço do seu peito e olhou para baixo. Uma cabeça grossa e gotejante do pênis apontou para ela com um eixo que se projetava pelos lados. A espessura em torno de seu comprimento não era suave, mas levemente nervurada, como um músculo com cordão. O cheiro de metal quente e ferrugem encheu suas narinas quando ela olhou para ele, vendo pela primeira vez. Não é de admirar que parecesse esfregar em todos os lugares certos da última vez.

As mãos dele deslizaram em seus cabelos e massagearam a parte de trás de sua cabeça enquanto ela olhava.

Ela engoliu nervosamente, abaixando a mão para agarrar o comprimento dele. Um som baixo encheu seus ouvidos. Ela piscou e olhou para cima, encontrando seu olhar.

— O que é isso?

— Eu canto quando quero acasalar. Os lábios dele se contraíram desonestamente, e o pau na mão dela se contraiu.

— Você está cantando? O barulho era quase imperceptível.

— É algo que acontece. É para atraí - la, traz- la para mim e aproveitar o cheiro de feromônios. Exceto que isso é para seus ouvidos e apenas para seus ouvidos.

Janet apertou com mais força sua ereção e virou a cabeça para o lado, aproximando a orelha da boca de Zeph. O leve zumbido aumentou e ela pressionou contra ele. A música a atraiu, a enredou ao seu alcance. Alguns minutos se passaram enquanto ela ouvia.

— É porque você é um crocodilo ou um ciborgue?

— É tudo de mim

— Eu gosto, ela admitiu.

— Eu gosto de você.

Mãos fortes agarraram seus cabelos e inclinaram a cabeça para trás, forçando - a a olhar para ele. Olhos brilhantes e intensamente verdes espiavam como refletores os dela. O coração dela pulou.

Eu também gosto de você. As palavras grudaram em sua língua. Ela não podia dizê - las em voz alta, mesmo que fossem a verdade. Ela não queria dar nada a ele até que seu fim da barganha fosse concluído. Janet engoliu em seco novamente e endureceu - se contra o charme dele, lembrando - se do que era: *uma distração*. Não importava se ele cantava ou não.

Ela colou um pequeno sorriso nos lábios e se mudou para outro beijo viciante.

Distraia - o. Distraia - o. Distraia - o.

A língua dele empurrou em sua boca, mergulhando, acariciando e se curvando contra a dela. Um sentimento quente e rico floresceu dentro dela, e ela segurou o pênis dele com as duas mãos, os dedos mal envolvendo a circunferência dele. Ela torceu os quadris, onde montou as coxas dele enquanto suas línguas brigavam e se fodiam. Ela o agarrou com força quando ele deslizou um pouco pela cadeira e ela se aproximou dele. O eixo desumano dele corria ao longo da tira de sua calcinha simples, esfregando em sucessão suave sobre ela apenas o suficiente para eletrificar seu interior. O sentimento vazio entre as pernas implorava desesperadamente para ser curado, ser preenchido, e ela quase sucumbiu à sua exigência de se montar sobre ele, exceto...

Distraia - o.

Janet tentou não gritar enquanto as mãos dele corriam pelas costas dela, enquanto os braços dele a envolviam, lembrando - a de que ela era a mulher mais segura da galáxia enquanto estava nos braços dele. O zumbido de sua música quase desapareceu. Ela balançou nele de novo e de novo, obcecada com a sensação de seu pênis tão perto de sua abertura, tão forte contra seu clitóris.

Ela se fechou em êxtase, seus nervos vibrando a uma crescente enquanto ela oscilava à beira do esquecimento.

Zeph agarrou sua bunda e a levantou do seu comprimento.

— Ainda não, ele avisou em seu ouvido, os cabelos emaranhados em volta do rosto.

— Foda - se, ela assobiou. Ela estava tendo seu orgasmo, gostasse ou não.

Janet puxou as mãos dela e empurrou a calcinha para o lado. Zeph sorriu, as mãos pairando no ar ao lado dela, provocando - a. Se ele a detivesse novamente, ela apenas tentaria mais. Com ou sem ele.

Ela empurrou a cabeça de seu pênis, seus olhos revirando quando pressionou nela. Acariciando e beliscando seu clitóris, ela veio em um instante, montando um pouco dele e tomando sua própria libertação para si mesma.

— Foda - se, ela disse novamente, ofegando pelo clímax rasgando através dela.

Ela jogou a cabeça para trás e agarrou os ombros dele, perdendo - se no momento. As mãos dele voltaram ao corpo dela para agarrar sua bunda novamente, rolando os quadris através de sua névoa eufórica.

Quando as ondulações começaram a diminuir, ela se abaixou sobre as pernas dele e suspirou feliz. — Foda - se. Desta vez, saiu ofegante e contente. — Eu serei a sua morte, disse ela, e quase riu, cheia de alegria por sua libertação e não tendo escrúpulos em não ajuda - lo a encontrar a dele. Ela sentou - se para estuda - lo. Seu rosto havia perdido toda a suavidade e o verde de sua íris tremeluzia.

— Seu cabelo mudou de novo, ela murmurou, tentando aliviar o clima o suficiente para aproveitar sua vitória, mas seu sorriso não desapareceu. Ela estendeu a mão para pentear os cabelos dele com os dedos.

Ele pegou o pulso dela e apertou com força antes de pressionar a mão no peito dele, logo acima do coração. O sorriso dela vacilou enquanto ela tentava removê - lo, não gostando da batida metódica e irreversível debaixo da palma da mão.

Seu próprio coração dançou com triunfo e emoção.

Janet puxou novamente, mas seu aperto permaneceu inflexível. Os olhos dela dispararam para encarar onde ele a segurava.

— Você não me quer? Ela perguntou, mantendo a voz nivelada.

— Mais do que qualquer coisa no maldito universo, disse ele calmamente.

— Mas seu coração... O meu está pulando e o seu não. O Croc está infeliz por não ouvi - lo?

Zeph inclinou a cabeça e ela tentou pegar a mão novamente.

— Diga meu nome, ele ordenou.

— O que?

— Diga.

Seu estômago afundou. — Por quê?

— Diga e veja o que acontece.

Janet lambeu os lábios. – Zeph. O coração sob a mão dela permaneceu o mesmo.

Seus lábios se afastaram para revelar sua boca franzida. O olhar dela disparou para cima. Seus olhos escureceram com a escuridão, deixando nada da sua cor habitual. Ela voltou. Ele a pegou com a mão livre e a puxou para ele.

— Esse não é o meu nome, ele murmurou.

O que? Ela fez uma pausa, incerta a princípio com o que ele disse. *O que ele quer dizer com não é o nome dele?*

Seu coração inchou de pavor naquele momento.

Foi à segunda vez que ele disse isso.

Ela abriu a boca para perguntar o que diabos havia de errado quando foi levantada do colo dele. A mão dele se fechou sobre sua boca um segundo depois. Ela agarrou a camisa dele para não escorregar quando ele se levantou, rasgando os dedos no tecido. Uma brisa varreu suas pernas nuas antes de suas costas serem gentilmente colocadas no chão.

Os olhos dela se arregalaram em choque quando ele se moveu em cima dela, enjaulando - a. Janet tentou afundar nas placas de metal embaixo dela, escapar, desaparecer. O peso dele a pressionou e o calor irradiou de seu corpo, espalhando - se por sua pele. A dor vazia entre suas pernas retornou.

Lentamente, quase como uma série de ondas, sua pele transbordou de verde pálido.

Eu não posso lidar com ele...

A cabeça grossa e dura de seu pênis empurrou em sua entrada, e ela empurrou seu peito. Ele não se mexeu. Ele era muito largo, muito forte estava acontecendo muito rápido.

Janet ficou tensa. — Zeph, espere!

Ele empurrou entre as pernas dela e se enterrou profundamente. Ela gritou e moveu as pernas, tentando desalojá - lo, mas ele a segurou, movendo - se apenas o suficiente para agarrar um dos joelhos e empurrá - lo para cima. A outra mão dele veio ao redor de sua garganta enquanto sua boca abaixava para respirar sobre a dela.

A súbita intrusão, a abrupta perda de controle e a mudança em sua dinâmica a deixaram dolorida e sem fôlego. Uma pontada de dor estava lá, apesar de sua umidade. Ele a empurrou até ficar completamente sentado por dentro, fazendo a massa atolada de nervos de suas paredes internas apertar em torno dele. Ela podia sentir cada protuberância, ondulação e cume de seu pau largo a abrindo. Essa intensidade bruta não era nada parecida com a primeira vez que eles estavam juntos. Estava delicioso, e ela queria mais, dele. O desejo de lutar com ele desapareceu.

Janet parou e esperou, seu corpo preso pronto para a merda de sua vida. Sua respiração ficou difícil enquanto ela estava lá, olhando em seus olhos escuros.

Olhos escuros e *vazios*.

— Zeph?

É isso que ele quis dizer com estar doente?

— Zeph, você está bem? ela perguntou de novo.

Sua expressão permaneceu a mesma.

Ele não se mexeu, não respondeu, mas continuou a encará - la com uma fome quieta e faminta. Ela deslizou as mãos do peito dele para os quadris e empurrou as suas contra ele. Uma explosão de calor forçou um grito de seus lábios quando seu pênis largo empurrou dentro dela. *Uma resposta!*

Ela esperou por mais, mas nada mais aconteceu.

Ela colocou a perna livre em volta do quadril dele. A cor manchada de seus olhos permaneceu escura, o brilho claro dos cabelos ainda era preto e sua pele era de uma cor totalmente diferente. Janet inalou e o montou lentamente por baixo, balançando o corpo, ondulando os quadris e roçando os mamilos no peito dele, fazendo o que podia para acalmá—lo.

Os olhos dela rolaram na parte de trás da cabeça quando as cordas do eixo dele esfregaram seu ponto G. *Sim.*

— Zeph, ela gemeu, passando as mãos por todo o corpo musculoso perfeito dele.

— Volte para mim. Outro suspiro e ela envolveu seu corpo ao redor dele o máximo que pôde, usando - o mais uma vez, outro clímax construído dentro dela. *Usando - o, ajudando - o...* As palavras entraram em sua cabeça em uma névoa de felicidade.

— Só você. Só você.

Doze

Zeph esperou que os engenheiros terminassem o dia. O cheiro do suor humano lotava seus sentidos e combinava com o cheiro grosseiro da cidade superpovoada e altamente industrializada da Nova América, era o mais próximo que ele sentia de uma dor de cabeça.

Os holofotes acenderam, banhando a pista com luz, quando o sol começou a se pôr no horizonte. Um a um, os engenheiros deixaram o local, deixando - o esperando sozinho.

Amanhã seria sua primeira missão no EPED.

Ele ouviu os passos de Hector e sentiu o sinal aumentar muito antes de seu amigo aparecer na abertura do casco.

"Além de alguns suprimentos de última hora, esta nave está quase pronta para atingir o céu", disse Hector, saindo do cinto para se juntar a ele. A camisa estava desabotoada no topo e as mangas arregaçadas até os cotovelos, com manchas de graxa nas mãos e nos antebraços.

Zeph assentiu. "Não foi assim que vi minha aposentadoria."

"O que você viu? Deitado em uma praia em algum lugar tomando banho de sol com sua pele de couro?" Hector riu. "Nós não fomos construídos para essa merda."

"Também não fomos construídos para isso."

"Foda - se não, mas é algo a fazer enquanto esperamos a próxima guerra. Ser pago para transportar monstros e explorar o universo enquanto é pago, é um bom negócio, eu acho."

Zeph não concordou, mas não precisava dizer isso em voz alta. Hector já sabia sua opinião. Eles eram quase inseparáveis desde que seus corpos foram levantados juntos do tanque de criação. Suas meras horas antes de Hector. Eles foram à guerra juntos e optaram por permanecer juntos depois que terminou os únicos Cyborgs que se recusaram a caçar sozinhos.

Havia algo viciante em estar perto de alguém que inerentemente entendia tudo a seu respeito, e que o fazia porque sofria as mesmas doenças.

— Isso é coisa sua — Zeph murmurou. "Estou aqui apenas para caçar."

“Você está contratado com o EPED. Diga o que quiser.” Hector riu de novo e deu um tapa nas costas dele. "Mas vamos fingir que isso faz você se sentir melhor."

— Zeph...

Um calor úmido, contorcido e sufocante estrangulou seu pênis e o ligou ao local. Zeph se abaixou ainda mais com um gemido. Ofegou e se moveu com ele, deslizando firmemente sobre seu eixo inchado.

Quando o brilho da memória começou a desaparecer, uma pequena quantidade de foco voltou à sua visão.

Suas narinas queimaram quando ele inalou o aroma maduro de excitação. Ameaçou sufoca – lo, afoga - lo em sua própria ponte. Ele fechou os olhos contra o cheiro floral inebriante e deixou a dor rasgar através dele, sobre ele, e

finalmente o deixou quando suas células se separaram. Ele sentiu as mudanças desconhecidas em seu corpo tentando se apossar e lutou contra elas o tempo todo.

Ele estava lutando por doze malditos anos.

— Você está bem? Janet perguntou. Sua voz soou distante, mas quando ele reabriu os olhos, ela estava no chão embaixo dele.

Ele estreitou os olhos e repetiu os últimos minutos em sua cabeça. As mãos dela subiram para cobrir o rosto dele.

— Estamos no maldito chão, Zeph estalou entre os dentes pontudos. Janet apertou as pernas em torno de onde elas se prendiam sobre a cintura dele. Sua visão vacilou.

— Você me prendeu aqui, ela respirou, suas pálpebras tremulando.

Eles estavam no chão e ele estava dentro dela.

Ela está me usando. Ela se moveu em empurrões curtos e rápidos abaixo dele, fazendo seus músculos se tensionarem com o esforço de permanecer parado.

— Você empurrou para dentro de mim. As unhas dela roçaram a parte de trás do couro cabeludo. — Então você foi embora. Suas palavras terminaram em um suspiro.

Zeph olhou para ela, ofegando e tremendo no pequeno espaço sob seu corpo, empurrando e puxando para frente e para trás em seu eixo em uma dança erótica. Ele estava hipnotizado, e seu pau inchou ainda mais, levantando suas bolas para liberação. A dor desapareceu em uma memória distante, bem como nos pensamentos que tomaram sua mente. Como ele poderia se perder tão facilmente? Ele juntou

os cabelos de Janet em seu punho e inclinou a cabeça para trás.

Como ele podia sentir falta de um momento de sua boceta apertada?

— Estou de volta agora, ele resmungou, trabalhando seu pênis mais profundo dentro dela.

Ela miou baixinho. — Então funcionou.

Sua testa franziu. *Funcionou?* Ele olhou para a mulher usando - o como se seu corpo fosse o direito dela. Uma pressão tensa encheu seu pau enquanto ela o montava.

Não foi fácil, seus movimentos bruscos provaram isso, mas porque não era fácil para ela, tornou tudo melhor para ele. Ela estava trabalhando para o pau dele.

Janet era a mulher mais bonita, egocêntrica e ingênua que ele já conhecera, e ele estava fodidamente encantado. Zeph se forçou a não assumir o controle, a não abrir as pernas e perfura - lá no fundo da nave. Ele não queria que seu pequeno movimento parasse, percebeu. *Eu amo isso.*

Sua boca ficou com água.

Seus olhos se abriram quando ela se levantou e pressionou seu clitóris inchado na carne dele. Lavanda inundou seu nariz e ele apertou mais o cabelo dela até que a pele dela formigou com arrepios.

— Use, ele ordenou, pedindo nela.

— Estou tentando! Deus estou tentando.

— Eu sou seu deus do caralho agora.

Zeph se apoiou nos cotovelos, dando - lhe um pouco mais de espaço, enquanto empurrava os quadris para frente. As solas de borracha de suas botas militares prendiam - se ao metal. Um estrondo encheu sua barriga, baixo e profundo, acalmando seus sentidos o suficiente para permanecer no controle e não se perder novamente.

A cabeça de Janet rolou para trás.

Ele não sentiria falta disso pelo universo. Ele se obcecou com imagens de Janet em sua cabeça, repetindo - as como um perseguidor de novo e de novo na tela visual de seus olhos. Não havia nada como estar dentro de sua boceta acolhedora, cercada pelo perfume das flores da Terra e dos oceanos de Kepler. Saliva se acumulou em sua boca enquanto a observava, bombeando seus quadris para frente várias vezes a cada batida de seu coração, aumentando sua velocidade com o ritmo de seu pulso.

Os lábios dela se separaram em um gemido prolongado e ele se levantou, arrastando as pernas para cima dele e segurou o rosto com uma mão, passando o polegar pesadamente pelo lábio inferior.

— Olhe para mim, ele ordenou. E quando suas pálpebras se levantaram e suas pupilas se concentraram nele, ele empurrou o polegar na boca dela. A boca dela se fechou sobre o apêndice, embebendo - o no calor úmido e roçando - o com as pontas afiadas dos dentes. — É isso aí. Zeph balançou nela, extasiado, enquanto pressionava a ponta do dedo pesadamente sobre a sua língua lisa. Ele a

massageou em uníssono com o bombeamento, sentindo sua semente reptiliana acumular - se no saco.

Janet levou o polegar mais fundo em sua boca e chupou. *Duro.*

— *Foooooda - se*, ele sussurrou, pegando o cabelo dela com a outra mão, inclinando a cabeça para encará - lo. Os dentes dela morderam o polegar dele, fazendo - o ver estrelas. Zeph rosnou, curvando - se sobre sua pequena fêmea e a envolveu dentro da gaiola de seus membros. Nem mesmo o espaço glorioso do lado de fora de sua ponte estaria a par da visão dela.

Ela mordeu com mais força a carne dele, sua língua enrolando e lambendo sua unha, e seu bombeamento acelerou. Zeph afastou as mãos do rosto dela para agarrar sua cintura, sentindo o metal em seus quadris se expandir e mudar.

Os olhos de Janet brilharam. — *Oh!*

Ele empurrou como uma fera, despreocupado com a flexibilidade de seu sexo molhado. Os gemidos de Janet aumentaram seus sentidos e encheram seus ouvidos. Seu corpo ficou tenso com intenções perversas.

Ele sentiu as paredes dela se fecharem no clímax, assim que sua semente disparou dele. Ele rugiu em êxtase quando a pressão aumentou e liberou a cada bombeamento de seus quadris. Seus dedos cravaram em seus lados enquanto ele derramava tudo o que tinha em sua boceta, usando o corpo dela como ela usara o dele. Janet tomou tudo entre suspiros

ofegantes, mesmo depois que suas investidas diminuíram a força contra ela várias e várias vezes.

— Janet. O nome dela acompanhou sua derivação final. Ela olhou para ele através dos olhos encapuzados e satisfeitos enquanto sua vagina continuava a ordenhar seu pau rígido. — Foda - se, ele sussurrou, quase com reverência. Eles desceram juntos entre suspiros altos e o forte cheiro de sexo.

Ele gemeu ao capturar o momento perfeito em seus bancos de memória. Ele se levantou e olhou para baixo entre seus corpos, seu olhar pousando sobre onde seu eixo grosso estava dentro dela.

A semente dele, a essência dela e a descoloração rosa do sangue encheram seus olhos. Zeph agarrou seus joelhos e a abriu, olhando para onde eles estavam conectados.

Os olhos dele se estreitaram. — Eu te machuquei?

Janet soltou uma risada ofegante, mas balançou a cabeça de um lado para o outro sem responder. Sua preocupação aumentou quando o cheiro de cobre atingiu seu nariz. Ele cerrou os dentes e começou a se afastar dela, odiando os gemidos que deixaram seus lábios. Seu pênis saiu e foi seguido pelo excesso de seu esperma grosso que se acumulou no chão.

As costas de Zeph bateram no chão quando ele gemeu novamente, a imagem do sangue dela se recusando a ir embora. *Eu quase perdi.*

A luta. O voo para Elyria. E o pior de tudo, Janet.

Ele rosnou, seu pau ainda empurrando com grossas gavinhas de sementes saindo. O que teria acontecido se ele se perdesse completamente? Se ele não a ouvisse gritando para ele voltar? Ela ficaria presa sem piedade sob a força de sua estrutura de metal.

Lembranças repentinas dele e Hector brilharam atrás de seus olhos. Ele agarrou sua cabeça e rugiu.

Janet se moveu para o lado dele rapidamente. — O que está errado? Eu fiz alguma coisa? Oh merda, era eu, não era? Eu sabia que algo estava errado, mas não me importei. Por favor me diga o que fazer! Ela o tocou freneticamente. Parte dele estava bem ciente de cada movimento que ela fazia, cada *batida* de seu coração, mas focar nisso era difícil.

— Foi uma péssima ideia, disse Zeph, seu corpo se contraindo a cada palavra. Ele tinha um rastreador para encontrar e duas fêmeas para proteger. Deixar Janet fechar agora era uma faca de dois gumes. Ela não sabia o quão fodidamente perto estava de se machucar seriamente.

O rosto de Janet apareceu sobre ele de repente. — O que foi uma má ideia?

"Você sabia que era, mas não se importava", disse Hector de algum lugar distante.

A voz de Zeph escureceu. "Você nunca deveria ter levado ela."

"Eu quero ela. Ela me procurou de bom grado. Ela é minha."

A dor se intensificou, e ele sentiu o corpo se contorcer, puxando os braços e as pernas para dentro e para fora do meio do turno até que pareciam nada além de estranhas abominações. Seus afiados dentes de crocodilo puxaram suas gengivas apenas para serem empurrados e descartados, seu corpo criando mais a uma velocidade que seu sistema não podia igualar.

Janet correu em volta dele, arrancando as roupas restantes e limpando - o com uma toalha molhada.

Onde ela conseguiu uma toalha?

Ele procurou o rosto dela entre a névoa cheia de agonia de seus olhos quando sua cabeça começou a clarear. As imagens de Hector começaram a desaparecer. Os inchaços irregulares que rasgavam a carne de suas costas recuaram de volta para ele quando ela pressionou a mão sobre a testa dele. Lágrimas brotaram no canto dos olhos e uma única gota se acumulou em seus cílios. Ela caiu e Zeph abriu a boca e enfiou a língua para fora.

Ele pegou e gemeu.

— Por favor, diga alguma coisa. Por favor, Janet implorou.

Zeph passou a língua por toda a boca até que o gosto da lágrima desapareceu. Quando não restou nenhum indício, ele bateu a mão no chão e se apoiou no cotovelo.

— Deixe - me, ele ordenou.

— Absolutamente não!

— Você não precisa ver isso. Eu já te machuquei o suficiente.

— Como inferno que não preciso? Você acabou de ter uma convulsão. Precisamos leva - lo ao centro médico, agora!

Seu nariz e garganta queimavam com metal, literalmente, quando ele se ergueu sobre os joelhos. O braço de Janet passou por suas costas enquanto ela abaixava a cabeça sob o ombro dele, em um esforço para ajuda - lo.

— Eu vou esmagar você se eu desmoronar, querida. Você esquece que sou feito do metal mais forte do universo conhecido. Mas ele não se soltou. Zeph pressionou o nariz no topo da cabeça dela e a respirou. O cheiro de sua excitação ainda estava por toda parte e ele percebeu que ainda estava duro.

— Pare de reclamar. E nós dois sabemos que não é o metal que faz você pesado. É porque você é gordo.

Zeph parou no meio do caminho em direção à porta, praticamente carregando Janet agora, e caiu na gargalhada.

— Há apenas uma coisa em mim que é gorda e nós dois sabemos o que é isso. Seu pau ainda duro se contorceu pela segunda rodada... Apesar de tudo. *Porra, inferno!*

— Você é um ogro, ela ofegou, tentando lidera - lo. Ele a deixou.

— E você é uma sereia. Ele os conduziu pelas passagens silenciosas até que entraram em seu laboratório, onde descansava, agora que sua cabine pertencia a Janet e Lily, e a conduziu em direção a uma das portas diretamente à direita.

— Nós não fazemos sentido.

— Quem se importa?

A porta se abriu quando eles se aproximaram e eles tropeçaram. Ele a pegou quando caiu no colchão almofadado perto da porta, mantendo - a encolhida contra o lado dele. A cabeça de Zeph clareou ainda mais agora que ele estava de volta em seu próprio santuário, cercado por um ambiente falso que ele criara usando os recursos de seu laboratório. Foi ainda melhor compartilhar este espaço com ela.

Minutos se passaram quando a respiração difícil se acalmou, e um silêncio confortável se instalou ao seu redor. Ele olhou para Janet, onde a cabeça dela repousava sobre o peito nu. Ele se abaixou e enroscou os dedos nos cabelos dela, afastando as mechas perdidas do rosto dela. Ela se aconchegou nele ainda mais. Seu coração inchou.

— Durma, ele sussurrou.

— Você vai me dizer o que aconteceu?

— Estou atormentado. Era uma mentira no sentido literal.

— Você está doente?

— Sim.

—Você está morrendo? ela perguntou e inclinou a cabeça para encontrar o olhar dele.

Zeph forçou um sorriso nos lábios. Não neste ciclo de descanso. Durma agora, é tarde. Amanhã será um dia longo e precisaremos do seu fogo.

Ela continuou a olhá - lo, com perspicácia, os olhos azuis amendoados encapuzados e o rosto rosado de exaustão. Tão diferente e tão parecida como quando ela

chegou ao clímax por todo o colo dele e por todo o chão debaixo dele. Ela não tinha fugido.

Ela nos procurou.

Ela é nossa.

Ele dormiu.

Treze

Janet acordou assustada, encolhendo - se no colchão macio como travesseiro abaixo dela. Ela estendeu o braço para Zeph e o calor dele, mas encontrou o lugar ao lado dela vazio. Seus olhos se abriram e ela se sentou. Enormes paredes de vidro a cercavam, exceto a porta do laboratório, que estava aberta. Atrás das paredes de vidro parecia haver uma selva de árvores e plantas que ela nunca tinha visto antes.

Demorou um minuto para lembrar como ela terminou em uma sala conectada ao laboratório.

— Zeph? ela gritou suavemente enquanto seus olhos se ajustavam e ela observava o resto de seus arredores. Memórias da noite anterior surgiram em sua mente; a barganha, o beijo, o sexo. O fato de que ela veio a se importar com ele, e o ataque de Zeph de ... *o que quer que tenha sido?*

— Oh merda, Lily! Janet saiu da cama e procurou freneticamente suas roupas. Ela as encontrou dobradas em uma cadeira ao lado da porta, com o receptor bem arrumado em cima deles.

Ela o levou à boca. — Lily. Lily está bem? Estou chegando! No minuto seguinte, ela estava vestida e do lado de fora da sala estranha, deslizando pelo chão do laboratório de meias.

A voz de Bin veio pelo receptor. — Bom dia, senhora Janet. A senhora Lily está no salão com o Mestre Zeph. Eles estão esperando por você.

Salão. Demorou um momento antes que ela se lembrasse de onde aquilo estava, indo direto para ele.

Droga! Janet se amaldiçoou por deixar Lily sozinha durante todo o ciclo de descanso. Não importava o quão bem Lily estivesse levando tudo o que havia acontecido, parecia muito melhor que ela mesma, ela não deveria ter deixado sua irmã acordar sozinha. Janet decidiu naquele momento que a primeira vez que Lily chorasse por casa, não pararia de fazer isso acontecer. Ela não pararia por nada.

Droga.

Ela ouviu risadas vindo do corredor e parou abruptamente. Ao contrário das luzes tecnológicas em todo a nave, uma luz quente entrava pela porta. Era arejado e brilhante, e a voz aguda de Lily veio de algum lugar além. Janet passou as costas da mão sobre os olhos e ouviu.

— Podemos nos aproximar? Por favor? Perguntou Lily.

Zeph riu. — Já terminou com as luas? Um deles é tão venenoso que nenhum ser vivo pode se aproximar dele. Ouvi dizer que existe um monstro gigante que às vezes pode ser visto do espaço.

— Sério? Eu quero ver o monstro.

— Mais do que a metrópole?

— Sim! Eu quero ver isso!

— Tudo bem, pequena flor, vamos ver se podemos nos espionar um monstro.

A luz mudou dentro da porta e Janet deu um passo silencioso mais perto. Seu pânico começou a diminuir e ela fechou os olhos enquanto respirava agradecida. Zeph parecia o seu eu normal, até encantador. O que era mais do que a maioria das pessoas poderia dizer sobre ter que cuidar de uma criança logo de manhã.

Eu deveria assumir...

A voz de Lily encheu o ar.

Janet sorriu lentamente.

— Parece que Janet está acordada, Zeph anunciou antes de virar a esquina.

— Janet! Lily gritou, fazendo - a estremecer. A irmã correu em sua direção e a envolveu com um abraço. — Você está acordada! Tio Zeph disse que você estava dormindo e disse que não poderíamos acordá - la. Ele disse que você não estava dormindo bem.

Janet abraçou Lily e a puxou com um aperto forte.

— Eu dormi bem ontem à noite. Ela olhou para Zeph enquanto carregava a irmã de volta para a sala iluminada. Ele parecia tão normal quanto parecia com seus cabelos cor de âmbar e olhos verdes brilhantes. Eles brilhavam quando ela os8 conheceu, fazendo seu coração disparar. — O que vocês dois estão fazendo? Ela colocou Lily no chão.

— Esperando por você, disse Zeph, seus lábios se esticando em um sorriso malicioso. Ele entregou - lhe uma xícara de café enquanto Lily corria para a grande vigia central.

Janet cheirou a oferta antes de tomar um gole. — Eu estava dormindo por tanto tempo?

— Como a Bela Adormecida. Ele ocupou seu espaço enquanto suas bochechas esquentavam.

— A Bela Adormecida só acorda com o primeiro beijo do amor verdadeiro. Ela tomou outro gole. — Não café... Janet percebeu o que disse um momento tarde demais e deu um passo atrás de Zeph.

— Oh? Ele se mudou com ela.

Ela colocou o copo na frente dos lábios. — O café é melhor. Ela apertou os lábios na caneca quente. — E mais seguro. *Muito mais seguro. E melhor.*

Talvez?

O sorriso de Zeph ficou desonesto. A boca dele pairou sobre a orelha dela.

— Não fui eu quem acordou você. Eu sou quem te coloca pra dormir.

— Não aqui, disse ela. Janet fechou as pálpebras quando os lábios dele acariciaram o topo da orelha dela.

— Por que não?

— Lily.

Janet se virou e sugou ar para os pulmões, virando as costas para o Cyborg. Ela examinou o salão e encontrou o Bin - one o sr. Heartface no balcão, onde estavam duas bandejas de comida. Um deles havia sido parcialmente devorado. Ela se sentou na frente do outro, sabendo que o olhar de Zeph continuava preso em suas costas.

— Lily, você já terminou de comer? ela chamou.

Lily correu para o lado dela, olhou para a comida e correu de volta para a janela, seu tablet de videogame pendurado na mão o tempo todo. — Eu quero ver o monstro da lua!

— Vou aceitar isso como sim. Janet murmurou.

Ela olhou para a comida diante dela. Não era outra iguaria de Kepler, mas um café da manhã padrão: torradas, aveia e frutas. Ela cutucou as bagas uma vez antes de mergulhar com um gemido. Fresco. Zeph conseguiu manter frutas frescas em sua nave. Quando terminou sua bandeja, ela pegou o prato de Lily e terminou as sobras.

Uma vez que não havia mais comida para mantê - la ocupada, Janet lambeu os lábios e forçou sua atenção de volta ao quarto sem olhar para Zeph. A tensão tensionava todos os músculos do corpo.

Ela foi intimidada por ele? Ela tirou os cabelos dos ombros. Os homens raramente a faziam se sentir assim, mas com ele, a vibração em seu intestino não desaparecia. Tornava difícil manter o controle de si mesma quando ela estava constantemente sendo atormentada pelo sentimento. A noite passada só piorou as coisas.

O riso encheu seus ouvidos, atraindo os olhos de volta para a escotilha.

— Agora, se você olhar atentamente para as nuvens, poderá ver um turbilhão e uma abertura. Se isso acontecer, estude as aberturas e você poderá ver alguma coisa, Zeph disse, ajoelhando - se ao lado de Lily.

— Onde?

— Continue olhando. Vou nos aproximar, mas seu trabalho é encontrar a criatura.'

Bin - one tomou o seu lugar quando Zeph se afastou e se juntou a ela no balcão.

Nuvens roxas e a paisagem oculta da lua enchiam a vigia. Janet queria se juntar à irmã na busca, mas a parte adulta dela sabia que eles só precisavam de uma criança na nave.

— Existem monstros realmente gigantes? Ou isso é um ardil? ela perguntou, olhando para Zeph, seu senso comum não correspondia à sua curiosidade.

— Oh, há algo nessa lua. Ninguém nunca chegou perto o suficiente e viveu para contar a história.

— Sério? Ela colocou a xícara no chão.

— Por quê? Você quer ver o grande monstro ruim também?

— Talvez, disse ela, levantando - se da cadeira.

Zeph agarrou seu pulso. — Sobre a noite passada. Nós precisamos conversar.

Ela olhou para a janela ansiosamente antes de suspirar e se sentar novamente.

— Você está doente, e meu trabalho é impedir que você se concentre nisso. É uma solução idiota, mas se isso significa que você manterá Lily em segurança e a levará de volta para casa, eu não me importo.

Ele apertou o pulso dela uma vez e puxou a mão dela em sua direção, travando os dedos com os dela quando ela tentou retirá - lo.

— Não sobre isso. A mídia e o EPED. Antes de você me interromper, eu estava coletando informações.

Ela torceu o rosto. — Então?

— Estamos sendo caçados.

— Boa! Fico feliz que *você esteja* sendo caçado. Talvez eles até te peguem também, ela cuspiu, mas isso não a impediu de olhar pela janela com preocupação.

— Aquele cara com tatuagens no rosto?

— Gunner. E não, não atualmente, mas ele foi enviado pelas mesmas pessoas que me enviaram ao seu pai. Nós dois trabalhamos para um homem chamado Nightheart, um Cyborg muito perigoso e influente que tem recursos em todo o universo conhecido. Ele é um idiota.

— E você está trabalhando para ele por quê?

Zeph encolheu os ombros. — É complicado.

Janet revirou os olhos. — Claro que é.

— Ele não é um bom homem, Janet. Ele vai me matar se nos alcançar, e está disposto a levar você e Lily também se não houver outra maneira de contornar isso.

A boca dela secou. Ela deslizou os olhos para sua irmãzinha. — O que você fez?

— Não era para ser assim. Lily nunca deveria estar a bordo naquela noite...

— Eu acredito em você. Mas ela estava e agora estamos aqui... E não posso te dizer o quanto quero te odiar agora. Parte dela queria gritar e dizer a ele para se entregar, mas ela não podia, porque outra parte dela, a parte traidora em que a segurança de sua família não vinha primeiro, queria

ajudar Zeph. Ela não podia mata - lo mais do que machucaria Lily.

Se a Lily descobrir as consequências de se esgueirar a bordo quando for mais velha... Ou a minha consequência de brincar com fogo e se queimar.

Rylie implorara a Janet para não encantar Zeph, mas ela o fez de qualquer maneira, pensando que ele era apenas outro cara. Outro homem que pensava mais com o pau do que com o cérebro.

Era realmente um pau maravilhosamente grande e texturizado.

— Eles realmente nos machucariam? ela perguntou em voz baixa.

— Veja. Zeph arregaçou a manga do uniforme e acionou o punho por baixo. Uma série de correspondências apareceu no ar entre elas, cada uma delas endereçada a este Nightheart. Ela acenou com o dedo para rolar através deles, cada palavra fazendo seu coração deslizar cada vez mais para dentro de sua barriga.

Apreenda Zeph, modelo 403, vivo ou morto. Uma responsabilidade para com todos os Cyborgs e criações cibernéticas. Uma criatura desonesta que matará alguém ou qualquer coisa que atrapalhe seu caminho.

Retire sua nave se tudo mais falhar.

As mulheres a bordo são dispensáveis.

E assim por diante...

Janet olhou para Zeph. — Nós não somos dispensáveis! Onde você conseguiu isso?

— Minha manipuladora os enviou, criptografados, diretamente para o meu endereço IP interno pessoal. Mia lida com os detalhes e a política. Enviar me isso também colocaria sua vida em perigo.

— Podemos confiar nela?

— Tanto quanto eu posso, o que é impossível, pois ela está a bilhões de quilômetros de nós. Então talvez?

— O que podemos fazer então? Continuar voando pelo espaço para sempre e fugindo da lei? Os olhos de Janet se arregalaram, já tentando elaborar um plano.

— Estavam indo

— Nós precisamos nos esconder. Altere nossos números de identificação e nossas aparências. Não há como permanecer no espaço comercial sem ser pego. Eles podem rastrear nossos sinais de rede, nosso DNA. Oh meu Deus, você é construído com materiais de valor inestimável! Se eles estão dispostos a destruir você, Lily e eu não somos nada para eles, Janet apertou a mão dele desta vez, roendo as unhas na pele dele. — É possível desaparecer?

Os lábios de Zeph se curvaram em um sorriso, que se abriu em um sorriso, deixando - a ainda mais ansiosa.

— Por que diabos você está sorrindo? ela perguntou.

— Porque você é doce quando está ansiosa. Eu já tenho um plano.

Ela arrancou a mão da dele e olhou com raiva.

— Linguagem! Quando você se encontra em uma situação como essa, tente manter a calma.

— Não é meu forte, querida, como você já sabe. Sou impulsivo pra *caralho*.

A boca dele caiu sobre a dela, silenciando - a e exigindo submissão. Ela arqueou as costas, mas as mãos dele seguraram a parte de trás da cabeça dela e a mantiveram no lugar, dedos amassando os cabelos. Dentes e língua arranharam e pressionaram contra seus lábios até que ela os separou para deixa - lo entrar. Ela respirou o calor dele e empurrou contra o peito dele, movendo a boca sob a dele, lutando com cada impulso de sua língua. Ele cantarolava e suas vibrações a enchiam, vibrando todas as fibras do corpo dela.

Seu interior aqueceu e derreteu, deixando - a nada mais do que uma massa faminta de nervos.

Zeph a soltou abruptamente e ela ofegou, arrancando - o de seu abraço.

Janet procurou a irmã e descobriu que as costas de Lily estavam voltadas para eles. Bin - one a segurou nos ombros.

— Você não pode fazer isso, ela sussurrou após um momento sem fôlego. — Não é justo.

Ele se apoiou no balcão e levantou uma sobrancelha.

— Quem se importava com justiça?

— Pare. Simplesmente pare. Ela passou as mãos pelo rosto e esfregou. Realmente era muito difícil olhar para ele algumas vezes. Uma ideia surgiu em sua cabeça e ela soltou os braços. — Precisamos sair desta nave.

Um sorriso voltou aos seus lábios. — Meus pensamentos exatamente.

— Se sairmos da nave e encontrarmos outra, podemos nos esconder com muito mais eficiência. Tudo o resto são apenas detalhes, certo? Eles estão procurando por esta agora e descobriram se aquele cara do Gunner trabalha para o seu antigo chefe. A ideia teve mérito, mas... Onde podemos conseguir outra nave? E por que ele deixou você ir?

— Bem, para responder à última pergunta, Gunner está sempre entediado. Tenho a sensação de que, ao me deixar ir, ele está ficando empolgado com isso. Quanto à outra nave, eu já tenho isso coberto.

— Sério?

Não conseguia imaginar onde alguém conseguiria uma nave que Zeph considerasse suficiente sem esperar meses para que fosse construída. Eles não eram como nenhum outro técnico por aí; se eles não estavam sendo usados, estavam sendo descartados por peças.

— Há um homem em Elyria, ele possui uma série de clubes por toda a metrópole. O nome dele é Rafael, depois do maldito pintor, e ele pode estar disposto a fazer um acordo. Janet, você está certa. Tudo o resto são *apenas* detalhes. Se você queria uma nova identificação e aparência, eu posso lhe dar isso aqui, agora. Quanto a nos rastrear através de nosso sinal, tive todas as cordas cortadas na rede, exceto as minhas, desde que deixei o espaço aéreo de Kepler. Tudo, menos aquele maldito rastreador.

— Podemos usar a nova nave para voltar para casa?

O sorriso caiu de seu rosto e seus olhos ficaram frios. Ela mordeu a língua e olhou para os cabelos e a pele

dele. Nada mudou. Suas mãos se fecharam em punhos, e os tendões que estavam por baixo do decote até a mandíbula ficaram tensos.

Uma leve onda negra nublou suas íris verdes.

— Sim. Podemos usá - la para voltar para casa, ele disse em voz baixa.

Janet parou, desejando não ter trazido o assunto de volta. Ela queria que seu sorriso encantador e malicioso retornasse, e a faísca travessa em seus olhos. Em algum momento, e ela não sabia quando, aquela fachada dele havia se tornado uma rede de segurança.

"Eu não sou Zeph."

Por que continuo lembrando disso?

Porque a tensão, retornaram entre eles. Momentos antes, ele era o Cyborg que ela conhecera desde o primeiro dia em que chegou ao povoado de sua família. Mas agora...

Ele é Zeph.

E, no entanto, ela não conseguia se convencer de que isso era inteiramente verdade.

Janet esfregou as pontas dos dedos sobre os lábios.

— Quem diabos é você? Ela perguntou calmamente, nervosa.

— Aí está! Lily de repente gritou. — Aí está o monstro!

****

Os olhos de Janet alargaram quando ela olhou para ele como se ele fosse um monstro. Os fios em sua cabeça subiram com irritação. Zeph estreitou o olhar quando ela

quebrou o contato visual com ele, deixando - o muito mais irritado do que antes, e agora com inveja do lugar de Lily em sua vida. Ele a viu correr para o lado da irmã.

Sua mandíbula ficou tensa. *Quem diabos eu sou?*

A mania infantil de Lily encheu sua cabeça tão rápido quanto o suspiro de Janet. Ela se virou para olhá - lo, com os olhos arregalados, enquanto o Sr. Heartface tentava acompanhar as dezenas de perguntas que Lily fazia.

— Há algo lá embaixo, Zeph! Janet voltou - se para a janela e se apoiou nela, as mãos pressionadas contra o vidro.

Zeph esfregou a boca e contou dez vezes para trás, desligando e reiniciando seus sistemas mais problemáticos, e tentando controlar os surtos elétricos que fluíam através dele. O crocodilo estava desesperado para retomar o controle, mas toda vez que vinha à superfície, abrindo buracos em suas costas, o mesmo acontecia com o demônio. Ele não podia sentir nada quando sua pele mudava de cor, não desde que ele e Hector estavam em sua última missão juntos, o que era um problema, porque estava acontecendo com muito mais frequência do que ele gostaria.

Eu estou perdendo isso. Eu estou saindo sem controle. E ele pensou que Janet poderia impedir que isso acontecesse.

Mas ela *tinha* parado. O tempo todo que ele esteve na companhia dela em Kepler, ele esteve no controle.

Inferno, dei conselhos a Netto sobre controle.

Ele abriu os olhos. Janet e Lily estavam exatamente na mesma posição, cabelos compridos e louros fluindo desarrumados pelas costas, olhando para a massa roxa

abaixo. Seu coração mecânico se mexeu e seus lábios se contraíram em um sorriso preguiçoso.

— Você não acreditou em mim, disse ele, dirigindo - se às duas mulheres mais importantes de sua vida. *Eu as protegerei.*

— Mestre Zeph, devo nos levar para mais perto? *Eu até protegerei você, Sr. Heartface.* O Bin assumiu seu novo papel de babá com calma. Mais cedo naquela manhã, era evidente como Lily se apegara ao androide. Ele não podia separ - los agora. O modelo militar reajustado aliviou o de muito estresse quando se tratava da proteção da menina. Parte de Zeph que estava sempre dentro, adormecida, monitorando tudo em segundo plano.

— Não. Está perto o suficiente.

— Por favor, podemos dar uma olhada mais de perto? Lily implorou.

— Gostaria de vê - lo anotar e adicioná - lo à sua coleção, disse Janet. Seu tom era mais leve e provocador, o que o acalmou ainda mais.

Zeph acariciou seus cabelos com os dedos. — Onde eu colocaria sua cabeça? A minha já é grande demais para este navio.

— Estou feliz que concordamos em algo.

Ele sorriu, olhando pela janela entre as meninas. Nuvens rodopiavam quando as costas espetadas e gigantescas os perfuravam. — Um monstro lunar de Elyrian, ou molos como os locais chamam, é inofensivo desde que você fique longe da lua deles. E sim, há mais de um. É por

causa deles que a atmosfera lá embaixo é tão venenosa. Mantém seres como nós distantes.

— Alguém já tentou matá - los? Janet perguntou.

Zeph retirou os dados armazenados sobre os molos de seus discos rígidos. — De perto e pessoalmente, bombas nucleares do espaço, armas a laser e explosões químicas. Às vezes alguns caem, mas sempre voltam. A superfície é um terreno baldio de oceanos e terremotos tóxicos. Não faz sentido matá - los. Eles não podem nos prejudicar se mantivermos Elyria e as outras luas.

Preciso do meu próprio local venenoso no universo para me esconder. Ele sacudiu o pulso e verificou o tempo da metrópole central de Elyria. Dezoito. Os dezoito só ficariam abertos daqui a trinta e seis horas.

— Então por que nós tentamos matá - los para começar?

A cabeça do molo se levantou da neblina de nuvens e rugiu. O som mal podia ser ouvido através do navio. Janet e Lily gritaram e saltaram para trás quando dentes enormes do tamanho de uma nave espacial puderam ser vistos do espaço.

Zeph pegou Lily nos braços e a girou até seus gritos serem substituídos por risadinhas.

— Para ver se os corpos deles tinham recursos valiosos, disse ele, girando Lily acima dele. — Hearth Face, leve - nos ao porto do Oásis da Elyria.

— Sim, mestre, respondeu Bin one.

Ela precisa saber. Ele sentiu Janet observando - o enquanto sua nave voava para longe da lua. *Eu já estraguei o*

suficiente. Ele planejava leva - la de tudo que conhecia, longe de sua família, que ele estava começando a entender que significava tudo para ela. Ele não podia perder a quantidade escassa de confiança que conquistara até agora, não depois de perde - la tão completamente noites atrás. Ela precisava saber.

Mesmo que isso significasse que outro ser no universo continha algo contra ele.

Sua confiança e felicidade o ajudaram. A felicidade de Lily o ajudou. Ele estava finalmente começando a entender e categorizar, analisar e curar sua doença.

Ele jogou Lily no ar e a pegou contra ele quando ela caiu. Talvez ele pudesse ficar com as duas. Uma filha seria divertida.

Zeph abraçou Lily uma vez antes de liberar o pequeno tornado de volta aos andares inocentes da *Opressium.* Havia algo de tão doce em encontrar pequenas marcas de mãos suadas por todo o navio. Os pés descalços de Lily bateram rapidamente na janela e no planeta que se aproximava rapidamente além.

Janet continuou a observá - lo silenciosamente do outro lado da sala.

Ele encontrou os olhos dela, mas não conseguiu ler sua expressão. Seu pênis endureceu de qualquer maneira.

'Venha até mim.' A coisa lá dentro a desejava desesperadamente.

Ela se virou e voltou para a irmã.

Catorze

Zeph entrou em seu arsenal e passou o dedo pelo cofre na parede oposta. Ele pegou alguns bio - projetores e os colocou nos cabelos acima das orelhas. Quando os ativou, seu rosto e feições mudaram para se parecer com um homem comum. A tecnologia da ilusão não era ótima, mas ajudou. Impediria que os outros o reconhecessem da mídia.

Quando terminou, voltou para a ponte e solicitou a autorização de desembarque para Oasis City, um dos maiores centros turísticos de Elyria. Sua nave foi registrada e colocada no sistema de filas de desembarque Elyrian, que ele prontamente alterou. No que diz respeito à agência de controle de trânsito de Elyrian, Zeph era um simples correio entregando documentos dentro do sistema. Ele gerou uma dúzia de transações históricas mostrando chegadas e partidas pontuais nos últimos meses em todo o planeta.

Qualquer especialista em segurança humana provavelmente pensaria que era um trabalho de gênio; qualquer ciborgue consideraria um trabalho de hacker desagradável e deselegante, e tudo o que ele estava fazendo era deixar um grande rastro para trás. Mas sua nave ainda tinha um rastreador escondido, então a velocidade triunfou sobre a elegância. O EPED não mantinha relações com o governo local de Elyrian desde após a guerra, pouco antes de Nightheart assumir o reinado e privatizar a divisão.

Isso foi anos antes de ele e Hector se juntarem às fileiras de caça a monstros. Se houvesse algum funcionário do EPED em Elyria, ele cuidaria deles, mas se Gunner o ajudasse, Zeph imaginou que, enquanto seguisse em frente, ainda havia tempo.

Ele encontrou uma pista de pouso vazia bem fora dos limites da cidade, entre um monte de fábricas de naves em ruínas, depois da guerra. Depois que vinte minutos se passaram e ninguém se aproximou de seu radar, ele desligou o reator e observou a poeira do lado de fora. Enquanto esperava, ele conferiu suas inúmeras comunicações.

Nightheart. Mia. John. Stryker. Dezenas de mensagens de outros Cyborgs e conexões comerciais em todo o universo aguardavam que ele desse atenção. As principais fontes de notícias também encontraram as comunicações pessoais de sua nave, e seus comunicadores estavam cheios de perguntas. Zeph ignorou todos eles até chegar às mensagens enviadas por Netto e os Montihans.

— Senhorita Lily, a voz mecânica do Sr. Heartface encheu seus ouvidos, alguns segundos depois da emoção de Lily invadir o leme, — A ponte é uma área restrita!

— Está tudo bem, disse ele quando Lily parou na frente dele, a boca aberta.

— Quem é você? ela perguntou.

Zeph inclinou a cabeça e desligou a tecnologia da ilusão. — Apenas eu.

Os olhos dela se arregalaram enquanto ela o estudava. — Faça isso novamente.

Ele mudou de rosto novamente e um sorriso apareceu. Ele fez uma expressão pateta que se transferiu entre ilusões enquanto ela ria. — Você nunca viu brinquedos de verdade, Lily?

— Posso tentar?

— Certo. Ele tirou uma das peças e prendeu no cabelo dela. — Basta pressionar o botão. Já existem vários looks pré - fabricados. Zeph a levou a um espelho próximo e a mostrou. Os traços de bebê de Lily se transformaram em um jovem.

— Eu sou Steven! ela gritou.

Ele colocou os punhos nos quadris e fez uma careta. Não, você não é.

— Eu pareço com ele!

Ela não parecia. — Não, você não. Não gostamos de Steven nesta nave ele avisou.

— Eu sou Steven, eu sou Steven! Lily pulou para cima e para baixo, exasperando - o.

Eu vou matar aquele pedaço de merda.

— Posso ser Netto? Ela perguntou.

A carranca de Zeph se aprofundou. — Você não quer ser eu?

— Quero ser azul e ter muitos dentes.

Insultado, ele a levou de volta ao arsenal e reconfigurou o rosto de Netto na programação. Ele rapidamente apagou o que ela considerava Steven. Quando ele terminou, ele colocou o técnico na cabeça dela e ligou. Lily fugiu parecendo um bebê tubarão Cyborg com o Sr. Heartface correndo atrás dela.

Com um longo e prolongado suspiro, ele arrancou uma mochila e a encheu com suas armas favoritas, mantendo parte de seus sistemas examinando o exterior de sua nave em busca de algum distúrbio.

Troféus.

— Cale a boca, ele ralou.

Ele fechou os olhos com força e inalou, passando os dedos sobre uma pistola a laser não carregada. Ele levantou o cano na cabeça e apertou o gatilho três vezes antes de larga - lo na bolsa.

— Lily, o grito de Janet ecoou pela passagem, — Pare de correr!

Zeph foi até a porta. — Ela foi por esse caminho. Ele apontou na direção oposta quando ela o notou.

— Obrigado, murmurou Janet, recuando.

— Você quer entrar em contato com sua família? ele perguntou antes que ela pudesse desaparecer na esquina. Ele examinou a figura esbelta, vestida com roupas da tripulação modificadas. Corria um pouco folgado pelas bordas, escondendo suas curvas e a pele beijada pelo sol de vista; isso o fez querer desembrulha - la como um presente.

Meu prêmio

Ela parou de se afastar dele. — Você está falando sério? Você me deixaria falar com eles?

— Com uma condição.

— O que? Ela se aproximou. Seu pênis saltou, e o zumbido de seu crocodilo começou a crescer em seu estômago. *Mais perto, querida.*

— Você vai me perdoar quando eu matar Steven.

— Que tipo de condição é essa?

— Uma indulgência necessária. Ele quebrou o pescoço.

Janet parou logo fora de seu alcance. Seus lábios torceram para cima.

Ela apertou os olhos e examinou o rosto dele.

— Bem. Tanto faz. Você nunca terá a chance de matá - lo de qualquer maneira, porque isso significaria *voltar para casa* , o que você disse que nunca poderíamos fazer.

Seu sorriso se transformou em um sorriso. — Então está resolvido. Vamos tranquilizar seus pais. Ele tinha toda a intenção de massacrar o homem insignificante, mesmo que não representasse nenhuma ameaça. Era o princípio da questão. Steven pensou que Janet era dele. Um homem deve saber que até pensamentos podem matá— lo.

— Hey, Heartface ele gritou, surpreendendo Janet de propósito. — Reúna Lily e me encontre no laboratório.

Zeph ofereceu a mão a Janet, e ela se afastou, passando por ele em direção ao laboratório. Divertido, ele a seguiu.

— Você chama o androide de Sr. Heartface agora? ela perguntou por cima do ombro.

— Combina. Isso faz Lily feliz.

O cabelo dela flutuava tentadoramente e ele imaginou agarrar um punhado dele e força - la a ficar de joelhos.

— Não é um androide? Androids não têm emoções. —

— Eles têm a capacidade de aprender, Heartface se entregou para Lily. — É dela agora.

Chegaram à porta do laboratório e entraram na sala cavernosa. — Obrigado, mas não. Quando Lily for para casa, o androide fica. Ela não precisa de uma babá assassina na sociedade civilizada.

Zeph encolheu os ombros. — Eu diria que é o único lugar que ela precisa de um.

Lily e o Sr. Heartface chegaram um momento depois, de mãos dadas na porta, com Lily ainda ostentando as feições de Netto.

Janet ofegou. — O que você fez com ela?

— É uma ilusão.

— Eu sou um tubarão como o tio Netto! Lily correu para a parede do troféu. Depois, para Janet, que agarrou sua mão antes que ela pudesse fugir.

— Desde que seja reversível, disse Janet.

Zeph apertou o botão atrás da orelha de Lily e desligou. — Feliz? Ele riu quando Lily choramingou.

— Não, mas ajuda.

Um toque de sorriso brincou nos cantos da boca de Janet, e isso fez coisas maravilhosas em seu corpo.

O sorriso dela. Isso o *ajudou.* Isso fez o coração reptiliano de metal dele um pouco mais leve. Se ele pudesse engarrafá— lo, teria estes momentos como um remédio.

Ele verificou o tempo elírio. O sol estava a meio mastro e, no entanto, ele sabia que o dia já estava a caminho de terminar. O planeta era menor que a Terra e, por isso, teve dias mais curtos ao girar em torno de sua estrela. Ele fez as

contas em sua cabeça, imaginando que Kepler ainda estava passando pela manhã.

— Tudo bem, senhoras Montihan, vamos ver o que está acontecendo em casa.

Zeph pegou uma tela de holograma de um dos consoles adormecidos em seu laboratório e a registrou com seu ID pessoal, permitindo uma conexão temporária à rede. Ele seguiu as linhas digitais de uma das muitas mensagens ameaçadoras de Netto, as centenas dos outros no meio, e esperou.

Vários minutos tensos depois, uma imagem trêmula e meio calçada do tubarão apareceu, junto com Rylie e Quinten Montihan, seu pai.

Zeph recuou com um aceno e uma piscadela provocadora e permitiu que Janet e Lily assumissem o controle. O olhar furioso de Netto o seguiu, e Zeph olhou de volta com um sorriso. *Esta não é uma ligação social, Shark.* Até Cyborgs sabiam se comportar em torno das crianças.

O rosto de Rylie avançou do outro lado. — Oh meu Deus, vocês estão bem? Estamos tentando entrar em contato com você há dias! Vocês estão machucadas? O EPED nos garantiu que estão fazendo de tudo para recuperar vocês.

— Pa, Rylie, olha o que eu posso fazer! Lily apertou o botão e ficou azul. — Eu sou Netto!

— Estamos bem, disse Janet. — Um pouco ruim devido à viagem, mas Lily está segura e Zeph prometeu trazê - la para casa.

Quinten avançou, suas feições assassinas. — Zeph, como você ousa pegar minhas joias! Depois que te convidei para minha terra? Na minha *casa*? Verei seus impotentes, olhos mortos, se é a última coisa que faço. Devolva minhas filhas. AGORA!

Lily ficou em silêncio.

— Pai, por favor! Ele pode quebrar a conexão Rylie implorou, agarrando o braço do pai.

Netto cruzou os braços grandes.

— Eu não dou à mínima! O EPED garantiu sua morte...

Janet deu um pulo. — O que?

Zeph deu um passo à frente, mas Janet colocou a mão em seu peito, mantendo o para trás enquanto ela se colocava entre ele e o pai.

— O EPED disse que eles iam matá - lo? Janet perguntou, sua voz subindo. — Você falou com Gunner ou Mia? Com quem você falou?

Zeph parou, respirando as ondas de lavanda derretida que flutuavam dela.

Quinten franziu o cenho. — Janet, pare!

— Não. O que mais o EPED lhe disse, Pai? Porque tenho certeza de que eles não estão sendo honestos. Eles disseram que Lily e eu somos descartáveis? Que o objetivo número um deles é derrubar Zeph, independentemente da vida que eles possam levar no processo? Incluindo a nossa?

— Eles nunca machucariam você.

— Eles já nos atacaram. Você ainda está sob contrato com eles depois disso? Porque não acho que você queira

negociar com alguém que não tenha problemas em matar as filhas do fornecedor!

Netto deu um passo à frente, os olhos encobertos, uma mão grande agarrada ao ombro de Rylie. — Do que você está falando?

— Ele sequestrou você! Quinten gritou. — Ele sequestrou sua irmãzinha!

— Ele me levou e Lily se escondeu bordo, Janet gritou de volta. — Quando você escolheu matar ao invés de conversar?

— Você está defendendo ele? O rosto de Quinten estava vermelho e inchado, os olhos vermelhos por olheiras.

Zeph sentiu uma agulha de culpa. Se suas próprias filhas fossem roubadas, ele os rasgaria membro a membro e depois comeria os restos.

Janet hesitou, seu rosto corou agora também. — Eu estou... Não, eu não estou.

— Você esta sim. Seus olhos pareciam ainda mais cansados. — Por favor, diga - me que você e Lily estão bem.

— Eu estou bem, Pa, Lily falou baixinho novamente.

Janet caiu, derrotada. — Estamos bem. Nós... Ela parou e se virou para olhá - lo. Zeph assentiu e ela voltou para a tela. — Estamos a salvo.

— Onde você está? Rylie perguntou.

Zeph encontrou o olhar calculista de Netto novamente. O tubarão estava perdido em sua cabeça. Mesmo através da conexão de má qualidade, Zeph reconheceu a

mesma aparência de vidro digital compartilhada por todos os Cyborgs.

Afaste - se, Shark. Ele estava tentando localizá - los.

Janet apertou os lábios e Zeph esperou que ela contasse à família a localização deles. Ele nunca pediria que ela mentisse por ele, especialmente não por eles. A preocupação compartilhada entre todos os Montihans, e agora incluindo Netto, o irritou. Isso o fez sentir inveja disso.

Isso o fez se sentir um vilão.

— Vejo você em breve, disse Janet depois de um minuto.

— Janet, por favor... Os olhos de Rylie se encheram de lágrimas. Ela olhou implorando para Zeph. — Por favor, Zeph, traga minhas irmãs de volta em segurança. Nós perdoaremos você. Tudo será esquecido se você as trouxer de volta, por favor.

Zeph desligou a ligação sem responder. A tela desapareceu rapidamente, deixando o laboratório quieto, exceto pelas respirações rápidas e rasas de Janet.

Ele se virou para o Sr. Heartface. — Faça várias malas e carregue o hovercraft, ele ordenou, indo em direção à saída. — Estamos saindo.

Quinze

O sangue encharcava suas costas e corria em riachos pelo corpo. Zeph teve que fugir antes que ele fizesse algo que ele se arrependeria para sempre. Visões de Rylie implorando, os olhos cansados de Quinten encheram sua cabeça. Ele rosnou enquanto eles surgiam na sua cabeça repetidamente. Ele caminhou pelas passagens de sua nave em direção ao arsenal. O cheiro de cobre o seguiu.

Quando a porta do arsenal se fechou atrás dele, ele berrou no topo dos pulmões e arrancou o uniforme. Ele bateu nas paredes e cortou as grades de alumínio, seu corpo tentando e falhando repetidamente.

Zeph caiu de joelhos, estendeu a mão para trás e sentiu os espigões irregulares nas costas. Eles perfuraram sua pele, apesar de sua vontade de impedir que isso acontecesse. Sua pele deveria mudar com ela e puxar para dentro de sua estrutura interior, mas quando ele tentou, ela se desfez. O mau funcionamento chiou por dentro e enviou suas nano células para o limite máximo. Eles o atacaram tanto quanto tentaram neutralizar a dor.

Alguém bateu na porta.

— Zeph, me deixe entrar, Janet chamou, a voz abafada.

— Vá embora, ele retrucou alto o suficiente para ela ouvir. O chão estava escorregadio com o sangue dele, e ele com certeza não queria que Janet o visse. Ou ele.

— Há uma trilha de sangue desde o laboratório!

Porra.

Ele olhou para as mãos. Eles eram de prata cromada profunda. Seus braços eram os mesmos, assim como o peito e as pernas.

— Vá se certificar de que Lily está bem, ele falou.

— Heartface a levou para o quarto. Se você não me deixar entrar agora, vou esperar aqui até você sair. Não me teste!

Ele olhou para a porta e engoliu em seco, com o olhar brevemente turvo enquanto centenas de cenas dele e Hector brilhavam em sua mente.

Por favor. Agora não.

Hector carregou a pistola de segurança com dardos frescos e a prendeu no braço. "Pronto para isso?"

"Pronto como sempre." Zeph verificou as fivelas do seu equipamento de campo e combinou o terno com sua tecnologia interna. Ele se esticou e afrouxou o encaixe em torno de suas articulações. "Vamos acabar logo com isso."

Eles estavam em sua última missão de recuperação da temporada e tinham uma coleção completa de aquisições para cair na base do EPED fora da lua da Terra. Seu olhar percorreu as muitas criaturas adormecidas que vieram de toda a galáxia. A maioria era de plantas, mas havia alguns animais maiores em seu porão.

Hector dirigiu -se para o casco enquanto Zeph entregava as rédeas ao laboratório para um de seus andróides. Ele seguiu Hector logo depois, examinando o ambiente fora da nave.

Eles entraram juntos na câmara de saída e recalibraram seus corpos para o ambiente local.

“Vamos pegar o sul de nós”. O outro está em um desfiladeiro mais ao leste, e eu realmente não sinto vontade de tirar um corpo adormecido dele, disse Hector, abaixando o visor.

Zeph estalou os dentes e sorriu. "Nós dois sabemos que eu serei o único a carregar."

“Mais fácil finalmente vou me livrar de você de uma vez por todas. Só estou esperando o dia em que seus braços estão cheios.” Hector riu.

Zeph abaixou o visor e olhou para o terreno ventoso. Eles foram enviados para um cinturão de asteróides no sistema Andrômeda, onde a vida foi vista pelos salvadores. A tarefa deles era provar e trazer um espécime de volta ao estudo.

Duas criaturas apareceram em seu radar. Era apenas uma questão de apreender uma agora ...

"O que você planeja fazer durante o seu intervalo?" Hector perguntou. Ele pulou uma fenda, seu corpo subindo no ar antes que a gravidade o derrubasse.

“Estou indo para a Ghost em busca de um novo hardware cibernético. Você?"

“Estou pensando em fazer o absurdo de relações públicas que o Nightheart quer fazer. Veja." Hector agachou -se, a poeira passou por seu corpo e checou os olhos. Zeph abaixou ao lado dele.

A criatura, uma massa pelada, magra e sem pelos, com seis braços e pernas, arrastou algo para uma pequena

caverna. Zeph trocou os sensores no visor para seguir sua assinatura de calor pelo chão. Ele e Hector avançaram em uníssono.

Zeph caiu no chão com um *baque*, seu corpo deslizando em seu próprio sangue quando uma mudança parcial ocorreu. Ele piscou e reajustou sua alimentação visual repetidas vezes, mas tudo o que podia ver eram as sombras pesadas e estreladas da entrada da caverna.

Garras saltaram de suas unhas para rasgar o chão de metal, e sua mandíbula se alongou em um focinho de metal quando a pele ao redor de seus olhos se esticou. O interior de suas pernas se abriu e uniu - se perfeitamente para alongar seu corpo e criar uma cauda de metal pesado. Ele bateu no chão e nas paredes de cada lado dele, derrubando as armas.

Bang!

— Zeph, abra a porta. A voz de Janet passou pela memória, cheia de desespero. *Porque ela está aqui?*

Hector se posicionou do lado de fora do buraco, segurando uma rede elétrica. Zeph brandiu sua faca e enfiou um dardo na boca. Ele se abaixou para engatinhar. A criatura não sabia que eles estavam lá. Ainda. Se ele conseguisse, ele acordaria do outro lado, em um laboratório do EPED, a bilhões de quilômetros de distância, sem nunca saber o que havia acontecido.

Bang! Bang!

— Abra a maldita porta, seu pedaço de merda de sangue frio!

— Janet, Zeph gemeu. — Cale a boca ou vou acabar te assustando.

— O que?

Ela não deveria estar lá, não deveria estar aqui caçando com ele e Hector em um asteroide que era inabitável para humanos. Ela estava vestindo um biosuit? Ele verificou o traje espacial dela antes de deixar a nave? A cena cintilou em sua cabeça enquanto ele hesitava. Recuperar a criatura era a última coisa em sua mente agora, mas quando ele voltou, tudo o que viu foi escuridão. Um assobio clicando encheu seus ouvidos.

"Hector! Tire Janet daqui!" ele rugiu. A caverna tremia.

O queixo de Zeph atingiu o chão frio e molhado, e ele gemeu, abrindo os olhos. A luz o cegou por um microssegundo, assim como a porta do seu arsenal se abriu. Outro zumbido baixo encheu seu peito quando Janet apareceu, e a lembrança antiga voltou aos seus bancos de dados.

Janet engasgou no limiar. Seus olhos voaram por toda a sala destruída apenas para continuar voltando para ele. — O que você fez?

Ele gemeu e se levantou do chão para cair de costas com um estremecimento.

— Eu estava fazendo as malas.

Ela correu para o lado dele, jaqueta agora na mão, e limpou o rosto dele. Ele rolou a mandíbula e descobriu que havia voltado ao normal. Ele olhou para si mesmo e viu que o resto havia mudado também.

Hector riu em algum lugar distante. *'De nada.'*

— Você chama sangrar por todo a sua nave de fazer as malas? Janet perguntou, preocupação em seus olhos. — Você está bem?

Zeph sorriu fracamente, deixando os últimos remanescentes da memória morrerem e apreciando a emoção repentina dela. — Estou bem agora. O pano se moveu sobre sua pele em movimentos reconfortantes e, em segundos, os receptores de dor em seu corpo voltaram ao normal. Ele sentou - se e pegou a jaqueta das mãos dela e a usou para cobrir seu pênis ereto.

— Você está com meu sangue por todo o corpo.

— Eu? Quem se importa comigo! Olhe para você! Você está doente?

Ele caiu contra a parede com um suspiro. — Você não deveria ver isso.

— Sério? O que você acha que aconteceria se você estivesse comigo o tempo todo distraindo você? Eu teria descoberto eventualmente.

Zeph limpou as mãos e afastou as mechas douradas que caíam sobre o rosto dela. Parecia seda sobre os dedos. A música em seu peito se fortaleceu.

— Você deveria me fazer melhorar, disse ele.

— Eu acho que estou te deixando pior.

— Vamos chamar isso de tempestade antes do arco - íris? Eu me sinto ótimo agora.

Janet sentou - se sobre os calcanhares e ele a deixou se afastar. Ele não queria se enterrar dentro dela entre todos os

seus entorpecimentos pessoais sem mencionar que eles precisavam se mover.

Ela inclinou a cabeça. — Você está fazendo esse barulho novamente.

Zeph levantou - se e aceitou sua ajuda quando ela pegou o braço dele. — Eu não posso evitar. Eu quero acasalar com você. Seriamente. Eu acho que o Croc canta quando isso acontece. Quando você está perto.

— Eu nunca ouvi isso de volta no Kepler. Janet se abaixou sob o ombro e ele fingiu se apoiar nela. — Nem mesmo naquela noite...

Ele passou o nariz por cima da cabeça dela e encheu as narinas com o cheiro dela. *Muito melhor que sangue.* Embora agora ele estivesse com fome de muito mais.

— Você está duvidando do quanto eu queria você então? ele brincou enquanto caminhavam para o banheiro mais próximo.

— O que? Não! Talvez ela disse rapidamente. — Todo homem de quem eu não sou parente me quer. É o que me faz realmente boa em descobrir os segredos deles.

Seus olhos brilharam de raiva quando a porta do banheiro se fechou atrás deles. Ele a rodeou. — Quantos?

Janet parou. — O que?

Zeph a forçou a voltar e a enjaulou contra a parede.

— Quantos homens?

Ela ergueu o queixo desafiadoramente. — Isso não é da sua conta.

Ele bateu na parede acima da cabeça dela e arreganhou os dentes. — Quantos?

— Eu não vou te dizer.

— Não me faça perguntar de novo, ele avisou. Seus olhos brilharam e as lágrimas recém curadas em suas costas começaram a reabrir quando suas espinhas romperam sua pele.

Janet olhou com raiva e se endireitou, empurrando seu peito. — Muitos. Tantos homens que perdi a conta. Parceiros de negócios que tentaram nos enganar, poderosos funcionários políticos que estavam sendo pagos para nos ferrar, até o filho de Charlene. Eu o deixei bêbado, dei - lhe uma punheta e ele me contou todos os segredos deles esperando ter comigo...

— Que porra é essa! ele gritou. — Você transou com Steven também?

Estava decidido. Ele ia cometer genocídio masculino em Kepler.

— Steven? Nunca.

Zeph bateu o punho contra a parede novamente e desejou que a maldita doença retornasse, mas os ferimentos nas costas haviam retornado ao normal e a pele em seus braços ainda estava muito pálida. Janet era *dele* . O prêmio dele. O troféu dele.

Ela é minha.

O cheiro do sangue dele e o cheiro dele por todo o corpo não eram suficientes.

Ele se abaixou e agarrou seu queixo, erguendo os lábios perfeitos em forma de arco. Lábios com os quais beijou outros homens. Lábios que envolveram os paus de outros homens. Lábios que lhe pertenciam. — Por quê?

— Foda - se, Cyborg! Você não pode ditar minha vida ou minhas escolhas. Você não tem ideia de como é ser eu, ser o segundo melhor em tudo na vida. Eu não tinha amigos enquanto crescia, ninguém além de minha irmã, meus pais e outros trabalhadores do assentamento. Eu estava sempre sendo comparada a Rylie, sendo comparada a tudo e a todos os outros. Eu odiava cada momento disso. Zeph cheirou suas lágrimas antes que elas grudassem em seus olhos. — Você não consegue entender a solidão. Não havia com quem conversar e Rylie estava alheia, muito alheia. Janet bateu no peito e ele a suavizou.

— Eu não poderia fazer nada tão bom quanto ela... Ela era tão inteligente, tão doce e dedicada aos negócios da família. Ela nasceu para assumir o controle quando Ma e Pa morreram. Eu a observei sendo preparada para isso toda a minha vida. Ela enxugou os olhos e ele moveu a mão para segurar sua bochecha molhada. — Eu ouvi alguns dos homens conversando um dia. Disseram coisas tão cruéis sobre ela, apostaram em quem tiraria a virgindade dela primeiro. Eu os odiava. Eu a invejava mas eu os odiava por ousar tentar prejudicar minha perfeita irmã mais velha. Nada mais importava naquele momento. Percebi duas coisas naquele dia: morreria pela minha família e tinha a aparência para qualquer coisa.

— O que aconteceu? Ele perguntou, acariciando sua testa e as têmporas com os dedos. A raiva dele permaneceu, mas foi silenciada pelas lágrimas dela.

Janet fungou e desviou o olhar. — Nada.

Zeph rosnou. — O que você fez, Janet? Ele precisava saber. Os fios em seus membros se encheram de correntes elétricas. Ele só vislumbrou a garota vulnerável dentro dela uma vez antes, de volta a Kepler, quando a segurou quando ela foi ameaçada por hipotermia. Ninguém ficou frio e amargo sem um passado.

Ele sabia disso melhor do que ninguém.

Ela limpou o nariz nas costas da mão. — Está no passado. Por favor, não me faça contar isso.

Ele embalou o rosto dela e forçou seus olhos cheios de lágrimas de volta aos dele, inclinando - se para esfregar suavemente os lábios na testa dela. — Não importa o que aconteceu, querida. Eu estou mantendo você de qualquer maneira. Ele respirou sobre a pele dela. Ela poderia ter fodido cada cara em Kepler e ele ainda daria a vida por ela. Zeph a puxou para ele e passou os braços em volta de seu corpo trêmulo. — Eu quero um número embora. Isso não é negociável.

— Eu os seduzi. As palavras foram abafadas contra seu peito.

— Eles foram seus primeiros?

— Meu pai descobriu e nunca mais confiou em mim. Ele os levou para o mar e os matou. Zeph nunca havia gostado de um homem humano mais do que naquele momento. Ele só

queria ter estado com Quinten naquele dia para cometer assassinato. Assassinato brutal. Ele nunca deixaria para trás restos mortais. O Croc estava sempre com fome.

Ele a segurou com mais força e enroscou a mão nos cabelos dela.

— Você não precisa me dizer se dói.

— Ele não falou comigo por mais de um ano. Mas, pela primeira vez, não importava. Eu tinha todo esse poder que nunca soube que existia. Eu percebi que era boa em *alguma coisa*. Ninguém realmente sabia, mas eu comecei a olhar as coisas de uma maneira diferente. Comecei a calcular e, à medida que envelheci, percebi algo que nunca havia sido discutido antes em casa. Havia muito menos mulheres que homens. Não apenas no Kepler, mas em todos os lugares. Eu poderia usar o que aprendi para proteger as pessoas mais próximas de mim. Saber usar uma arma é uma coisa, mas as armas não lhe dão segredos. E sim, um deles foi o meu primeiro. Janet se afastou dele e se recusou a encontrar seus olhos. — Foi horrível, mas como eu deveria saber? Nunca se falou em sexo em casa.

Ele pegou a mão dela e a levou para o chuveiro, ligando - o. — Eu prometo que isso vai mudar.

— Aprendi tudo o que sei dos homens que encontrei e o resto do que pude acessar na rede. Eu me certifiquei de que Rylie soubesse de tudo, para que ela tomasse melhores decisões.

— Você é uma boa irmã.

— Eu sou uma irmã terrível.

O vapor preencheu o pequeno espaço, e Zeph ligou os ventiladores, mas não antes que os cabelos de Janet começassem a enrolar nas pontas pela umidade. Ele levou um fio aos lábios e o beijou.

— Eu te vi com Lily. Você está apenas sendo autodepreciativa agora. Você é melhor que isso.

— Deus, você é um idiota.

— Ah, eu sei, e um dia você entenderá que estou tão fodido que é por isso que sou idiota, mas também sou um homem que sabe o que quer e aceita. Agora tire a roupa ensanguentada e mergulhe na água. Ele segurou a porta do chuveiro aberta em toda a sua glória nua e totalmente ereta.

Janet olhou para ele, as narinas dilatadas. O fogo voltou à sua posição. — E se eu não fizer?

Zeph sorriu, o monstro ciumento que ele mal continha, e empurrou o corpo dela contra o dele. Ele soltou suas garras e, enquanto ela lutava em seu abraço, ele rasgou as roupas arruinadas do corpo. — Pare com isso!

Ele ignorou a surpresa dela e a empurrou para a água. Janet gritou e deu um tapa no rosto dele. Seus músculos se contraíram e a luz verde de seus olhos lançou um brilho de néon sobre a água jorrando. Seu pau estremeceu. Ela tentou passar por ele, cobrindo o peito com um braço e a boceta com o outro.

Ela era a perfeição, completamente molhada.

— Eu não vou te foder se é com isso que você está preocupada. Ele deu um passo atrás e fechou a porta do

chuveiro antes que ela pudesse escapar, trancando - a com uma barra de metal que ele arrancou da parede.

— Zeph, não se atreva. Deixe - me sair agora.

Ele apreciou sua obra com um sorriso perverso. Seu pequeno prêmio nunca seria capaz de controla - lo.

— Sem chance. Limpe - se. A última coisa que precisamos é de alguém notando você coberta de sangue, não que eu não goste da ideia. Ele foi para a saída, já deixando a pele exposta para permitir que suas células a reconstruíssem.

— Onde você vai? Você não pode me deixar aqui! ela gritou, batendo na porta do box.

— Eu vou terminar de fazer as malas. Há um grupo de pessoas se aproximando da minha nave. Está na hora de partirmos. Ele se virou para sair, respirando fundo, já enviando uma dúzia de ordens para sua equipe de androides. — Oh, e Janet. Zeph parou e olhou para ela. — Na próxima vez que eu disser para você me deixar em paz durante um episódio, faça. Considere isso seu castigo. Na próxima vez, eu realmente vou te foder.

Dezesseis

A paisagem da Elyrian passou por um borrão de poeira e areia. Lily sentou - se ao lado de Janet no fundo do hovercraft olhando pela janela blindada com a boca entreaberta, sua respiração curta e excitada. Zeph estava na frente com o Sr. Heartface, navegando em um mundo que ela nunca esperava ver.

Ela girou as mechas úmidas dos cabelos e tentou ficar brava com Zeph, mas sua atenção continuava sendo roubada pelo mundo à sua frente. Uma batida musical sintetizada tocou no rádio que parecia enfatizar a vasta paisagem urbana do lado de fora.

Ela agarrou a mãozinha de Lily quando o hovercraft saiu de um setor urbano abandonado, se moveu entre uma fileira interminável de arranha céus que desapareceu nas nuvens acima e entrou em outra. Seu pescoço ficou tenso quando ela olhou para cima, tentando ver o topo dos edifícios quando viu olhos verdes neon observando - a no reflexo de vidro da janela do veículo.

— Eu não posso nem apreciar a vista sem você estraga - la. Janet estendeu a língua.

Zeph bufou. — Você não quer dizer que estou elevando isso? Tenho registrado que a maioria das pessoas me acha extremamente atraente.

— Mais extremamente irritante, ela murmurou, escolhendo ignorar o reflexo dele. O brilho do olhar dele

permaneceu dentro dele, observando - a, e não importava o quanto ela trabalhasse para evita - los, ela não podia deixar de ser afetada por eles. *Você nem sempre vencerá.* Ela ainda estava furiosa por estar presa no chuveiro. Ele a deixou lá por quase uma hora antes que um androide viesse libertá - la.

— O que isso diz? Lily saltou para cima, apontando para o exterior.

Um letreiro gigante exibia cores brilhantes em um prédio de cromo e vidro, alternando entre verdes, vermelhos e amarelos. Quanto mais ela estudava, mais tons apareciam com propagandas no ar ao redor, mostrando inúmeras pessoas balançando e se movendo.

— O *paraíso começa aqui*, senhorita Lily, anunciou o Sr. Heartface.

— O que é o paraíso? Perguntou Lily.

Janet torceu para continuar observando as pessoas gigantes do holograma enquanto passavam apressadas.

— Um lugar perfeito. Quando ela voltou, ela encontrou os olhos de Zeph novamente no copo. — Assim como nossa casa.

Ele levantou a sobrancelha e ela voltou a olhar a paisagem. Era mais seguro fazê - lo. Ela limpou as palmas das mãos sobre as calças.

Não houve um tempo em que ela estivesse menos no controle do que agora, sentada em um veículo, a bilhões de quilômetros de distância de tudo o que sabia, com um Cyborg perigoso que queria usá - la. Ela parou de olhar para ele

novamente; parte dela estava preocupada com o fato de estar se tornando um vício.

Ele ainda está olhando para mim?

Ela apertou as pernas e se concentrou na vista, apertando a mão de Lily.

Zeph mal tinha falado com ela desde que deixaram a nave, e ela continuava se lembrando do sangue que escorria dele poucas horas antes, logo depois que ele a deixou se comunicar com sua família. *Pai parecia tão assustado. Rylie tão aterrorizada.* Mesmo preocupados, o estresse da última semana aumentou milagrosamente quando ela ouviu suas vozes, e houve uma leveza que ela não sentia há semanas. Tudo estava tão pesado, tão bagunçado, desde que o Cyborg apareceu em sua vida.

Ele era um elemento constante em seus pensamentos: o brilho em seus olhos, a expressão travessa de seus lábios, os cabelos despenteados que sempre o faziam parecer como se tivesse acabado de fazer sexo violento, louco e caótico. Obviamente não com ela, o que a deixou estupidamente ciumenta sem motivo algum.

Janet tentou esconder sua resposta, tentou odiá - lo por sua impulsividade, mas o ódio nunca se manteve. *Quando ele sorri, eu quero sorrir.* Ela afundou na cadeira com um suspiro.

Lily tirou a mão da dela e soltou. Janet perdeu imediatamente a conexão com a irmã e enfiou a mão embaixo da perna para aliviar a sensação de perda.

Ela está aceitando tudo isso tão bem. A inocência infantil de sua irmã a invejava, e ela ficaria condenada se deixasse

sua irmãzinha ver toda essa situação como algo além de uma grande aventura.

O hovercraft diminuiu a velocidade em frente a um prédio de mármore com enormes janelas imponentes pintadas com telas de privacidade. Estátuas negras reluzentes de homens e mulheres alinhavam - se nos cantos, cada uma lançada sob um holofote de luz branca brilhante.

Zeph pousou a nave e se virou. — Fique aqui. Vou verificar. Seu olhar endureceu entre ela e Lily. — Não tente sair do veículo ou tente inicia - lo enquanto estiver fora. Eu vou controla - lo de longe, e Janet, ele a encarou, eu sei se você o fizer.

— O que você acha que eu farei? Tentar fugir? Ela se agachou, irritada. *Agora que ele mencionou...* — Até eu sei como isso seria inútil.

— Nunca é demais lembrar verbalmente o seu prisioneiro.

— Seriamente?

— Sério. Ele piscou.

Ela revirou os olhos.

Ele sorriu. — Eu já volto, disse ele e abriu a porta. Ela o observou recuando até ele desaparecer dentro do prédio.

Houve um puxão na manga dela.

— Pa está com raiva de mim? Perguntou Lily.

Janet virou a cabeça para olhar para a irmãzinha.

— Porque você pensaria isso?

— Ele parecia bravo. Rylie estava chorando.

— Eles sentem muita falta de você, só isso. Você sabe quando Ma tira seus videogames, e você está cheia de todos esses sentimentos, e esses sentimentos são tão ruins que você não pode contê - los e grita? Pai e Rylie estão cheios desses sentimentos. Eles não podem conter o quanto sentem sua falta.

— Eu não gosto quando Ma tira meus jogos.

— Então você pode entender como eles estão se sentindo.

— Eu também sinto falta deles.

Janet enrolou o braço em volta dos ombros de Lily e a abraçou com força. — Eu também.

— Gostaria que o tio Zeph os levasse na viagem conosco.

— Talvez na próxima vez.

A porta da frente do hovercraft se abriu e Zeph entrou novamente, fechando - a atrás dele. — Estamos prontos, disse ele.

O Sr. Heartface saiu para desempacotar os poucos itens que eles trouxeram com eles.

— É seguro? Janet perguntou.

— Você precisará me seguir e manter a cabeça baixa. Existem câmeras em todo o vestíbulo, mas eu invadi o banco de dados e nos arquivei sob o nome de outros residentes aqui. Enquanto ninguém suspeitar que não pertencemos, ninguém saberá que estamos aqui.

Janet sentou - se à frente. — Espere, nós vamos ficar aqui? Você já olhou para nós? Eles saberão imediatamente

que nós não somos daqui. Não deveríamos ir a algum lugar subterrâneo?

— Nós pertencemos a este lugar agora. É tudo sobre confiança. Para onde você foi de repente? ele brincou.

— Eu *estou* decodificando sua segurança. Nossas imagens nunca serão exibidas em nenhuma digitalização.

— Mas

— Você pode não perceber isso, mas minha espécie tem o poder equivalente dos semideuses aos humanos. A única coisa que permite que os humanos destruam Cyborgs é o traje humano e o material orgânico em que eles nos colocam.

Janet murmurou. — Mas estamos em toda a mídia, você mesmo disse. Ela preferia ficar em um lugar remoto do que em um movimentado, bem no meio de uma cidade. Nunca esteve em um lugar onde tantas pessoas se reuniram. Os agentes do EPED podem estar em qualquer lugar. — Alguém é obrigado a nos notar.

— Está tudo bem, disse Lily, sua voz rompendo com o crescente pânico de Janet.

— O que?

— Tio Zeph disse anteriormente que nos manteria a salvo. Então vai ficar tudo bem.

Ela está me *confortando*. Janet franziu o rosto e abraçou Lily com força, permitindo que o conforto tivesse seu poder sobre ela. — Eu te amo, ela murmurou.

— Te amo de volta.

— Vocês, meninas, estão prontas?

Engolindo nervosamente, ela assentiu e ajeitou os cabelos de Lily. — Estamos prontas.

Zeph saiu do hovercraft e abriu a porta delas. Janet saiu primeiro, suas narinas se enchendo com o cheiro de produtos químicos e asfalto enquanto Lily se arrastava para fora do veículo atrás dela. O Sr. Heartface retornou, sentou no banco do motorista e afastou o veículo antes que houvesse tempo para pensar duas vezes.

Ela pegou a mão de Lily quando Zeph entrou na frente deles.

— Mantenha a cabeça baixa. Finja que você está conversando e rindo. Seja confiante, ele disse enquanto os conduzia em direção à entrada luxuosa do edifício. Várias pessoas passaram por eles enquanto várias outras, incluindo alguns robôs, vagavam. Janet colou um sorriso nos lábios.

Zeph agarrou sua mão livre quando passaram pela entrada e entraram em um mundo de luxo e cores arrojadas. A agitação repentina da cidade desapareceu entre a música suave e o ar limpo e claro. Ela não tinha percebido o quanto seus olhos tinham que se ajustar aos anúncios de neon do lado de fora até que tudo estivesse limpo.

— Cabeça baixa, ela lembrou Lily, mantendo o sorriso fixo, enquanto o olhar de sua irmã subia. Lily não ouviu, mas eles passaram pelos funcionários da mesa logo depois.

Eles entraram em um elevador que viajou para um dos andares superiores e parou em um salão vazio decorado com mais das mesmas esculturas que ela tinha visto do lado de fora do prédio. Passaram por mais uma dúzia de portas,

várias escadas grandes e saídas antes de Zeph os parar na frente de uma porta no final do corredor. Ele abriu e Lily entrou correndo, reivindicando os primeiros direitos a um quarto.

— Vamos ficar aqui até eu conseguir uma nave para nós, disse Zeph, afastando - se quando Janet entrou. Suas malas já estavam no chão lá dentro.

— Você tem certeza que isso é seguro?

— Você sabe como eu mencionei sobre o homem que nos construiu? Ele se aproximou, subitamente se elevando sobre ela. Lily tinha ido a algum lugar explorar. — É melhor esconder - se à vista de todos. Ninguém espera isso.

— E se eles fazem?

Ele sorriu. — Nós vamos matá - los e seguir em frente.

— Isso não faz eu me sentir melhor.

— E ainda assim é o que sempre acontece quando você está comigo. Zeph pegou a mão dela, levou - a aos lábios e beijou as costas dela, os olhos afiados com um brilho diabólico. — Eu tenho você?

Janet pegou a mão de volta. — Nunca.

Ela saiu debaixo da sombra dele e entrou no espaço para colocar alguma distância entre eles. Pinturas de flores cobriam as paredes e velas eram colocadas por toda parte. Tudo era feito de metal e plástico, cromado e branco, com mais detalhes em mármore como os que estavam do lado de fora. Isso a lembrou do navio e da fria e silenciosa solidão. Talvez o dinheiro fosse igual a luminárias maravilhosas, ela não sabia, mas sentia falta da madeira

lacada de sua casa em casa. Mesmo assim, ela nunca esteve cercada por tanta arte feita pelo homem.

— Oh, eu não sei. Apenas algumas horas atrás, você contou todos os seus segredos e ficou com os olhos lacrimejantes por causa disso. Agora, acho que você está ansiosa. Acho que tenho você, Janet.

Janet continuou mais longe no local, ignorando - o, mas ele a seguiu independentemente, mantendo - a na pesada bolha de seu calor mecânico. Ela ouviu o Sr. Heartface entrar de algum lugar à sua esquerda, e a excitada troca de Lily com ele.

Ela espiou vários quartos igualmente ornamentados antes de voltar para se juntar a Lily na dela.

— Você sempre dorme com sua irmã? Zeph perguntou.

Janet fez uma pausa. — O que? Não.

Ele levantou uma sobrancelha. — Por que não escolher seu próprio quarto, então?

— E me deixar vulnerável a você? Acho que não.

O braço dele estalou na frente dela, parando - a e impedindo - a de se aproximar do quarto de Lily. — Você está sempre vulnerável a mim.

Ela empurrou o braço dele. — Você me trata como... como

— Como uma posse?

— Sim!

Ele cruzou os braços quando um sorriso presunçoso se espalhou por seus lábios. O sangue correu para o rosto dela. *Como eu poderia ter lhe contado alguma coisa?*

— Eu te odeio, disse ela.

Seu sorriso idiota ficou mais amplo. — Você me ama.

— Você gostaria disso, não gostaria? Eu não sou tão fácil, Cyborg. Minha vida e meu tempo são meus. Eu possuo isso, independentemente de qualquer acordo que tenhamos feito. Você não pode ter qualquer parte de mim que deseja quando quiser. Qualquer chance disso acontecer desapareceu no momento em que você me roubou da minha casa. Eu era feliz antes de você aparecer! Janet se afastou dele e pisou em um dos quartos vazios, batendo a porta.

Suas costas bateram na porta enquanto ela o amaldiçoava e tudo mais até suas sepulturas. Ela se odiava por subir na isca e o odiava mais por apertar todos os seus botões novamente.

Mas a coisa que ela mais odiava, dentre todas as coisas arrogantes e irritantes que saíam da boca dele, era que ela acreditava que ele estava certo.

Dezessete

As pedras tremiam ao seu redor, uma vibração sutil a princípio que crescia a cada segundo que passava. Zeph fez uma pausa, segurando sua faca um pouco mais apertado enquanto examinava a vizinhança.

"Você sente isso?" Hector perguntou, sua voz soando dentro de sua cabeça.

"Claro que sim", ele disse, esperando o tremor passar. Seu alvo estava à frente e embaixo, a vários metros do asteroide. Não se mexia desde que ele e Hector decidiram ir atrás. "A aquisição continua em vigor."

"O outro está em movimento."

Zeph checou seu radar e eis que a outra criatura estava se movendo a uma velocidade significativa em direção à nave. "Parece que temos uma competição."

Hector riu, o feed de comunicação enviando - lhe sinais tristes. "Você tem certeza que quer que eu largue o ponto?"

“Conveniência é a chave do universo. Eu posso desistir deste, caso você pense que precisará de ajuda por lá.” Zeph riu quando começou a avançar, abaixando a cabeça quando o teto do túnel abaixou.

"Eu preciso da sua ajuda como eu preciso de outro buraco na minha cabeça", Hector resmungou quando seu sinal se afastou, a conexão entre eles um pouco menos poderosa.

"Continue dizendo a si mesmo, filho da puta reptiliano."

As lembranças dele e de Hector estavam ressurgindo com velocidade crescente. Por mais que tentasse bani - los, por mais profundo que ele deixasse cair em seus discos rígidos, eles sempre voltavam para assombrá - lo.

Fantasmas do caralho. Ele nem acreditava em fantasmas.

Zeph olhou para a porta fechada, ouvindo todos os movimentos de Janet. Ele esteve lá por horas, talvez mais, talvez menos. Ele sempre perdia a noção do tempo quando se tratava dela. Ele queria forçar seu caminho e assumir o controle dela, acaricia - la e acaricia - la em uma doce submissão, e deixar sua canção crocodiliana encher sua cabeça ... Mas era a memória de Hector que enchia a cabeça dele. Se ele deixasse entrar, quem sabia o que aconteceria?

Deixe - me entrar . Zeph exigiu internamente, desejando que a porta se abrisse para ele.

Isso não aconteceu.

Ele se afastou da sala e verificou Lily, que havia encontrado uma grande piscina com vista para a paisagem urbana de Elíria. Ela nadou com suas roupas com o Sr. Heartface ao seu lado.

— Quer um terno? ele perguntou, levantando uma sobrancelha. — Ou um lanche?

Lily riu e o ignorou quando o androide a levantou sobre sua cabeça e a jogou de volta na água. Ele os estudou por um tempo, sabendo que o androide nunca voltaria a ser o Sr.

Heartface do jeito que era antes. O androide havia formado um vínculo coletivo digital com a garotinha, e devolvê - lo às configurações de fábrica seria cruel a essa altura.

Zeph moveu - se para sentar - se no canto do pátio interno. Ele sacudiu o punho. As mensagens do EPED e de seus irmãos começaram a desacelerar, mas sempre havia uma nova missiva esperando por ele. Outro novo artigo, outra ameaça de alguma fonte derivada com uma agenda política contra sua espécie.

Sempre haveria uma facção de humanos que queria que os Cyborgs fossem destruídos, mesmo que ele fosse parte humano. Ainda bem que essa facção era pequena, embora alta.

Ele quebrou o pescoço e pegou as informações de Raphael.

Quanto menos tempo em Elyria, melhor.

O planeta cheirava a podridão e resíduos. Mesmo sua beleza chamativa não podia encobrir. Ele não queria que o fedor grudasse nas garotas. Se ele tivesse sorte, eles estariam fora desse buraco do inferno nas próximas trinta e seis horas com uma nova nave a reboque e indo para Kepler.

Zeph passou a mão na boca, desejando ter um cigarro. Lily gritou com risadas sem fim a uma curta distância. As cores neon da cidade brilhavam através das janelas do chão ao teto.

Ele ligou para Rafael.

Sua comunicação foi atendida no quinto toque.

— Bem, bem, se não é o homem que todos estão falando, disse Raphael, sua voz enchendo a tecnologia de áudio de Zeph.

Zeph sentou - se à frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. — Você está disponível?

— Depende.

— Eu tenho fundos.

Rafael riu. — Esse não é o problema. Você é um homem procurado. Se eu quisesse fundos, tudo o que eu teria que fazer era dizer para quem esta atrás de você que você me ligou.

A presunção de Raphael fez pouco por ele. Zeph fechou as mãos em punhos.

— O que você quer então?

— Um favor por outro, meu amigo.

Zeph estalou os dedos. — Não tenho mais nenhum favor em mim. Diga outra coisa.

— O que? Nem mesmo pelos velhos tempos? Você sabia que há uma manifestação na praça do meio de Elyrian? Desde que a rede pintou você como um vilão ladrão e desviante, com tendências para com as crianças, as pessoas estão pedindo pela cabeça de todos os ciborgues. Baixo perfil, Borg. Um perfil baixo e uma vasta reputação é a única maneira de viver em nossos negócios.

O fato de Raphael se comparar ao tipo Cyborg era um insulto. O cara pode ser o mais rápido para uma nova nave, mas isso não significa que Zeph gostasse do homem. Ele gostava de poucos homens, mas isso não vinha ao caso.

— Eu preciso de uma nova nave, disse Zeph, mantendo o tom neutro. — Amanhã.

— O mesmo acontece com todo mundo.

— Eu tenho oito armas pirizianas únicas que posso lhe dar, com metal geral suficiente para ser reutilizado em um membro cibernético completo.

Rafael inalou bruscamente sobre a linha.

Piriziano era um dos recursos mais raros do universo. O único local em que o metal poderia ser colhido era uma estrela morta perto de Loxuria, mas isso foi durante o início da grande guerra intergaláctica, e foi colhida por muitos anos. Apesar de centenas de garimpeiros e escavadeiras procurarem mais, nenhum deles foi encontrado. Era disso que o seu tipo era feito: o metal mais forte, mais durável e adaptável à sensibilidade de toda a existência.

Ninguém mais investiu em ouro. Todo mundo investiu em piriziano, mas ele não podia atravessar o espaço usando um par de pistolas. Ele precisava de uma nova nave.

— Nós temos um acordo? ele perguntou.

— Oito, você diz?

— Em perfeitas condições, com várias caixas de munição incluídas. Vou entrega - los pessoalmente se a nave for documentada e pronta para mim amanhã.

— Isso é pedir muito, em um tempo muito curto, Cyborg.

— Nós temos um acordo?

— Venha ao clube hoje à noite, traga as armas e conversaremos.

Zeph olhou para o motivo angelical pintado no teto e suspirou. Lily e o Sr. Heartface estavam agora jogando Marco Polo na piscina. *Tudo isso para eles.*

Deve ser assim que era ter uma família.

— Eu vou te matar e incendiar o lugar se você me enganar, ele avisou, sua voz baixa. Seus olhos pousaram na cozinha. Ele precisava garantir que suas fêmeas fossem alimentadas.

— Você acha que sou idiota? Raphael disse. — Eu pensei que tínhamos mais do que isso entre nós. Você sabe que minha outra oferta ainda está de pé. Eu posso fornecer mais do que naves, se você trabalhar para mim.

— Hoje à noite, Raphael. Eu estarei lá.

— Traga a garota.

Foda - se não. — Não.

— Traga - a ou estou fora. A comunicação terminou.

As narinas de Zeph se alargaram e suas mãos se fecharam em punhos.

Trazer Janet era a última coisa que ele queria fazer. *Ela não vai deixar Lily.* Ele não queria fazê - la deixar sua irmã mais nova, nem coloca - la em perigo.

Foda - se Raphael e o EPED. Ele se levantou e atravessou a sala, gritando enquanto avançava. — Hora do almoço! Seus olhos vidraram quando ele foi até o replicador da cozinha. Suas pernas doíam para se mover em sua cauda e destruir as estátuas bonitas em pé.

Lily correu para ele com o Sr. Heartface a reboque, perseguindo - a com uma toalha fofa gigante no momento em

que Janet espiou para fora do quarto. Tudo estava muito bom, muito feliz, enquanto ele digitava o código na máquina, replicando os utensílios terrestres padrão.

Eu não posso matar Raphael.

Janet saiu de seu esconderijo e caminhou em sua direção, balançando os quadris. Seus pensamentos pararam de morrer. Ela veio até ele com o olhar de uma cadela indignada no calor, e ele queria deitá - la, cobri - la e comê - la. Ele queria sentir sua boceta molhada esfregar e moer em seu pau enquanto ela cavalgava.

Uma ideia formada.

Zeph sacudiu a adaga e cortou o sanduíche de manteiga de amendoim e geleia de Lily ao meio.

Janet olhou para ele enquanto fazia o mesmo prato para ela. Ele sorriu quando ela pegou o prato dele.

— O que é agora? ela perguntou, pousando o prato lentamente, a testa franzida.

— Esta noite. Estou colocando você para trabalhar.

O suspiro dela era música para os ouvidos dele.

Dezoito

Naquela noite, com o brilho carnavalesco da cidade criminosa atravessando todas as janelas do condomínio ricamente decorado, Janet saiu na ponta dos pés do closet do quarto principal. Zeph mostrou a ela o espaço depois do almoço e disse - lhe para encontrar algo bom para vestir. Felizmente para ela, a dona do lugar parecia ser uma mulher esbelta.

Foi o que ela pensou até encontrar o robô sexual desligado em uma caixa de vidro nas costas, com a mesma forma e corpo das roupas femininas.

Janet estendeu a língua com nojo, mas vestiu um vestido brilhante de qualquer maneira. A barra caiu no meio da coxa, deixando suas pernas bronzeadas nuas. O busto era grande demais para ela, mas o Sr. Heartface pegou alguns pinos para ela ajustar o material.

Ela se examinou no espelho enquanto vestia um par de saltos verdes simples, que eram do tamanho médio demais. Ela não sabia por que Zeph a queria vestida. Ele não tinha dito uma palavra para ela há horas, deixando o condomínio em uma chama de fúria após o almoço. A única coisa que ele disse a ela era que estava vigiando a área próxima e cuidando de pontas soltas.

Janet esperava que uma frota de naves EPED aparecesse do lado de fora das janelas e começasse a atirar no local.

— Lily, venha me dizer o que você pensa, ela chamou.

Sua irmã resmungou por não brincar de se vestir antes de responder. — Você é verde.

— Você gosta disso? Janet perguntou.

— Você é brilhante.

— Então, isso é um não?

Lily encolheu os ombros e sentou - se pesadamente no chão. — Posso me vestir agora?

Janet apertou os lábios, não querendo explicar as mesmas razões pelas quais sua irmã não pôde pela quarta vez. — Não.

— Estou entediada, Lily lamentou, deitando. — Tio Zeph prometeu me mostrar Titan.

— Ele mostrou os monstros da lua Elyrian e os outros planetas próximos. Talvez possamos visitar vários outros antes de partirmos.

— Uugh.

Janet franziu a testa, sem saber o que dizer. Ela queria dar tudo a Lily, mas não antes que Janet soubesse que estava a salvo do EPED e de qualquer outro estranho. Este lugar não era para uma garotinha, não mais do que era para ela. *Devo mentir?* O cenho dela se aprofundou.

— Que tal agora? Ajoelhou - se no chão ao lado da irmã. — Depois que tudo estiver resolvido, direi a Pa que você está pronta para aprender a atirar.

Lily sentou - se. — Sério?

— Sério. Janet sorriu. — Já era hora de você aprender a se proteger. Não é verdade, Sr. Heartface?

Sim, senhora Janet.

Lily sorriu de volta, mostrando os dentes de leite.

— Podemos começar agora?

— Quando tudo estiver resolvido.

— Mas eu estou tãããão entediada.

Janet se levantou e passou as mãos sobre o vestido, alisando a bainha. Ela levantou os cabelos compridos e depois os deixou cair, tentando novamente, sem saber como deveria usá - los. Ela nunca usara algo tão chique e não fazia ideia se era isso que Zeph queria dizer com *'vestir - se'*. Não importava o que ela fizesse, ela simplesmente não conseguia ficar com a aparência certa sem se preocupar com como ele reagiria.

— Você parece bem com coisas verdes brilhantes, Lily disse atrás dela.

Os nervos de Janet se acalmaram um pouco. — Eu te amo.

— Uuuugh.

Lily se levantou do chão e voltou para o quarto. Quando seus passos desapareceram e o som da música de videogame disparou à distância, Janet focou em seu reflexo. O que Zeph queria dela?

Ele apareceu na porta como se a pergunta dela o convocasse. Seus olhos se encontraram no espelho.

Seu pulso saltou, seu coração tropeçou em uma batida e ela engoliu fracamente. Ela endireitou as costas e passou as mãos sobre o vestido, sentindo - se repentinamente deslocada

e estendida demais. Ele não se mexeu, o que provocou um rubor na pele dela.

— O que? Ela retrucou, irritada por ele ficar calado. Ela olhou de volta para o vestido brilhante e percebeu o quão ridícula ela realmente parecia. *Meus sapatos nem combinam.* — Todas as roupas deste armário foram feitas para uma boneca sexual. Eu fiz o meu melhor.— O rosto dele permaneceu duro no espelho, e ela se virou para ele, desejando que Lily voltasse e a salvasse. — Bem. Ela abriu os braços.

— É isto o que você queria?

— Vai servir por agora

Ela franziu a testa, mas conseguiu acenar com a cabeça, sentindo seu coração deslizar em sua barriga já cheia de manteiga.

Zeph estendeu o braço para ela, e ela o pegou, enganchando o dela no dele. O calor potente de seu corpo corou sua pele. Ela queria se aconchegar nele e desaparecer, mas ele a levou para a sala principal, onde as estátuas humanas assustadoras e ornamentadas cobriam as paredes.

— Você vai me dizer o que está acontecendo? Não vejo como eu me vestir assim tenha algo a ver com conseguir uma nave.

— Rafael pediu sua presença hoje à noite. Nós estamos indo para a sede dele, ele disse a ela sem um pingo de emoção.

O rubor que percorria seu corpo se fortaleceu, machucou, e ela pegou o braço para trás, enrolando - o na cintura. — Isso é seguro?

— Não, mas ele não vai me vender uma nave de outra maneira. Já lidei com ele antes. Ele é uma merda teimosa, mas com conexões e recursos que rivalizam com o governador planetário local.

— Então, passamos por ele ou criamos um novo plano. Ela mordeu o lábio.

— Elyria não é lugar para você ou Lily, e minha antiga nave está comprometida. Partiremos imediatamente.

— Espere! E a Lily?

Zeph a rodeou e ocupou seu espaço. Ela se abraçou com mais força.

— Ela ficará aqui com o androide. Não podemos arriscar leva - la a Raphael sem despertar seu interesse ainda mais.

A preocupação encheu sua mente. Janet olhou de volta para onde eles vieram, onde a música de sua irmã tocava. — Você tem certeza? Ela absolutamente odiava o pensamento de deixar Lily sozinha.

— Passei as últimas horas hackeando e substituindo a segurança neste edifício e nos edifícios próximos também. É o melhor que posso fazer.

— Não vamos demorar muito? Se o EPED viesse quando ela partisse, nunca se perdoaria. Lily provou ser mais forte do que Janet jamais imaginou, mas ela ainda era uma criança e ainda muito ignorante do mundo real. Janet invejava sua

irmã caçula e, por causa disso, fazia qualquer coisa para proteger o que era tão facilmente tirado.

— Não mais do que necessário, disse Zeph, capturando a mão dela e puxando - a em sua direção enquanto a conduzia para a porta da frente. — Parte da minha consciência permanecerá no androide a noite toda — Você tem minha palavra nisso. Estarei em dois lugares ao mesmo tempo, pelo tempo que precisar.

Janet se permitiu ser conduzida para fora da porta e para o mundo além, sentindo o vestido tremer em torno de suas coxas. As palavras dele encheram sua cabeça e diminuíram a preocupação. *Eu acredito nele.*

Eu sempre vou acreditar nele.

Como ela não pôde?

Ela percebeu que confiava no Cyborg de forma implícita, emocional e irresponsável.

Ele a conduziu através do edifício austero e passou pelos poucos androides e inquilinos que estavam olhando para ela como se ela fosse um brinquedo barato. Ela permitiu que ele a liderasse. Nunca houve um homem em sua vida que ela tinha dado o controle tão facilmente, e a realização a assustou... *Talvez seja isso que eu preciso?*

Ele é minha família.

Ela faria qualquer coisa, *qualquer coisa* para proteger sua família. Janet olhou para Zeph. Seus olhos estavam à frente e determinados, verde - maçã e assustadoramente bonitos. Ele era único. Um em um bilhão. *Eu mereço isso, não é?*

Ela não merecia nada. Ela olhou para o arranha céu que eles haviam acabado de sair com uma clareza horrível.

— Zeph? Ela começou, odiando o tremor em sua voz, odiando cada passo que ela dava nas paredes de metal e concreto que preferia estar atrás.

Ele abriu a porta do hovercraft para ela. — O que?

Eu vou te proteger também. Farei tudo o que puder para salvar você. Você estava certo...

— Deixa pra lá.

Os olhos dele queimaram quando ela se sentou no assento, desejando que suas paredes se fechassem ao seu redor. Ela olhou para os calcanhares até que ele fechou a porta e deu a volta no veículo, entrando do outro lado dela.

As janelas coloridas os escondiam completamente, e ela sabia que ninguém seria capaz de vê - los.

Se ainda havia algo entre ela e Zeph, apesar da atração física um pelo outro. Eles não tinham feito sexo desde o encontro na ponte. Ela respirou fundo, pressionando as coxas nuas.

Janet sentiu seus olhos pousarem nela.

Ela os ignorou.

Após uma curta eternidade, o veículo disparou no ar. Os dedos dela torceram o tecido de lantejoulas do vestido, forçando brevemente o pequeno pedaço do vestido nas coxas. O aperto de Zeph apertou contra o volante. *Ele está zangado?* Os olhos dela se estreitaram sobre os dedos tensos e a rápida ondulação de verde manchado ali antes que desaparecesse. Por sua vez, fez seus próprios dedos

apertarem. Tantos pensamentos passaram por sua cabeça enquanto eles se afastavam do condomínio.

Ela gostou de olhar os dedos dele; forte, longo e magro, como ele. O modo como eles se curvavam e seguravam a ligeira curva do volante, apertando e afrouxando em padrões desiguais. Em pouco tempo, Janet percebeu que estava espelhando seus dedos tensos com os seus.

Ela forçou o olhar, respirando fundo.

Arranha céus enchiam sua visão, em todas as cores do arco - íris, iluminadas por luzes embutidas em seus exteriores e por inúmeras outras que brilhavam sobre eles. Eles rapidamente se fundiram em um espetáculo de néon medonho que era tão hediondo quanto poderoso. Hipnótico. Intoxicante. Janet olhou para o vestido para vê - lo brilhar com cores deslumbrantes.

Ela bateu os calcanhares, animadamente.

Raios gigantes de luz chamaram sua atenção, todos vindos de um grande edifício industrial diretamente diante deles. Quando se aproximaram, uma linha de baixo batendo, encheu seus ouvidos, ficando mais alta a cada segundo. As luzes vindas da estrutura brilhavam em sincronia com a música abafada. Seu pulso refletia isso, assim como seus dedos continuavam espelhando os de Zeph. O hovercraft diminuiu a velocidade.

— É aqui que Raphael está? ela perguntou, impressionada, olhando para cima. A palavra *Dimes* encheu o ar acima em uma explosão de cor neon, seguida por um

rápido aviso sobre convulsões. Ela piscou e as palavras se foram.

— Sim. *Dimes* é o seu cartão de visita. Zeph murmurou. — A única boate de Elyrian onde não há leis. As autoridades locais são pagas para ignorá - lo, e a economia se beneficia muito com sua fama. O veículo parou. — Não é muito para se olhar, é?

Janet não tinha certeza disso. Seu mundo inteiro estava cheio de cores deslumbrantes e música de construção, mas não era só isso, havia pessoas, centenas de pessoas reais, até mesmo trentianos, reunidas em torno dos bares e mesas ao ar livre.

— É incrível, disse ela, espantada. — Eu nunca vi tantas pessoas em um só lugar. Tem certeza de que ninguém nos notará.

Zeph riu. — Confie em mim, querida, há mais androides do que você imagina, e todo mundo está do mesmo nível do ecstasy e da cocaína da Elíria. De fato, o flashiness em si é apenas uma ilusão elaborada. O mesmo brinquedo que dei a Lily, mas em uma escala muito maior. Está em toda parte nessa merda, tentando polir um pedaço de lixo.

Janet cantarolou. Mesmo se o que ele disse fosse verdade, ainda era absolutamente deslumbrante. Elyria não era nada como Kepler. Por um lado, ela realmente estava em uma cidade real. *Uma cidade!* Ela estava começando a entender o conceito, mas não era só isso. A geografia entre os muitos prédios pelos quais passavam era deserto, um deserto sem fim, com piscinas azuis interligadas e vibrantes ao longo

de muitas das estradas abaixo. Ela sentou - se ereta, deixando seus pensamentos anteriores desaparecerem no fundo, excitados demais para a noite começar.

— Estou pronta. Vamos entrar, ela disse, continuando a bater nos calcanhares.

Ela desviou os olhos da cena da festa para olhar para Zeph quando ele não respondeu e as portas do veículo permaneceram fechadas. Um olhar inexpressivo e vazio a encontrou quando ele olhou para a frente sem registrá - la. Era como se ela não existisse. Ela sabia que ele estava louco e a repentina emoção da festa desapareceu.

— O que está errado? ela perguntou rapidamente.

— Você sente alguma coisa? Ela procurou por naves EPED através da bagunça de luzes e cores frenéticas.

Mais alguns segundos se passaram em silêncio.

— Zeph, o que esta acontecendo? Lily?

— Há outro Cyborg, ele finalmente disse.

— Raphael?

— Ele não é... Não, alguém que eu não encontrei antes.

— Devemos, então, voltar, e elaborar um novo plano. Ela não queria encontrar outro 'Borg, não importa o quanto estivesse começando a se importar com os que já havia conhecido. Eles a assustaram. Ela não conseguia acompanha - los, muito menos os que ela já conhecia. A extensão do poder deles estava além da compreensão dela.

Uma batida na janela a sacudiu do assento. O vidro da janela se abriu quando um homem lindo e etéreo se inclinou. Os dedos de Zeph enrolaram em seu joelho.

— Bem - vindo ao *Dimes*, um paraíso para os mais legais e loucos. Mestre Raphael espera por você lá dentro.

— Diga a ele que vamos, Zeph retrucou.

— Muito bem. O homem se afastou, seu corpo pálido quase nu, exceto por algumas tiras de couro bem colocadas e um par de asas gigantes nas costas. Os olhos dela se arregalaram involuntariamente.

— Estou feliz que Lily esteja longe disso— , ela sussurrou, perdendo de vista o homem enquanto a multidão o engolia.

Zeph apertou a perna dela. — Vamos lá, vamos acabar com essa merda.

Janet assentiu fracamente e saiu do veículo sem a ajuda dele.

****

Robôs e servidores bonitos como bonecas os cercavam quando eles entravam no clube, e a música que ele nunca ouvia de bom grado tocava todos os fios e fibras de sua concha cibernética. Zeph limpava sua tecnologia visual a cada quinze segundos para manter o glamour na cara sob controle. Ainda assim, anúncios indesejados e cores vivas enchiam sua cabeça. Trazer Janet para cá nunca esteve na sua agenda, mas ele não pôde deixar de admirar o quão perfeitamente ela se misturava com o ambiente deslumbrante. Ela continuou a surpreendê - lo a cada passo. Isso o fez querer puxá la em seus braços e reivindica - la na frente da multidão.

Mas ele não gostava de compartilhar. Pelo menos não com qualquer ser atualmente vivo no universo conhecido.

Os participantes de *Dimes* lotavam os dois lados de Janet e ele, oferecendo - lhes uma infinidade de serviços. Um modelo masculino androide entregou a Janet uma bebida borbulhante, e Zeph a pegou dos dedos, empurrando - a para o próximo servidor que encontraram.

— Não beba álcool, ele avisou, irritado que ela pegasse qualquer coisa com alguém além dele. — Eles colocam drogas psicodélicas nas bebidas de entrada, entre outras coisas.

Janet olhou para a bebida melancolicamente, mas depois começou a balançar ao ritmo da música.

Ele colocou a mão na parte inferior das costas dela e farejou os cães de Raphael. Ele avistou o dono do clube em uma plataforma fechada no canto de trás. O homem acenou extasiado para eles, com os cabelos brancos em pé como se tivesse acabado de foder uma tomada elétrica.

— Parece que eles estão esperando por nós, disse Janet ao lado dele, um pouco longe da proteção de seu corpo para conforto. Um homem esbarrou nela enquanto ele passava, e Zeph olhou para ele até que ele se perdeu de vista.

— Ele já está chapado, disse Zeph, arreganhando os dentes para quem se aproximava. *Foda - se.* — Espero que ele esteja de bom humor.

— E o outro Cyborg?

— Cuidando de seus próprios negócios por enquanto. Outro shifter Cyborg estava acima deles em algum

lugar, em outro andar, mas não havia se mudado de seu lugar desde a chegada deles. Zeph alocou uma parte de sua consciência na direção dos Borg, mas foi mínima. Seu eu digital só podia estar em tantos lugares ao mesmo tempo. Ele não gostava de ter um de sua espécie tão perto, não do EPED e quem sabe o que mais estava tentando caçá - lo.

Ele abriu os dedos nas costas de Janet enquanto se dirigiam para Raphael, manobrando através da multidão em constante mudança. Quem se aproximava de Janet ganhava um olhar ameaçador. Havia muito mais homens humanos e trentianos presentes do que ele gostava, e embora ele sentisse inúmeras fêmeas humanas, a maioria delas eram andróides para preencher o espaço e dar a ilusão de uma população igual. Surpreendeu - o que houvesse realmente um punhado de mulheres de verdade entre elas.

Rafael se levantou de onde estava sentado e se moveu para cumprimenta - los.

— Você deve ser a infame Janet! Ele pegou a mão dela enquanto eles subiam as escadas. Foi preciso muito controle para ele não apenas matar o homem no local. Rafael sorriu enquanto ele e Janet tremiam. Zeph sentiu os dentes afiarem quando o contato deles permaneceu brevemente. — As pessoas estão falando sobre sua beleza em todo o cosmos. Você sabe, você pode ficar rica com essa fama e sua aparência.

— Eu nunca fui de querer fama, mas me disseram que eu poderia ajoelhar um homem com uma palavra bem colocada, ela olhou para a virilha de Raphael, — Ou

toque. Ela passou os dedos pela clavícula exposta. — Minha família me vê como uma sereia que gosta de levar os homens à sua morte. Janet sorriu e se afastou dele para se sentar em frente ao anfitrião.

Zeph rangeu os dentes.

— Maravilhosa, simplesmente brilhante. Bem - vinda ao meu reino e à sede do meu reino. As batidas pesadas da música pareciam enfatizar cada palavra que Raphael dizia.

— Tudo o que você quiser, minha Bela do Baile, e é sua! Vários capangas de seu anfitrião deram um passo à frente para flanqueá - lo por sua indicação, cada um usando um par de asas de anjo negras gigantes. — Estes são os mensageiros de Deus, a seu serviço adorável.

O sorriso de Janet se alargou e Zeph, furioso, observou a tensão deixa - lá.

— Gostaríamos de uma nave, disse ele, precisando controlar a conversa. Ele não gostava do jeito que Raphael estava falando com ela, muito menos olhando e tocando - a. — O mais breve possível. Antes que essa música acabasse, seria fantástico.

— Whoa, whoa, whoa, meu homem do metal, não sejamos rudes agora. Venha tomar uma bebida. Rafael riu quando um dos anjos derramou licor em alguns copos.

— Ou eu posso segurar uma arma na sua cabeça e podemos começar a trabalhar.

Os anjos ficaram rígidos, e Zeph tinha certeza de que eles carregavam armas em seus trajes.

Raphael sorriu lentamente para ele, mas a alegria em seus olhos se foi. O anfitrião voltou - se para Janet. — É isso que você quer, amor?

Janet sacudiu os cabelos e inclinou a cabeça. — Na verdade, uma bebida parece legal.

— Janet, Zeph advertiu. *O que você está fazendo?*

— Oh pare. Rafael está apenas tentando nos mostrar um bom momento. Ela voltou sua atenção gloriosa para ele. — Seria rude dizer não.

O riso excessivamente alto do anfitrião abafou a música. — Ouça ela, Cyborg. Ela é a que tem cérebro.

Ele não queria ouvi - la, nem ousou imaginar se submeter a qualquer um dos humanos ao seu redor, mas algo passou entre ele e Janet naquele segundo, quando ela aceitou um copo de Raphael, que o fez ceder.

O sorriso dela tornou - se malicioso, quase sedutor quando ele se recostou na cadeira, mas não estava voltado para ele. Ela fingiu tomar um gole de sua bebida.

Zeph passou a mão sobre as armas sob o casaco.

— Como você quiser, disse ele, fingindo relutância. — Uma bebida.

Janet bateu palmas e cruzou as pernas. — Sim! O lampejo de suas coxas melosas fez seu pau estremecer. Seu queixo ficou tenso, sabendo que Raphael e seus subordinados também o viam. Ele passou o braço em volta dela no encosto do assento.

A música se transformou em algo com um pouco menos de baixo, algo um pouco mais cativante.

— Saúde. Rafael levantou o copo. Ele e Janet os levantaram em uníssono.



Dezenove

Ela flertava como se a vida dela dependesse disso, encontrando uma sensação indesejável de normalidade na situação em que estavam. Surpreendeu - se no momento em que ela viu o anfitrião do outro lado do clube. Ela conhecia muitos homens como Raphael em casa.

Homens que sabiam ou tinham coisas que ela queria. Homens que pensavam que eram deuses quando na verdade nada mais eram do que meios para atingir um fim. Eles estavam por toda parte, como uma doença, e ela quase se esqueceu da existência deles desde que passou quase todos os momentos de vigília do último mês de sua vida na companhia de Zeph e Netto.

Janet enrolou uma mecha solta do cabelo com o dedo, inclinando - se para a frente enquanto o anfitrião tagarelava e delirava sobre coisas idiotas com as quais ela não podia se importar menos, mas continuou sorrindo e respondendo nos momentos certos.

As pontas dos dedos de Zeph tocaram a pele nua de suas costas. Ela tentou permanecer inalterada, mas ele dificultava a cada golpe medido.

— Janet, meu amor, você parece tensa. Rafael sentou - se à frente. — Deixa - me ajudar.

— Afasteb - se, Zeph advertiu.

— Não, você está certo, ela se dirigiu ao anfitrião antes de Zeph decidir matá - lo. — Eu nunca vi ou estive em um lugar como este antes. É tudo tão...

— Esmagador? Rafael levantou uma sobrancelha.

— Sim! Janet sorriu. A música mudou abruptamente e ela olhou para a pista de dança. — Quase demais.

Android e casais humanos se uniram para moer um contra o outro, seus movimentos fluidos e fascinantes. Ela os invejava por sua liberdade. A música diminuiu um pouco para um tambor repetitivo, e a cena ficou erótica e hipnotizante, mas triste ao mesmo tempo. Mulheres falsas, homens de verdade. Isso a deixava nervosa, embora o ritmo a deixasse avarenta. Ela bateu o polegar contra a haste do copo ao ritmo da música.

Os dedos carinhosos de Zeph subiram por suas costas, excitando - a. *Ele está aqui.* Ele lembrou que ela não estava sozinha. Longe disso, na verdade. Ela apertou as pernas juntas quando um nó se formou entre as coxas, fazendo seu sexo apertar.

— Pode ser, disse Raphael, — Mas para alguém como eu, que nasceu e cresceu nesta cidade, acho o silêncio e a escuridão esmagadores. Ele acenou com a mão. — Você gostaria de dançar, amor?

Sim! Janet lambeu os lábios. *Talvez.* Se ela estava sendo egoísta. *Eu gostaria mais de uma nave.*

— Eu posso? Ela perguntou a Zeph.

A expressão dele suavizou - se com a pergunta dela, as luzes pulsando no rosto dele, e ela observou com admiração quando a boca dele se abriu em resposta ...

— Claro que você pode! Mas não com ele, Raphael disse com alegria antes de gritar com um dos anjos atrás dele.

— Michael, pegue Hysterian.

Os olhos de Zeph se voltaram para o anfitrião. — Janet fica comigo, Raphael, embarcados ou não.

— O que? Você não confia em mim? Rafael riu. — Que encantador, porque você obviamente me contatou na sua hora de necessidade, e a qualquer momento, eu poderia notificar as autoridades.

Janet riu. *Cala a boca, Zeph. Você vai nos perder uma nave.* Ela avançou em seu assento e se afastou de suas mãos perturbadoras. — Ele está naqueles momentos. Estamos ansiosos para fazer negócios com você.

— Chefe, disse Michael, voltando de sua tarefa.

— Hysterian diz *foda - se*.

O sorriso exuberante e irritante de Raphael morreu quando ele inclinou a cabeça para olhar a varanda.

Os dedos de Zeph pegaram seu cabelo e a puxaram de volta. Sua pele corou com o calor. Seu coração disparou com o ritmo. Ela deu um tapa nele e puxou o cabelo por cima do ombro.

Ela olhou para ele por cima do ombro, mas ele também estava olhando para cima. A testa de Janet franziu e ela seguiu o olhar deles. Um homem se inclinou sobre o parapeito reluzente, olhando diretamente para o grupo

deles. Ele era um centro das atenções entre uma multidão de pessoas, vestido da cabeça aos pés em um terno branco de látex colado à pele. Até seu rosto estava coberto, apenas com sombras para indicar feições abaixo. *O outro Cyborg.* Ela conheceria o tipo de Zeph em qualquer lugar agora.

Janet olhou de soslaio quando as luzes diminuíram, mas o Cyborg desapareceu no próximo flash da discoteca.

Ela desviou os olhos e olhou para Raphael, que estava gritando ordens para seus anjos enquanto balançava uma arma.

A mão de Zeph apertou a nuca dela e apertou. — Hora de ir.

— Por quê? Não. Deixe - me lidar com isso, ela disse antes de tomar um grande gole de sua bebida. Ela bateu o copo e sacudiu a mão de Zeph, resmungando: — Você prometeu.

Sua expressão ficou assassina, seu rosto escurecendo, sua pele irradiando pequenas manchas de cores incomuns. As raízes de seu cabelo ficaram pretas. Janet pressionou para trás, sua garganta contraída pela mudança repentina que acontecia diante dela. *Está acontecendo tão rápido.* A música estridente trovejou no espaço entre eles, fazendo seu pulso errático.

— Precisamos desta nave, disse ela, pegando a mão dele entre as dela, pedindo que ele ouvisse suas palavras. — Não deixe isso chegar até você. Lembra do que você me disse? É tudo uma ilusão.

Uma pequena mecha de verde surgiu em suas íris, e ela soltou a mão dele. Ela se levantou e interrompeu o discurso do anfitrião, aproximando - se. Felizmente, nenhum dos anjos ainda estava morto.

— Raphael, eu odeio me jogar no meio, mas tem sido uma semana muito longa e muito difícil para mim, e Zeph está vendo todos como inimigos.

Rafael zombou de seus homens e depois virou o rosto para ela. — Só podemos imaginar. Muitos não conseguem controlar um de sua espécie e viver para contar aos outros. Qual é o seu segredo, amor? E não me diga que você tem uma boceta mágica.

Zeph saltou para o outro lado da mesa e agarrou Raphael pelo pescoço, levantando - o no ar. Os servos angelicais de Raphael hesitaram antes de sacar suas armas.

Droga.

— Não! Janet gritou quando as luzes se apagaram, criando um estroboscópio caótico e pulsante. As armas e os óculos brilhavam por toda parte quando ela se jogou no chão em frente ao assento, cobrindo a cabeça. Os tiros dispararam e ela fechou os olhos, vagamente consciente de que quase ninguém estava gritando além dela.

Alguém pegou o tornozelo dela, fazendo - a gritar mais alto. Ela tentou chutar a mão, mas ela a apertou e a arrastou pelo chão, longe dos tiros. O vestido dela passou por sua cintura e sua pele ficou irritada. Janet agarrou a sensação do chão frio contra sua carne antes de ser lançada subitamente

no ar. Ela fechou as mãos em punhos, atacando quem a tinha.

As luzes passaram de branco para vermelho e azul, desorientando - a ainda mais. Havia corpos se movendo em todos os lugares, mas todos estavam borrados juntos. Ela foi girada. Ninguém parou o que estava acontecendo com ela. Ninguém se importava.

Janet chorou por Zeph, mas sua voz foi abafada pela música.

Ela foi puxada novamente no momento em que estava prestes a gritar por Zeph novamente. Seu corpo colidiu contra a parede dura do peito de seu captor, derrubando o ar. Ela se afastou e tentou voltar para a pista de dança, mas seu sequestrador a forçou a olhar para ele.

Ela olhou para o rosto coberto de látex do Cyborg que estava na varanda. Seu corpo ficou rígido quando ele a abraçou desconfortavelmente. Janet parou.

— Ele vai te matar, ela murmurou, saindo do aperto dele.

— Ele não pode. A voz que saiu era baixa e clara, apesar da música alta e do material que cobria sua boca.

— Quem é Você?

— Hysterian, ele respondeu.

— Isso é...

Hysterian a puxou para perto. — É o que eu faço melhor. Você está sendo mantido contra sua vontade?

Outra explosão de tiros atingiu seus ouvidos e ela olhou por cima do ombro. Tudo o que ela viu foram corpos se

contorcendo. *Ele está bem. Ele tem que ficar bem.* Ela cantou as palavras repetidamente em sua cabeça, tentando entender o caos. Ela também precisava fugir. Janet empurrou contra o peito de seu captor. — Zeph realmente vai te matar.

— Não se ele quiser a nave de Raphael.

Ela estreitou os olhos, concentrando - se no Cyborg. *Talvez ele nos ajude* . — Você sabe. Claro que você sabe, ela acusou. — Como você poderia saber? *Talvez ele trabalhe para o Raphael?*

— Você obviamente passou algum tempo entre a minha espécie?

— Infelizmente.

Hysterian inclinou a cabeça e ela parou de lutar para sair do seu poder. Seu rosto coberto não revelava nada, nem mesmo o leve material peludo ao redor de onde deveriam estar os olhos e a boca. Os lábios dela se separaram. *Seus olhos...* Não havia flashes de cores passando por eles, não como os de Zeph, onde brilhavam o suficiente para iluminar uma sala inteira.

Ele a girou e apertou— se com força contra suas costas. Janet tropeçou nos calcanhares, mas ele a pegou antes que ela caísse.

— Pare de me manipular! ela gritou.

Ele abaixou a cabeça perto da dela, a boca perto da orelha dela. — Você não me respondeu. Você precisa de ajuda para escapar? Ele machucou você?

Realização atingida. — O que?

— Você sabe o que. Você é uma prisioneira. Ele está usando sua irmã como alavanca contra você?

Lily

O ar saiu de seus pulmões e sua boca se abriu. *Ele está tentando* me *ajudar. Não Zeph.* Suas costas endureceram.

Ela encontrou Zeph do outro lado do clube, apontando uma arma para alguém fora de sua linha de visão. Os olhos dele pousaram nela no momento seguinte. Ele abaixou a arma. Então ele estava indo em sua direção. Não havia nada além de flashes de cor neon e corpos borrados entre eles. Janet engoliu em seco e estremeceu quando seu corpo inteiro ficou tenso, preparando - se para ele.

Zeph violentamente empurrou a multidão, indo direto para ela com assassinato em seus olhos, deixando festeiros furiosos e anjos sangrentos em seu caminho.

— Bem? Hysterian solicita. Suas palavras não foram registradas.

— Ele está vindo... Janet sussurrou, seu corpo corando com um tipo diferente de calor. O aperto de Hysterian nela desapareceu assim que Zeph atravessou a multidão, as mangas do terno arregaçadas e o decote rasgado, as cordas pálidas dos músculos mudando de cor.

Ela não teve a chance de se virar e impedir a retirada de Hysterian antes de ser pega nos braços de Zeph. Como uma boneca de pano, como uma marionete, ela era um brinquedo que só era brincado por homens mortais Cyborg. O cheiro familiar de Zeph encheu seu nariz quando um de seus braços deslizou sob seus joelhos e a levantou no ar. Ela passou os

braços em volta do pescoço dele e enterrou o rosto no peito dele.

— Coloque suas pernas em volta de mim, Zeph disse em seu ouvido.

A eletricidade a percorreu. Janet fez como lhe foi dito. Seu vestido deslizou de volta à cintura, mas ela não se importou quando ele a carregou para fora do espaço selvagem e por um corredor. A música estridente desapareceu antes de se tornar nada além de um tambor distante. Quando ela olhou para cima, eles estavam indo direto para o hovercraft.

Não foi até que ela se sentou no banco do passageiro e afivelou que sua voz retornou.

— O que aconteceu lá atrás? ela perguntou, ainda um pouco abalada.

— Pegamos a nave.

— O que? Não foi isso que eu quis dizer... espere, como?

— As armas falam melhor que as palavras. Seus anjos e a mancha de urina nas calças de Raphael podem atestar isso. Zeph deu a volta e se sentou no banco do motorista. Sua porta mal se fechou antes que o hovercraft estivesse no ar e se afastando.

Janet virou - se para olhar o clube que desaparecia rapidamente atrás deles. Ninguém perseguiu. — Você os matou?

— Atirei em todos eles com uma munição muito cara. Se eles viverem na troca, eles podem ficar com elas... Se o chefe deles não as arrancar com as unhas quebradas.

— Eles virão atrás de nós!

— Não, se eles querem viver.

— E Lily?

— O que tem ela? Zeph rugiu repentinamente, deixando o veículo cair em uma via aérea vazia. — Ela está dormindo profundamente na cama, segurando a mão do androide! O que ele disse para você?

Janet se assustou, observando como todo o corpo de Zeph imitava as mesmas cores que o interior do hovercraft. A boca dela secou. — Hysterian?

— Esse é o nome dele, porra?

Ela assentiu. — Ele me levou para longe dos tiros...

— E ele tinha as mãos em cima de você. O que ele disse?

Os olhos dela se arregalaram. — Você não ouviu?

— Estava ocupado. A mandíbula de Zeph ticou, e as veias expostas em seus antebraços saltaram de sua carne.

— O que o filho da puta queria?

Ela olhou para ele, tentando encontrar as palavras. Ela não queria que ele participasse de um de seus episódios, principalmente se estivessem longe da segurança, mas não podia contar a ele sobre a oferta de ajuda de Hysterian.

Havia outra opção. Uma opção não EPED. Um que lhe fora dada livremente... Ela não aceitou, mas Zeph acreditaria nisso?

— Ele queria ter certeza de que eu estava bem.

— Isso é tudo?

Janet apertou os lábios. — Sim.

Os olhos diabólicos e enlouquecidos de adrenalina brilharam bruscamente, e ela engoliu o nó repentino na

garganta. O veículo parou na sombra de um arranha céu. O silêncio abrupto entre eles fez pouco para ajudar a acalmar o frenesi de *Dimes* de sua mente.

Ou fazê - la se sentir melhor em mentir.

Ele olhou para ela, ainda segurando uma arma na mão, deixando - a cada vez mais desconfortável. O tom escuro em seus olhos só ficou mais escuro até quase tudo sobre seu cavaleiro verde neon se tornar algo completamente desprovido de vida. Era o mesmo olhar que ele tinha na ponte. A aura de sua intensidade ameaçava terríveis flashbacks de sangue saindo de seus poros.

Seu poder assustador sobre ela ameaçava feri - la onde ela estava sentada, dissolvê -la em nada mais que o contorno de cinzas.

— Volte para mim, ela sussurrou, desafivelando o cinto de segurança. — Somos apenas nós dois agora. Não vá embora.

— Eu ainda estou aqui, Janet.

Seus antebraços flexionaram e ele voltou para o volante. A tensão formigante permaneceu.

— Espere!!

Ela moderou o medo e colocou a mão sobre a dele, aproximando - se mais do corpo dele, o vestido brilhante abrasando a pele. Zeph não se moveu quando ela subiu no colo dele e montou nele. Os joelhos dela encontraram um amplo espaço em ambos os lados das coxas dele. Janet pressionou as palmas das mãos nos ombros dele e passou as

pontas dos dedos pelas laterais do pescoço, onde a pele dele estava descolorida.

— Esta noite, você ficou deste jeito para mim, disse ela, seus olhos encontrando os dele. — Por quê?

A mão dele enrolou em seu pescoço e apertou. Sua garganta contraiu contra a leve pressão. — Você não entenderia.

— Estou disposta a tentar.

Ela se afastou para examinar o rosto dele. Ela queria ajuda - lo, ela simplesmente não sabia como. Lentamente, ele levantou as mãos para pegar o cabelo dela e puxá - lo de volta. Seu toque foi suave, apesar da violência pulsando nele.

Janet virou a cabeça e acariciou a mão dele. — Por favor, deixe - me ajuda - lo, ela respirou, precisando de mais, suspirando contentemente quando a mão dele segurou sua bochecha.

— Você não está tentando fugir mais?

— Eu parei de tentar, eu acho... Ela roçou os dentes no lábio inferior. — Eu nunca tentei escapar de você. Na verdade não. E eu teria ficado se não fosse por Lily.

Os traços de Zeph voltaram lentamente ao normal.

— Por quê?

— Eu gosto do jeito que você me faz sentir.

— Eu gosto do jeito que você me faz sentir também.

Janet sorriu suavemente.

Ele desenhou o rosto dela em sua direção, e ela foi de bom grado, sua barriga se agitando com borboletas. A boca dele pousou suavemente na dela, começando com uma

carícia enquanto os lábios deles se esfregavam. Zeph soltou um gemido da garganta e ela abriu a boca, permitindo que a língua dele deslizasse para dentro. O calor de sua língua quase a queimou, mas ela estava desesperada por mais, mais dele, mais do conforto que ele lhe dava e a promessa de que ele sempre permaneceria ao seu lado.

Janet fechou os olhos, implorando ao universo que diminuísse o tempo e desejando que esse momento durasse para sempre. Ela arrastou a língua pelo lábio dele, dissipando todas as suas emoções caóticas em um beijo prolongado.

Ela choramingou quando ele se afastou e a soltou. As mãos dele desceram pelo corpo dela para aquecer sua carne. A paisagem da cidade não passava de sombras e luzes distantes do lado de fora. O sol mal se punha antes de eles entrarem no clube, e a noite acabara de tomar conta.

— Você voltou ao normal, ela sussurrou. A tensão de antes desapareceu com o beijo. Ela brincou com uma mecha de seu cabelo âmbar. — Sinto sua falta quando você se vai...

— Não faz sentido perder algo que nunca planeja deixar você. Seus lábios se abriram em um sorriso. — Estou sempre aqui, mesmo quando parece que não estou. Ele agarrou sua cintura e a puxou para mais perto. Ela derreteu no abraço, no calor dele.

— Onde você vai? ela perguntou.

— Dentro da minha cabeça.

Janet inclinou a cabeça. — Isso é tudo?

— Você realmente quer mais de mim, não é?

— Tão ruim assim?

O sorriso dele cresceu. — A curiosidade mata muito mais do que apenas gatos, querida.

#Eu nunca pensei que um homem poderoso, quase divino como você, jamais escapasse das perguntas de uma garota que não representa ameaça para você, ela brincou.

— Você não vive tanto tempo quanto eu tenho e não sabe quando guardar segredos, Zeph a provocou de volta. As mãos dele acariciaram suas costas, provocando silenciosos gemidos de prazer em sua garganta.

Janet deixou passar o sentimento e suspirou com satisfação. — Você acha que vamos parar de discutir?.

— Seria uma tragédia e um fracasso pessoal se eu não fizesse sua pele corar de frustração pelo menos uma vez a cada ciclo.

— Idiota.

— Sereia.

Eles sorriram em uníssono.

Seu corpo zumbia com música, preenchendo o pequeno espaço.

— Eu amo sua música de crocodilo, disse ela, deixando a vibração vibrar através dela.

De repente, seu sorriso vacilou. Seu carinho parou. Ela assistiu tanto quanto sentiu o humor provocador mudar entre eles. Ela não teve tempo de questionar antes que a boca dele voltasse à dela. Seu sexo apertou quando seu corpo implorou por satisfação.

O beijo não foi suave como o anterior, mas exigente, ganancioso. Uma bolha estourou entre eles, atingindo onde

ambos estavam vulneráveis. As unhas dela cravaram no tecido do terno dele. Ela queria se mudar com ele como os dançarinos se mudaram no clube, queria sentir seu corpo alto de serpente bater e triturar contra o dela. Mas isso foi melhor. Isso foi íntimo.

A língua dele penetrou em sua boca e ela ofegou com a dominação abrupta. As mãos dela subiram para agarrar os ombros dele, torcendo o tecido do terno dele entre os dedos. Janet chupou a língua antes de recuar.

— Mais. Eu preciso de mais. Ela precisava preencher as lacunas que restavam entre eles. Ela queria senti - lo contra ela, dentro dela.

Zeph agarrou seus quadris e a levantou como se ela não pesasse nada, o topo de sua cabeça pressionando o teto do veículo. Ela rasgou o paletó dele e o colocou em seus braços quando ele puxou o tecido do vestido até o peito. O calor que saía de seu corpo golpeou sua pele nua, fazendo os pequenos pelos de seu corpo repousarem. Uma risada escapou dela enquanto eles lutavam para se encontrar no espaço confinado, batendo seus membros contra tudo ao seu redor.

Ela viu o rosto dele quando o vestido foi puxado sobre a cabeça e sua felicidade floresceu quando o sorriso dele retornou. Eles se abaixaram juntos, batendo as mãos enquanto trabalhavam freneticamente na fivela de suas calças. Ela foi empurrada no ar quando os quadris dele subiram para que ele pudesse empurrar o material pelas coxas.

Zeph agarrou suas mãos quando sua enorme ereção surgiu entre eles. Ela olhou para a protuberância excessivamente grossa no meio de seu pênis e as cristas que quase pareciam veias tensas correndo até a ponta. As pernas dela pressionaram os lados das coxas dele enquanto tentava aliviar o súbito vazio que crescia dentro dela.

Uma gota de pré - semên se acumulou em sua ponta, e o almíscar salgado dele encheu suas narinas. Sua boca ficou com água.

Janet tentou soltar as mãos do aperto dele. — Solte.

— Estou bem aqui, disse ele, atraindo os olhos dela de volta para o rosto dele.

— Eu sei.

Ele apertou as mãos dela. — Não há mais ninguém além de mim... Tudo de mim.

Janet estreitou os olhos, mas assentiu. — Eu quero todos vocês.

Algo brilhou no olhar de Zeph que ela não entendeu, mas apertou sua garganta e encheu seu peito com curiosidade. Ele estava tentando lhe dizer algo, algo importante, algo que ela não conseguia entender por causa de todos os segredos que ele guardava, mas ela entendeu a gravidade.

Ela apertou a testa na dele. — Todos vocês, sem condições, Cyborg.

Ele soltou as mãos dela. Janet embalou seu rosto antes de mover as mãos pelo pescoço para apertar seus ombros e alisar as mãos sobre o peito. Eles pararam por um momento,

sobre o lugar que seu coração humano estaria. Finalmente, ela as deixou cair nas sombras crescentes abaixo e agarrou seu pênis.

Sua música rugiu.

Ela passou as palmas das mãos para cima e para baixo, adorando - o. Um brilho chamou sua atenção quando ele levantou as mãos e estendeu as garras. Ela se inclinou para trás e expôs seu corpo quase nu para ele enquanto ele cortava cuidadosamente as tiras de sua calcinha. Ele prendeu a unha no pedaço e levou o material arruinado ao nariz, inalando o cheiro dela.

Sua respiração parou, seus olhos se arregalaram e ela podia jurar que sentiu seu sexo chorar quando ele estremeceu, perdendo - se neles. Era tão sujo, tão flagrante, que sua boca se encheu de saliva. Então ele inclinou a cabeça para trás e mudou sua mandíbula para um focinho reptiliano, deixando o couro cabeludo como o de um homem, fazendo dele algo monstruoso, pegou sua roupa intima e engolindo inteira. A garganta dele se moveu e depois a calcinha não existia mais.

O aperto de Janet em seu pênis se soltou de choque.

— Você acabou de comer minha calcinha...

O rosto de Zeph voltou ao normal. — Isso foi ruim?

— Eu não sei, porra!

— Bem, é tarde demais para mudar de ideia. Ele gargalhou, quase alegremente emocionado, e recapturou a boca dela.

Janet avançou, dobrando as pernas até que seu sexo fosse contra o dele. Ela perdeu o controle sobre o pau dele e agarrou o assento atrás dele. Ele recuou, quase por vontade, quando ele engoliu a respiração dela e devastou sua boca. Ela deveria ter medo que ele mudasse de rosto novamente no meio do beijo, mas sabia que ele nunca a machucaria.

E talvez, apenas talvez, ela gostaria de um pouco de dor.

Ele puxou os quadris dela para o ar e abriu as pernas, forçando as dela a se abrirem mais também, e roçando a cabeça grossa de seu pau com força sobre o clitóris, fazendo os tendões de suas pernas se contorcerem erraticamente. Janet ofegou em sua boca com a sensação e afundou os dentes em sua língua, impedindo - o de lamber o céu da boca.

O eixo de Zeph escorregou e vibrou, provocando o aglomerado de nervos no meio das pernas e fazendo sua força murchar. *Ele está ganhando.*

Isso significava que ela estava vencendo por associação.

Janet rosnou e empurrou para frente em seu pênis, pressionando seu eixo, levando— o para dentro dela. Seu clitóris continuou pulsando com sua breve liberação enquanto ela afundava nele. Ela se recusou a dar - lhe controle total.

Ele resmungou e cantou o nome dela repetidamente, cantando sobre seus lábios avermelhados e machucados. Janet jogou a cabeça para trás e pressionou o peito contra o dele enquanto ele passava as mãos sob as coxas dela e reivindicava cada centímetro de sua vagina. Ela

se moveu sobre ele em movimentos rápidos e confinados, enquanto ele mantinha a pressão fora de seus joelhos.

O calor de seus corpos ameaçava sufoca - la enquanto eles empurravam e trabalhavam em movimentos rápidos um contra o outro. Ela nunca se sentiu tão cheia em toda sua vida, estremecendo com cada salto para cima e para baixo em seu eixo. A protuberância grossa do seu eixo empurrava dentro e fora dela, esfregando seu ponto G a cada nova penetração. Cada pontada aguda de dor terminava em uma onda de prazer, e ela girou a cabeça para o lado, inspirando pesadamente para não desmaiar. Quando a força dela começou a diminuir, ele a manteve se movendo sobre ele, agarrando seus membros.

Janet deslizou os dedos em seus cabelos despenteados e segurou, sentindo a pressão aumentar. Zeph bombeou nela como se não pudesse ter o suficiente, e ela fechou os olhos, precisando ainda mais. Uma das mãos dele deixou sua cintura e deslizou entre seus corpos para beliscar seu clitóris.

Estrelas explodiram na escuridão atrás de suas pálpebras e ela gritou contra a orelha dele. Cada fibra do seu corpo estremeceu. No segundo seguinte, uma onda de ar enfatizou a explosão quando ela foi levantada do colo dele e empurrada para o assento vazio ao lado. Ele se moveu sobre ela com a graça mortal de um predador, um crocodilo deslizando sob a água, enquanto seu orgasmo continuava com ondulações se espalhando de seu núcleo e até os dedos dos pés. Ela os apertou enquanto se perdia nos espasmos intermináveis.

Um rugido e sua sempre presente canção de êxtase misturada com o perfume de fazer amor encheram o pequeno espaço do hovercraft como mel quente. As pernas dela foram empurradas bruscamente contra o peito e os joelhos pressionados no torso dele enquanto ele a cobria com o corpo.

Janet forçou as pálpebras a abrirem para ver o rosto dele.

Meu.

Todos eles.

Zeph olhou para ela com fome adorável, angustiante e obsessiva, espelhando as emoções que sentia também. E naquele momento, quando seus olhos se fecharam de prazer e seus lábios se abriram para desnudar seus dentes afiados, ela sabia que o tinha completamente.

Ele a empurrou mais uma vez, apertando - a com as mãos, e ela sentiu seu eixo grosso expandir um pouco e vibrar dentro dela. Ela inalou profundamente quando o calor de sua semente a encheu, forçando – a, tomar ainda mais dele. Uma única gota de suor escorreu de sua testa para pousar em sua bochecha. Ela nem sabia que Cyborgs podiam suar.

Ela estendeu a mão para tocá - lo, com medo de que ele desaparecesse. — Zeph, ela sussurrou, quase com reverência quando a respiração dele diminuiu. Ele continuou a bombear superficialmente enquanto o clímax dela continuava a percorrer seu corpo.

— Hector, ele murmurou.

— O que?

— Meu nome é Hector.



Vinte

Hector correu para a aquisição que seguia direto para a nave dele e de Zeph. Ele estudou sua assinatura de calor enquanto ela disparava em seu radar interno. Continuou a crescer quando se aproximaram. Ele conseguia distinguir sua nave à distância.

“Eu vou ganhar", ele provocou, ainda conectado com Zeph, que estava se movendo a uma taxa muito mais lenta do que sob a superfície rochosa.

"Sobre o meu corpo cibernético imortal e morto."

Hector caiu na gargalhada. Não havia como ele não vencer, nem mesmo sendo retido pela pressão esmagadora de seu terno. Ele pulou uma borda escarpada e avistou o monstro. À primeira vista, parecia um caranguejo ou uma aranha deslizando pela paisagem.

Ele voltou. "Eu tenho visual."

Zeph grunhiu em resposta.

Hector puxou uma tranq e uma rede, balançando a malha carregada em preparação. O caranguejo ficou maior quando ele avançou em direção a ele, mas não parecia mais pesado que o urso de um tratador com o peso a combinar. Ele chegou à nave logo antes dele e soltou sua válvula de oxigênio apenas o suficiente para saltar sobre os elegantes painéis laterais de metal. Ele se levantou quando o som de garras estalando encheu seu áudio.

Ele preparou sua rede e sorriu. "Eu ganhei."

"Acho que temos um problema", disse Zeph.

O monstro parecido com um caranguejo continuou a agarrá - lo por baixo.

"Você tem um problema", corrigiu Hector. Ele preparou sua rede e a jogou sobre o monstro, observando o material atordoa - la e puxar - se. Quanto mais o monstro lutava, mais apertado ficava.

Zeph tocou seu áudio. "Porra, verifique seu radar sensorial!"

Hector suspirou e pulou de sua posição para agarrar a criatura presa. Ele sintonizou o radar assim que um clique incomum encheu seu feed ... e parou. Milhares. Milhares de monstros estavam indo direto para ele.

"Porra!"

As vibrações estrondosas abaixo de seus pés aumentaram sutilmente. Ele amaldiçoou enquanto estudava o ambiente, procurando mais caranguejos à distância. Nada além de rochas afiadas e escarpadas, e o único monstro deitado a seus pés era tudo o que ele podia ver.

A voz de Zeph encheu sua cabeça: "Estou voltando."

"Você não vai conseguir." Hector agarrou a alça da rede e começou a arrastar o alienígena parecido com um caranguejo em direção ao compartimento de carga. Seixos e poeira dançavam ao redor de suas botas. Ele arrastou a aquisição pela esquina do navio e olhou para cima. Lá estavam eles.

O rugido de suas muitas pernas varreu Hector enquanto eles corriam e rastejavam direto para ele, levantando uma enorme onda de poeira de asteroide. Sua pele mudou para a

cor do asteroide rochoso, marrom, mas faria pouco para ajuda - lo a vestir seu traje espacial. Hector largou a rede e pegou sua arma, abaixando - se e manobrando o resto do caminho até a abertura de sua nave. "Saia de baixo da terra!" ele gritou em seu link para Zeph. "Agora!"

O clique subiu, abafando o feed e depois ficou em silêncio.

"Zeph?"

Sem resposta.

Droga.

Hector pulou para dentro da nave no momento em que o primeiro caranguejo passou pela borda. Ele correu para o painel, digitando o código da nave para fechar a porta enquanto observava centenas de monstros correndo em sua direção. Porra. Porra. Porra. *Ele apontou a arma e abateu a primeira com três balas. Quando voltou, ele sabia que não haviam trazido armas grandes o suficiente.*

Ele continuou pulverizando balas quando eles entraram na nave. A porta se fechou, rasgando uma dúzia de patas gigantes ao meio e borrifando no corredor com sangue verde e apêndices retorcidos. Ele recarregou a arma e contou até cinco, ouvindo os caranguejos enxamearem a totalidade da nave pelo lado de fora. Os cliques encheram sua cabeça, deixando escapar seu feed.

"Zeph?" Voltou para pedir ajuda aos seus irmãos novamente, correndo para a ponte, conectando - se com sua nave para iniciar a decolagem. Ele trocou de frequência, tentando o Croc, mas tudo estava estático e confuso. "Porra,

inferno!" Ele continuou a berrar palavrões enquanto suas botas batiam no chão. As portas da ponte se abriram e tudo estava escuro.

As janelas estavam completamente cobertas por centenas de grandes alienígenas de caranguejo. As sirenes do navio dispararam.

Um dos Bin veio de trás dele. "Há uma brecha, mestre."

"O que?" Impossível. "Onde?" Hector ligou o androide antes de emitir o campo de força do navio.

"A porta do compartimento de carga, mestre."

Ele não teve tempo de limpá - lo, já ouvindo as centenas de pernas de quitina rompendo o metal interior do navio. Ele se abaixou e tirou o traje espacial para mudar, contando os segundos enquanto o reator da nave ligava.

"Defendam - se", ele gritou para os outros andróides.

Hector se moveu e se abaixou para a parede lateral no momento em que o campo de força pulsava. Por um breve momento, a luz inundou a ponte e depois desapareceu. O primeiro dos caranguejos apareceu.

Perigo. Perigo. Perigo.

Passou por ele e ele bateu com o punho em uma das pernas, quebrando o apêndice pela metade. Sua pele de camaleão mudou de cor para combinar. Hector pressionou as costas contra a parede e mudou de pele novamente quando mais apareceu.

Eles não podiam vê - lo. Nada poderia vê - lo quando ele soltou o animal completamente.

Os caranguejos invadiram o androide Bin mais próximo, e ele atirou em cada um deles, mas mais inundaram as passagens adiante. De repente, o poder do reator apressou seus fios, correndo através dele como um amante etéreo, e ele se conectou de volta aos controles da nave. A decolagem estava em andamento. Mais caranguejos vieram, e ele esperou por eles, se escondendo enquanto se movia pelo espaço, despedaçando - os. A gosma verde se espalhou por toda parte, arruinando rapidamente seu estado de camaleão, e a próxima onda de alienígenas estava correndo certa para ele. A nave disparou para o céu.

Ele pairou lá, incapaz de se mover sem um navegador através do cinturão de asteróides.

A voz de Zeph voltou. "Solte a câmara de ar!"

Hector lutou contra as criaturas mais próximas e tropeçou na esquina, semeando na nave para liberar a fechadura. Outra onda de sirenes encheu seus ouvidos.

Vários caranguejos voaram para ele, jogando - o contra a parede. Eles o enxamearam, deslocando a arma da mão. Ele a pegou, empurrando os caranguejos para longe, mas eles voltaram um segundo depois com mais. A dor inundou seu corpo quando sua pele foi arrancada de seu corpo metaloide; suas nano células não conseguiam acompanhar o dano rápido. Eles entorpeceram seu corpo, neutralizando o que podiam. Hector grunhiu, lutando e rasgando as bestas acima dele, sentindo os fios expostos de seu corpo estalarem e chiarem.

Tiros atingiram seus ouvidos, assim como tudo ficou preto.

Ele acordou algum tempo depois para ficar quieto.

Hector gemeu e olhou em volta, sem ver nada além de sombras e carnificina. Um assobio, ruído de vácuo soou à distância. Ele tentou se levantar, mas nada aconteceu.

Ele tentou de novo. Ele não se mexeu. Ele tentou se olhar, mas apenas o pescoço e os olhos se contraíram. O cheiro de peixe velho e enxofre ameaçava sufocá— lo. O clique em sua cabeça era um borrão desbotado e trêmulo. Hector executou uma série de diagnósticos e descobriu que a maioria de sua estrutura metaloide havia sido cortada, chiada e destruída. Parte dele foi esmagada, e os únicos pedaços intactos que restaram foram os completamente blindados por pirizianos. Ele estendeu a mão para Zeph.

"Você está vivo?" ele perguntou.

Sem resposta. A alimentação entre eles era fraca, mas estava lá. Ele se concentrou nisso quando tinha certeza de que estava a salvo de um ataque iminente.

"Idiota, eu preciso de alguma ajuda, porra", disse ele em voz alta quando percebeu que Zeph estava na ponte com ele. Sem resposta. "Porra."

Durante a hora seguinte, ele testou os membros restantes e encontrou apenas o braço direito e parte da cabeça intactos. Mesmo isso não duraria muito mais tempo com todas as suas peças quebradas e em curto circuito. Vou morrer.

Sempre fora uma possibilidade, especialmente para o que ele havia sido criado e a profissão que assumiu depois. Ele

simplesmente nunca pensou que isso iria acontecer com ele, um Cyborg. Ele havia sobrevivido a probabilidades intransponíveis, além de missões de espionagem nas bases militares trentianas mais perigosas, e saíra ileso de batalhas com monstros e naves espaciais gigantes. Mas aqui estava ele, um monte de sinais metálicos e elétricos, em um cinturão de asteróides no meio da porra de lugar nenhum, com uma bomba, relógio no restante de sua consciência.

Com a força restava, ele se libertou dos corpos que cobriam o chão e do verde da piscina ao seu redor. Usando um braço, Hector se arrastou na direção do sinal fraco de Zeph.

Um caranguejo estava em cima de seu amigo, e Hector fez uma pausa, acalmando seus movimentos. Era o único que restava vivo e estava usando uma de suas garras para cavar na cabeça de Zeph. Hector olhou ao redor e encontrou uma arma. Embarcando lentamente em direção à arma, ele a agarrou e abençoou os nano deuses que ainda tinham munição.

Ele apontou para o monstro e esvaziou o clipe. Quando o movimento parou, Hector se arrastou para o lado de seu irmão.

Alguns minutos depois, ele estava ao lado de Zeph. O sinal entre eles era ainda mais fraco do que antes. Hector olhou para o Cyborg. Sua cabeça estava quase cortada. Hector pressionou a mão no peito de Zeph e encontrou a moldura embaixo do frio.

Ele rolou sobre o que restava de suas costas e olhou inexpressivo para o teto, ouvindo os sons mortos da nave.

Levou três semanas para arrastar o corpo do seu irmão para a enfermaria e tentar trazer o Crocodilo de volta à linha. Naquele tempo, os últimos tendrilhos da consciência de Zeph tinham se tornado apenas um vislumbre de uma memória.. Hector manteve - o vivo, conectando os restos danificados de Zeph à sua própria fonte de energia. Zeph salvou sua vida, o mínimo que ele podia fazer era tentar retribuir o favor.

Mas ele não podia substituir as peças que estavam faltando por novas e, no final da quarta semana, ele tomou uma decisão.

A única peça que restou que funcionou... foi ele.

Hector decidiu violar a lei Cyborg e matar seu amigo.

Vinte e Um

Hector? Janet olhou para o Cyborg acima dela, confusa. — Por que você quer ser chamado Hector?

Zeph levantou - se dela sem responder, seus traços piscando de preto para verde. Ela viu quando ele endireitou suas roupas e afivelou as calças. Depois, ele pegou a tira do vestido e entregou a ela. Ela o puxou por cima da cabeça, ainda esperando por uma resposta.

— Diga - me por que você quer ser chamado assim? ela perguntou de novo.

— Porque é quem eu realmente sou.

— Hector?

— Sim.

— Eu não entendo? Ela realmente não fez. *Talvez ele tenha dois nomes?* — Se você quiser mudar seu nome, acho que posso entrar a bordo, mas gostaria de saber por que primeiro.

— Janet... Ele apertou a mandíbula e enrolou os dedos ao redor do volante.

— Bem? Ela perguntou. — Continue.

O comportamento inteiro de Zeph ficou tenso com a insistência dela. Janet colocou as pernas embaixo dela e o encarou, dando - lhe toda a atenção. Ela doía entre as pernas quando a semente dele começou a secar na parte interna das coxas, mas ela mal percebeu. Foi uma marca. A marca dele. E ela gostava de usá - lo.

— Você já matou alguém? ele perguntou.

— Eu... Não, nunca.

— Seja grata por isso. Não há nada como viver com os fantasmas do seu passado.

— É isso que está te incomodando? Quero dizer, você não tirou mais vidas do que pode contar? Explodiu mais naves do que o humano médio jamais verá na vida?

— Esses são apenas números para mim. Eles me incomodam, mas não da maneira que acho que deveriam, não da maneira humana. A primeira vez que eu realmente experimentei a humanidade foi há doze anos, enquanto estava em uma missão no cinturão de asteróides do sistema Andrômeda. Eu estava vivo há mais de meio século naquele momento, e ainda assim nunca havia entendido a verdadeira razão de ser humano. Quando você é composto por tantas coisas, suponho que misturar meus instintos animalescos ou cibernéticos pode ser fácil, quando você joga com a humanidade também... Como posso saber que estou fazendo algo errado quando uma parte de mim pensa que é certo? E o outro insiste que é exatamente o oposto? Eu tenho dois demônios nos meus ombros sussurrando nos meus ouvidos.

— O que aconteceu lá fora? Isso fez você se sentir assim?

— Eu matei meu irmão.

— Outro Cyborg?

— Ele e eu nascemos horas separados, no mesmo laboratório, cada um com sua própria maquiagem. Não sei por que, mas tê - lo lá, quando você está experimentando luz

e sombra, barulho e cheiro pela primeira vez, foi calmante. Os médicos e robôs que nos criaram viram esse vínculo e nos mantiveram juntos. Permanecemos juntos depois, em todas as coisas que importavam. Eu não percebi o presente que me foi dado até que fosse tarde demais. Não havia outros Cyborgs por aí com um vínculo como o nosso. Nós éramos irmãos genuínos.

Janet não conseguia imaginar o trauma que passaria se matasse Rylie ou Lily, ou mesmo seus pais. Eles significavam tudo para ela.

— Hector? Ela perguntou. — O nome dele era Hector?

— O nome dele era Zeph.

Ela se afastou abruptamente e olhou para ele. *Realmente* olhou para ele. — Você não é Zeph?

Seus traços voltaram a âmbar dourado. — Eu sou ambos.

— Explique, ela exigiu.

Ele arreganhou os dentes. — O que mais há para explicar? Eu o matei. Fiz a única coisa que me teria desativado no local. Eu brinquei com Deus e, por causa disso, encontrei e perdi minha humanidade naquele mesmo momento. Há uma coisa que um Cyborg nunca pode fazer, é considerado tão errado pela lei cibernética que até considera - la faz de você um pária. Você quer que eu explique? Quando eu já te falei demais? Querida, você nunca poderia ser a minha morte, porque eu sou incrivelmente difícil de matar, a menos que você saiba o que está fazendo, mas essas palavras? Essas palavras têm o poder de me destruir.

Janet se endireitou. — Você obviamente pensa pouco sobre minhas habilidades, mas como você pode ser Hector quando todos o conhecem como Zeph? Eu entendo que você está me dizendo que matou seu irmão, quando eu nem consigo imaginar fazer o mesmo mas é isso, Cyborg. Acho que posso ser a única que pode entender você.

— Nightheart sabe.

— Seu chefe do EPED?

— Ele já me quer morto Se ele descobrir que você também sabe, você não seria apenas a 'mulher que eu raptei', mas um alvo.

— Então você está tentando me proteger, é isso?

— Estou tentando fazer a coisa certa!

— A coisa certa? Você se transforma em uma fera com sangue chorando de todos os seus poros quando está tendo um episódio! Se você realmente quisesse me manter a salvo, nunca teria me tirado da minha cama! Você teria me deixado para trás e esquecido de mim.

— Eu não posso te esquecer.

— Isso não é suficiente para mim.

Os olhos dele brilharam. — Não posso te esquecer porque estar com você, estar com sua família, me aproximou da minha humanidade, que havia sumido há muito tempo. Eu pensei que nunca mais me sentiria assim. Não quero que isso desapareça.

Janet afundou na cadeira. As palavras dele partiram o coração dela. Ela passou os dedos pelos cabelos e afastou a mão do rosto antes de responder. — Termine a história. Ela

precisava saber. — Apenas me dê uma chance de entender. Por favor.

— Hector e eu fomos atacados

— Eu pensei que você era Hector?

— Eu sou ambos.

Tantas perguntas entraram em sua mente, mas ela mordeu a língua.

— Fomos atacados por uma horda de criaturas hibernando em um asteroide, mas não tínhamos ideia de que eles estavam em hibernação quando chegamos. Apenas um punhado apareceu no nosso radar. Nosso trabalho era capturar um, subjuga - lo sem causar danos e trazê - lo de volta para o estudo. Uma missão de recuperação padrão. Foi também a última missão que precisávamos concluir antes de nossa temporada terminar e tivermos que voltar a Terra. Hector / Zeph, ela não sabia qual pegou a arma dele no apoio para os pés e a estudou.

— Nós terminamos e fomos atacados, por centenas deles, saindo do nada. Zeph e eu estávamos separados naquele momento e eu estava na nave. Quando acordei após o ataque, a *Opressium* ainda pairava no espaço e a última das criaturas havia sido morta. Meu corpo, quase parte da minha coluna, minha cabeça e a maior parte do meu braço direito foram destruídos. Eu estava vivo, mas não em um estado que conseguisse administrar por muito tempo... E de alguma forma, Zeph havia retornado ao navio antes de decolar. Encontrei seu corpo entre os mortos a alguns metros de distância. Ele levou vários golpes na cabeça enquanto

estava em sua forma alterada, e os sinais profundos dentro dele quase desapareceram. E pela primeira vez desde que eu fui criado, eu não tinha ideia do que fazer.

A testa de Janet franziu e ela engoliu sua frustração. Ela estendeu a mão para ele e colocou a mão sobre a dele. — Eu sinto muito. De alguma forma, ela sabia o que ele estava prestes a lhe dizer.

A cor de sua pele pulsava cores diferentes de onde ela o tocava. Ele embainhou a arma debaixo da jaqueta e a pegou contra ele. O cheiro familiar de metal queimado e sexo encheu seu nariz.

— Demorei semanas, até meses para conseguir reconectar me à rede, mas a essa altura, eu já havia destruído o que restava de Zeph. Tentei salvá - lo, carregar sua consciência no espaço digital, mas não funcionou. Nada do que fiz funcionou. Ele se foi ou assim eu pensei.

— O que aconteceu depois?

Ele riu baixinho. — Desmontei a cabeça dele e a substituí pela minha. Peguei o que restava do corpo dele e o que restava do meu e criei uma terrível fusão. Eu nem pensei que funcionaria até o meu mainframe, o mainframe dele reiniciar, reconfigurar, recalibrar e me aceitar como seu novo proprietário. Eu parecia Hector, mas eu estava em um corpo que eu mal conhecia. O crocodilo luta comigo a cada segundo de cada dia. Então, as memórias musculares de Zeph voltam, as imagens de sua vida, e logo depois disso, uma enxurrada de memórias que eu nunca tinha experimentado antes

inundaram minha mente. Caí na loucura e, em algum lugar durante esses meses, procurei Nightheart em busca de ajuda.

— A próxima coisa que soube foi que eu estava em um laboratório, amarrado e meu corpo era meu novamente. Encontrei clareza e, embora não pudesse mais acessar a capacidade total da minha forma de camaleão, consegui acessar o crocodilo que agora estava dentro de mim. Nightheart conseguiu encontrar minha nave e nos resgatar antes que eu perdesse completamente a cabeça.

Ela balançou a cabeça. — Se ele salvou você, então por que ele está atrás de você?

— Matar outro Cyborg e dominar seu corpo, suas habilidades, seus bancos de dados, tudo o que os criou e lhes deu uma alma, está além do crime. É monstruoso, terrível, e é a única coisa que nenhum Cyborg pode fazer. Matar um dos nossos é criminoso, pirataria é considerado tão ruim, mas Zeph... Ele ainda tinha uma centelha e eu peguei, peguei o que restava e me salvei. Contei tudo para Nightheart, esperando ser destruído no local, mas ele me deixou viver. Em troca, eu era escravo dele. Até hoje, ainda não entendo por que ele me deixou viver.

— Então, Zeph está morto? As peças estavam começando a se encaixar. Ela pensou em seu tempo com ele em Kepler, e como ela nunca viu sua forma alterada, como ele a procurava a cada momento, como sua pele, olhos e cabelos mudavam de cor quando suas emoções aumentavam. Os solavancos. Os turnos intermediários. O sangue. Ele não tinha uma doença que pudesse ser curada...

— Não.

— E Hector?

— Eu estou bem aqui.

Janet inalou. — Vocês são Zeph e Hector?

— Eu sou os dois e nem os dois, querida. Veja, quando eu estava preso na *Opressium* com nada além de cadáveres e minha dor para me fazer companhia, revivi uma vida inteira. Suas memórias se tornaram minhas e, embora eu saiba quem era eu quando iniciei, agora não consigo me imaginar sendo esse homem. Eu sou algo inteiramente novo.

Havia um outro ser inteiro dentro dele. Não havia uma doença que o atormentava, mas discórdia. Uma mutação que não deveria estar tentando encontrar harmonia em um corpo.

Janet se afastou dele e ele a deixou ir. Ela ajeitou a saia do vestido pequeno e olhou para os brilhantes olhos verdes. — O que... ela engoliu em seco, mas sua boca estava seca. — Como eu deveria te chamar?

— Hector quando estamos sozinhos e Zeph quando estamos perto dos outros. Eu ainda sou Zeph em todas as coisas. Nós somos o mesmo ser agora.

— E quando você muda? ela perguntou. — O que acontece?

— Os animais. O camaleão e o crocodilo são os únicos pedaços de mim que nunca funcionaram completamente.

— Você é um camaleão que se tornou uma outra criatura inteira.

— Nightheart viu da mesma maneira.

Ele pegou a mão dela, mas ela a puxou. — Ele quer você morto.

Janet? Ele segurou o queixo dela e a forçou a olhar para ele.

— Ele quer você morto porque você me levou? Ou porque você quebrou seu acordo com ele? A vida de Lily está em perigo por minha causa?

O rosto dele ficou sombrio. — Tudo o que aconteceu foi minha culpa, porra. Ele me quer morto, porque se algum dia ele me deixar viver, ele é tão bom quanto morto. Quem governa a cidade Cyborg, Ghost, nunca o deixaria viver. Ela tentou se afastar de suas garras, mas ele não a deixou desta vez. — Não.

Lágrimas se reuniram em seus olhos. — Você mentiu para mim.

— Eu sei.

— Eu nem sei mais como te chamar. Zeph, Hector, nada parece certo.

Sua mandíbula se apertou. — Chame do que quiser, eu aceito até mesmo o idiota. Janet não se afastou dele.

Ela fungou. — Eu não posso.

— Nada sobre mim mudou.

— Tudo mudou!

Ela pensou que o conhecia, pensou que confiava nele, mas isso, isso era demais. Dois Cyborgs? Com quem ela estava falando? Ela nem gostava de Cyborgs, mas agora, sem saber, negociou com dois? Mas não foi só isso, a constatação de que isso nunca terminaria, que o EPED e o governo

sempre estariam atrás dele foi o fio que a quebrou. Eles nunca estariam seguros, sua família, Zeph, ela mesma ... Se ela ficasse com ele, tentasse ajuda - lo, as pessoas que ela mais amava sempre estariam em perigo. Lágrimas caíram por suas bochechas e ela passou as costas da mão no rosto.

— Você é minha humanidade, ele sussurrou, aproximando o rosto dela. — Você acalma a tempestade que assola dentro de mim.

Ela não queria ouvir. — Isso nunca vai acabar.

— Temos uma nave agora, vou leva - la de volta para Kepler como prometi.

— Mas isso, *isso* nunca vai acabar. Nightheart nunca vai parar de perseguir você.

Quando ele não respondeu, mais lágrimas caíram. Ela se soltou do aperto dele e se encolheu contra a porta lateral, olhando pela janela. Até a paisagem elyriana chamava a atenção dela. Sua garganta ardia e seu coração doía. Janet não conseguiu manter um pensamento reto. Ela odiava que ela já estivesse pronta para perdoá - lo, mas ele estava certo, o que aconteceu com ele estava além dela.

Janet...

— Me leve para casa.

— Eu te amo. Mais do que você jamais poderia saber.

Ela fechou os olhos com força. — Por favor.

Após um momento tenso, o hovercraft zumbiu com vida. Ela limpou o rosto e pressionou a testa na janela, encontrando pouco alívio no vidro frio. O veículo disparou para o céu e ela abriu a janela. Era o único controle que ela

tinha; ela não queria mais que o cheiro dele, do sexo deles, enchesse sua cabeça novamente.

Vinte e Dois

Eles chegaram ao prédio em silêncio, na calada da noite, mas também na hora mais selvagem do dia em Elíria. Janet enfiou os cabelos no rosto para que os espectadores não pudessem ver as lágrimas nos olhos. Ela não conseguia olhar para Zeph / Hector sem sentir uma enorme quantidade de confusão e dor.

Tudo o que ela queria era arrancar o vestido, vestir uma de suas camisas surradas de volta para casa, entrar em uma das viaturas e navegar para o meio do oceano. Onde ela estaria sozinha com nada além de seus pensamentos, onde ela poderia entende - los em seu próprio tempo.

Ele me ama. Isso a fez querer gritar e bater nas paredes. Ainda mais desde que ela o amava de volta.

Mas ela estava em Elyria. E Lily precisava dela. Ela estava cercada por vida, ação e barulho muito longe do oceano calmo em que passara metade da vida. *Como eu pude ser tão ingênua?*

Hector a conduziu através da multidão robótica e passagens, passando pelas estátuas humanas estranhas e pela arquitetura estranhamente alienígena. No início daquela noite, tudo tinha sido tão mágico, e agora tudo o que ela queria fazer era ir para casa.

Ela o parou na porta do apartamento roubado. — Quando você nos levar de volta para Kepler... ela olhou para o chão almofadado, — Eu quero ficar.

Ele a alcançou e ela se afastou.

Ele não deu uma resposta, mas tudo bem com ela. Sem resposta foi melhor do que um enfático *não*. Não se tratava de prova de seu amor por ela, ou se ele permitia que ela ficasse, tratava - se de suas próprias necessidades, e se ela aprendeu alguma coisa no último mês, foi que ela estava vivendo uma vida, algo que lhe trouxe nada além de dor. Janet queria desesperadamente se desculpar com Rylie. Nunca tinha sido culpa de sua irmã.

Eles entraram no apartamento e pararam. Lily estava no centro da sala com o Sr. Heartface, segurando um cobertor em volta dos ombros.

Hector agarrou o pulso dela quando tentou ir até a irmãzinha. — Espere.

— O que? Por quê? Lily, por que você está acordada?

— Sr. Heartface me disse para levantar, respondeu Lily.

Hector se colocou entre eles, bloqueando a visão de sua irmã. Todos os pensamentos das últimas duas horas caíram de sua cabeça. Janet ficou rígida.

A voz de Hector preencheu o espaço. — Abaixe a arma.

Janet olhou além dele e viu o androide segurando uma arma apontada para a irmã. O medo rasgou através dela.

— Lily, ela ofegou. — Não se mexa.

Hector se adiantou e repetiu a ordem. — Eu ordeno que você abaixe a arma.

Os olhos dela se arregalaram quando o braço do androide tremeu. O ar encheu - se de eletricidade estática.

— Por favor, abaixe a arma, implorou Janet, rezando para que acontecesse, *desejando* que acontecesse. Ela sentiu algo duro pressionando a parte de trás de sua própria cabeça.

— Não se mexa, veio uma voz atrás dela.

Hector girou quando um braço passou por seu peito, levantando Janet.

— Lily! ela gritou. — Salve Lily!

Hector hesitou, parando no meio do caminho, as mãos pairando ao lado do corpo, a centímetros de sua arma. Ela implorou com ele com os olhos. *Por favor, não arrisque.* Ele voltou - se para Lily, e ela quis cair aliviada, mas foi empurrada um passo adiante quando a arma do Sr. Heartface caiu no chão com um *estrondo* que fez seu estômago revirar. Lily gritou quando Hector correu para o lado dela e a pegou nos braços dele.

Janet lutou para frente, desesperada para alcança - los, mas o homem que a segurava a manteve trancada contra ele. Ela foi arrastada o resto do caminho para o apartamento e posicionada contra o canto próximo à porta. O androide, sem coração agora, caminhou rigidamente para a parede ao lado dela e parou.

— Fique onde está, se não quiser se machucar, disse o homem que a segurava no ouvido.

— Hysterian? Hector cuspiu do outro lado da sala, sua voz cheia de ameaça. — Já era hora de nos conhecermos.

Janet deu um puxão no aperto do homem, abaixando os olhos para ver o terno de látex branco sobre o braço em volta da cintura.

— Você é um Cyborg procurado, Zeph.

— Um dos muitos, pela última vez que verifiquei. Deixe - a ir e eu posso deixar você viver.

— Isso não é sobre mim. Você é fraco, Borg. Eu vi o que você fez no *Dimes*. Você irritou Raphael e colocou uma bala piriziana em cada um de seus anjos. Você não tem paciência? Você sabe o quanto eu odeio uma interrupção? Ele exigiu que eu fosse atrás de você quando eu estava ocupado com minha própria merda de negócios. Seu pequeno brinquedo aqui não parecia precisar de nenhuma ajuda minha.

— Então por que diabos você está aqui?

— Porque você é um homem procurado. O EPED está oferecendo muito por sua cabeça, e Raphael me pediu um ultimo favor.

Hector protegeu uma Lily chorando com seu corpo e lentamente deu um passo para trás. — Dobro o que eles estão oferecendo, apenas a deixe ir.

Hysterian riu. — Isso não é sobre você, ou ela realmente. Janet permaneceu rígida em seus braços quando sua respiração soprou pela bochecha dela. — O que eles estão oferecendo está além do que você pode me dar, e você deixou a criança sem vigilância. Como você pôde? Você não merece conexão humana se não puder mantê - las em segurança.

Hysterian a soltou e a empurrou em direção a Hector, que a segurou em seus braços antes de empurrá - la pelas costas.

Ela tropeçou para frente, mas rapidamente deu um passo, alcançando Lily com um soluço. — Está tudo bem, você está bem. Ela passou as mãos por toda a irmã.

O riso de Hysterian morreu. — Não tenho intenção de prejudicar as fêmeas.

Hector deu um passo à frente. — Então deixe elas irem. O que quer que Nightheart queira, não serão elas, serei eu.

— Isso pode ser verdade, mas eu seria um idiota para soltá - las nesta cidade, sozinhas. Não vai demorar muito mais agora.

— Não vai demorar muito mais para quê? Sua voz engatou quando ela olhou para cima.

— Leve Lily para uma das salas dos fundos, ordenou Hector, sua pergunta sendo ignorada. — Você não precisa ver isso.

— Eu não quero te deixar, ela implorou, puxando Lily com força contra o peito.

— Vá agora.

Janet se encolheu. Ela queria discutir com ele, mas sabia que ele estava certo. Ela precisava levar Lily para longe. Sua irmã tremia violentamente, seu pequeno corpo tão vulnerável em seus braços. Janet a pegou e se aproximou do quarto mais próximo. Cada passo que dava era mais pesado que o anterior. Ninguém a deteve quando ela se escondeu nas sombras e bateu a porta atrás deles. *Eu tenho que confiar que ele sabe o que está fazendo... Que vai falar com o Hysterian.*

Seu coração trovejou. Ela nunca fugiu de nada em sua vida.

Janet se amaldiçoou por não trazer o receptor do Sr. Heartface com ela para o clube enquanto ela levava a irmã ao banheiro conectado ao quarto. Quando a segunda porta foi fechada e trancada atrás deles, ela colocou Lily no chão.

— Você está bem? O androide machucou você? ela perguntou.

— Eu quero a mamãe, Lily chorou.

— Eu sei, eu sei, querida. Mamãe também quer você, e nós a veremos em breve, em breve. Eu prometo.

— Ela está vindo?

Janet encontrou uma toalha de mão ao lado da pia e a molhou para limpar o rosto de Lily. — Nós estamos indo para ela. Depois que Zeph se livrar do homem desagradável, nós três vamos procura - la.

— Eu a quero agora!

— Eu também bebê.

Lily continuou a chorar quando Janet a examinou e depois a examinou novamente apenas para ter certeza.

Hector ficaria bem. Ela tinha que acreditar nisso. Ele era um Cyborg, afinal. Ele os havia passado por probabilidades piores antes. O medo que Janet nunca havia sentido antes a enchia tanto que ela mal conseguia inalar. *Lily tinha uma arma apontada para ela.* Isso aconteceu bem na frente dela, e não havia nada que ela pudesse ter feito para impedir isso. Ela sabia que o horror daquele momento permaneceria com ela pelo resto de sua vida.

Eu não posso mais fazer isso. Não posso.

Janet enxugou o rosto, desejando que as lágrimas parassem, tentando exalar autoridade calma o suficiente para se tranquilizar sua irmã, mas suas lágrimas tinham uma mente própria. Ela ficou imaginando a arma em Lily e ouvindo Hector confessar em sua cabeça.

Hector...

Seu coração martelava de dor. O que estava acontecendo? Ele estava bem? Ele seria capaz de derrubar outro Cyborg sozinho?

Depois que ela limpou o ranho do rosto da irmã pela terceira vez, ela se afastou e caiu contra a parede, puxando Lily com ela. Ela acariciou os cabelos até o aperto no peito diminuir.

Algum tempo depois, suas lágrimas secaram e Lily se acalmou ao lado dela. Foi então que ela percebeu que nenhum som havia saído do apartamento. Ela olhou para Lily, que estava segurando o tecido brilhante de seu vestido. O tecido verde brilhante só trouxe mais dor. Era da mesma cor que os olhos de Hector.

— Tente dormir um pouco, Janet sussurrou, passando os dedos sobre a testa de Lily.

Lily fungou. — Você acha que o Sr. Heartface está bem?

— Eu não sei.

— Não é culpa dele.

Janet franziu o cenho. — O que você quer dizer?

— Ele não tem capacidade de pensar por si mesmo. Ele me disse.

— Heartface disse isso?

Lily se afastou de Janet e esfregou os olhos molhados.

— Ele não me machucaria.

— Lily, o Sr. Heartface é um robô, alguém que não é senciente e não é *ele*. É minha culpa que você pense o contrário. Você nunca será deixada sozinha com isso novamente.

— Isso não é verdade! Às vezes, ele é o Sr. Bullseye e, às vezes, o Gunner.

Janet ficou rígida. — O que você disse?

— Senhor. Heartface não me machucaria.

— Não. Estou falando do Gunner. Como você sabe quem é? Ele se aproximou de você?

Lily pegou sua perna da calça. — Eu não sei.

— Pense bebê. Como você sabe quem é Gunner? Janet escorregou dos calcanhares e sentou - se, procurando o rosto da irmã. Não era possível.

Então ela se lembrou de como o Cyborg havia mencionado sua irmã.

— Senhor. Heartface disse que se eu precisasse de ajuda, apenas pedisse a Gunner, disse Lily.

Janet levantou - se. — Porra.

— Você disse uma palavra ruim!

De alguma forma, ele havia chegado a Lily durante a batalha. Ele havia atravessado o androide durante o ataque do EPED, era o único caminho. Sua opinião sobre Cyborgs e suas atitudes estranhas e invasivas em relação a tudo o que importava diminuía mais a cada segundo que passava. Ela

continuou dizendo a si mesma que isso também passaria, mas quando finalmente aconteceu, algo pior tomou seu lugar.

Ela fechou os olhos e inalou profundamente. *Lily precisa de mim. Fique calma.*

Janet precisava se controlar. *Não é sobre mim.* Hysterian tinha dito isso ele mesmo. Isso não estava acontecendo por causa dela ou de Lily.

Isso era tudo sobre Hector. Por mais que ela não quisesse.

A única maneira de manter sua irmã segura era afastá - la dele.

Eu tenho que fazer isso. Eu tenho que.

Janet aproximou - se silenciosamente da porta, sentindo o peito escancarado de remorso, e pressionou a orelha contra ela, tentando ouvir se um dos Cyborgs estava no local ainda. Não havia nada, somente o silencio. Ela voltou - se para a irmã. — Eu preciso que você fique aqui. Você pode fazer isso por mim?

— Você vai garantir que o tio Zeph e o Sr. Heartface estejam bem?

Ela assentiu fracamente. — Sim. Vou tentar. Eu irei, mas somente se você prometer não sair deste local, por qualquer motivo, por qualquer som que possa ouvir. Você fica aqui.

— OK.

Ela olhou para Lily por mais um momento antes de voltar para a porta. Ela respirou fundo e a abriu. A sala estava escura e silenciosa, e a porta externa da sala principal

ainda estava fechada. Vozes abafadas podiam ser ouvidas do outro lado. Janet deu uma última olhada em sua irmã antes de sair e fechá - la.

Sua mão permaneceu na maçaneta por um tempo, enquanto procurava a coragem de sair do lado de Lily. Embora sua irmã estivesse em um quarto sem janelas, ela não acreditou nem por um segundo que algo, em algum lugar, pudesse atingi - la. Cyborgs havia lhe ensinado isso.

Janet afastou a mão e atravessou a sala, aproximando - se da porta que dava para a sala. Mais do mesmo barulho veio do além, e ela sabia que Hector e Hysterian estavam conversando. Surpreendentemente, e para seu alívio, não houve sons de brigas ou tiros. Ela abriu a porta e saiu.

Se eu conseguir passar para o Hysterian, podemos partir para a nave...

Ela simplesmente não sabia se ela coragem o suficiente para fazer o que precisava ser feito.

Se ao menos ela pudesse suportar a dor.

Vinte e Três

Hector guardava o quarto em que Janet e Lily se escondiam de costas para a porta. Sua atenção permaneceu unicamente no Cyborg fazendo o mesmo até a saída. Suas mãos estavam estendidas e soltas ao lado do corpo, prontas para qualquer coisa.

Ele nos seguiu. Não havia outra explicação. Ele sabia, ao verificar o feed do androide, Lily, havia deixado o quarto em que Janet a colocara na cama. Na verdade, o truque aconteceu quando eles chegaram ao local, e ele se amaldiçoou por estar tão distraído. O rosto cheio de lágrimas de Janet encheu sua cabeça e suas veias subiram com remorso.

Eu a fiz assim.

Ela sabia de tudo agora, sabia dos prejuízos, dos erros e do demônio pendurado nas costas. Ele deixou tudo nu. Ela queria a verdade, um fim para os segredos — mesmo que os dele fossem proteger a si e aos que estavam ao seu redor — e ela os descobriu. Agora ela tinha que viver com eles pelo resto da vida.

Eu a fiz chorar.

Hysterian permaneceu como pedra do outro lado da sala. O Cyborg não tinha ideia do quanto Hector iria proteger as fêmeas que ele guardava atrás dele. Ele rangeu os dentes; o osso fraco de seu material humano estalou sob a pressão. Espinhos cutucavam a pele de suas costas. O

crocodilo queria desesperadamente sair. As lembranças do último dia de sua missão se apoderaram de sua mente, e ele as afastou. Eles não o machucaram da mesma maneira que antes.

O que? Seus dedos ficaram tensos. Eles não o machucaram quando ele contou a Janet mais cedo. A realização o chocou. Ele se considerava Hector, Zeph e depois a morte apenas para retroceder a si mesmo como uma entidade inteira.

Ainda estou aqui, disse Zeph.

Um pequeno sorriso torceu seus lábios. *Acho que não estou bem curado, afinal.*

Algum dia, a voz distante em sua cabeça pode desaparecer, mas, com certeza, não seria hoje. Ele voltou sua atenção para Hysterian.

— Por que você está fazendo isso? O que é tão importante que está fora das minhas habilidades ajuda - lo?

Hysterian encolheu os ombros.

— Nightheart não é sua resposta, disse Hector.

— Ele é melhor que você. Ele é a melhor coisa que eu tenho agora.

— Ele já foi minha resposta para uma situação ruim. Olhe para onde isso me levou.

Hysterian sacudiu a mão. — Outra situação ruim de merda.

— Então você sabe o que está reservado para você.

— Não vou sequestrar uma mulher e uma criança, com certeza. Se mantê - lo aqui até a chegada do EPED e eles me darem o que eu quero, então posso fazer isso.—

Hector zombou, e um estrondo baixo surgiu da barriga de sua besta. Ele esperou a dor da mudança de prédio, mas ela nunca veio. — Eu lutarei com você, até matarei você, se precisar passar por você. Vou lhe dizer onde está a Opressium e você pode ter tudo o que já foi meu, se você simplesmente se afastar.

Hysterian se afastou da parede. — O que aconteceu com você Cyborg?

— Tudo, Hector retrucou, dando um passo à frente.

— Tudo aconteceu comigo.

— Sinto - me mal por você... Hysterian parou quando o som de passos se aproximando. Hector ouviu a porta se abrir lentamente atrás dele.

A presença de Janet encheu a sala tão rapidamente quanto seu cheiro. Os músculos de seus braços incharam quando a porta se fechou com um *baque*. — Volte para dentro, ele ordenou. — Não é seguro.

Ele ouviu Janet fazer uma pausa, considerar e, finalmente, ignorar suas ordens enquanto ela avançava. Levou tudo em sua vontade para manter o olhar em Hysterian, cujos olhos ele não podia ver sob sua máscara. *Porra, não olhe para ela.*

— Ela é minha, disse ele, quase baixo demais para ouvir. — Janet, não é a hora.

Ela o ignorou, mas entrou na periferia de sua visão. O fedor azedo de medo inundou em plumas. — Eu não posso mais fazer isso. Não posso.

— Eu sei. Volte para Lily e eu cuidarei dele, ele disse enquanto Hysterian ria.

— Não, Zeph. Eu não posso mais *fazer* isso, ela disse, com um engate na voz. O cheiro fresco de lágrimas brotando se juntou ao medo no ar. — Lily esta...

Ele queria agarrá - la e envolve - la em seus braços, mas ela estava fora de seu alcance. A única razão pela qual ele a deixou se aproximar foi porque ele sabia que Hysterian não tinha intenção de machuca - la. O Cyborg nunca a deixaria voltar para ele de outra forma.

— Lily está bem? ele perguntou.

— Ela esta... Eu não posso. A voz de Janet endureceu. — Nós não podemos. Queremos ir para casa.

Sua testa franziu. — Eu prometo.

Hector parou quando Janet deu um passo à frente, colocando - se mais perto de Hysterian. O outro Cyborg se aproximou dela, e Hector pegou sua arma.

— Bem, bem, bem, então você precisa da minha ajuda? Hysterian disse.

Janet assentiu quando Hector apontou a arma para o outro Cyborg e atirou. Seus gritos encheram a sala. Ele pulou para frente, agarrou - a e jogou - a de volta para trás. Ela voou no sofá próximo enquanto Hysterian o atacava, batendo em seu lado.

Hector recuou. Hysterian agarrou seu braço e torceu, tentando desarmá - lo. Ele mudou as mãos para garras e golpeou o Cyborg. As pontas de suas unhas estavam ligadas ao tecido de Hysterian e rasgavam várias lacunas em seu rosto e pescoço.

Ele mal conseguiu reter sua arma.

Restavam duas balas pirizianas. Ambos eram fortes o suficiente para perfurar a armação de metal piriziana de um Cyborg, ambos valiam uma pequena fortuna.

Hysterian bateu com o punho no rosto de Hector, fazendo sua cabeça bater para trás. Ambos estavam de pé no segundo seguinte.

Em algum lugar distante, os gritos aterrorizados de Janet soaram. Ele sentiu o croc faminto de se libertar da carne do seu corpo humanoide. Hector apontou a arma para o rosto de Hysterian, sentindo a camada fraca de sua pele escorrer pelo impacto, revelando um brilho de metal por baixo. Ele sacou a arma de volta para outro golpe quando Hysterian saltou de volta do outro lado da sala.

Hector apontou a arma, sua alimentação visual mudando para rastrear seu alvo, enquanto Hysterian se esquivava pela sala, escondendo - se atrás de uma das estátuas. Ele levou o tiro, quebrando a peça, mas a bala não se conectou. O outro Cyborg pulou pela sala no último segundo.

— Gunner! Janet gritou no topo de seus pulmões.

— Sr. Heartface. GUNNER!

Ele não teve tempo de olhar para Janet quando de repente ele foi jogado de costas, Hysterian, segurando sua cabeça. Hector apertou as pernas e sentiu a pele recuar quando o metal embaixo prendeu suas coxas, apesar da roupa entre elas. Dor irrompeu por ele quando seu rabo apareceu para atacar o outro Cyborg.

Hysterian envolveu seus membros ao redor de Hector e o segurou usando sua força para prendê - lo. Hector bateu o rabo pesado de novo e de novo no corpo do outro Cyborg, mas não conseguiu desalojar o filho da puta.

Seus olhos brilharam, iluminando a sala. Ele desligou o visual da mira no momento em que Hysterian agarrou a cabeça com mais força. O focinho de Hector mudou para estalar para ele.

Ele encontrou os olhos selvagens de Hysterian e notou o sangue verde jorrando por baixo do traje de látex. *Que porra é essa?* Hector estalou a mandíbula novamente, atingindo Hysterian com toda a força do rabo. O outro Cyborg apenas apertou seu aperto.

— Hector! Janet gritou.

Ela veio atrás de Hysterian com uma vara na mão e bateu com força no outro Cyborg. Imperturbável, Hysterian recuou e, para o choque abrupto de todos... O beijou.

Lábios quentes pressionaram seu focinho, empurrando para deslizar sobre a longa e rígida ponte do nariz. Hector ficou tenso quando um monte de sangue verde de onde ele cortou o rosto de Hysterian caiu sobre ele. Os palavrões de Janet soaram enquanto ela batia no Hysterian pelas costas.

Atordoado, Hector caiu de joelhos. Os membros de Hysterian se afastaram da forma crocodiliana parcialmente deslocada de Hector, deixando - o cair o resto do caminho no chão. Uma dormência profunda e paralisante irrompeu do local em que a boca de Hysterian tocara seu corpo e floresceu sobre seu corpo, fortalecido pelo sangue podre do ciborgue.

Ele percebeu vagamente seu oponente pular para o outro lado da sala. A arma de Janet caiu com um *baque* . Parecendo um emaranhado em sua cabeça. Hector caiu de costas quando o veneno se espalhou.

De repente, o rosto de Janet encheu sua visão quando ela estendeu a mão para tocá - lo. — Hector. Oh meu Deus, você está bem? Zeph? As mãos dela nunca chegaram à carne dele.

O Sr. Heartface a agarrou e a puxou de volta. — Não.

— Não pare! Janet lutou, gritando. — Ele está machucado. Ele está machucado! Hector? Zeph, me responda!

****

Janet lutou contra o androide com tudo o que restara; metal rasgado machucou sua pele com seus esforços. Seu único foco era Hector e seus olhos arregalados, olhando - a diretamente de seu corpo trêmulo e rígido.

— Eu posso consertá -lo, ela chorou.

Hector engoliu lentamente. — Janet, não lute com Bin - one.

Ela apenas lutou mais, apesar do comando dele. Algo estava errado, muito errado, e tudo o que ela queria era se aproximar dele. Como se a proximidade dela ajudasse a desaparecer toda a maldade.

O Sr. Heartface a sacudiu quando ela continuou lutando. — Senhora Janet, você não pode chegar perto dele. As toxinas vão te fazer mal.

— Eu posso salvá - lo! Deixe - me salvá – lo, ela implorou.

— Não. Você não pode, dizia, e quando ela olhou para o androide, um alvo substituiu o coração em seu rosto.

— Gunner? ela sussurrou, mas o androide não respondeu. Um gemido chamou seu olhar de volta para a forma ajoelhada de Hector.

— Você está machucado, disse ela, odiando não poder tocá - lo.

— Está tudo bem, disse ele.

— Não, não está. Isso é tudo minha culpa. Se eu tivesse te escutado...

— Pare.

Ela não suportava vê - lo derrotado. Se ela tivesse ficado com Lily, ele poderia ter resolvido tudo com Hysterian, e não estaria sofrendo como estava agora. — Tudo o que tento fazer falha.

Sua boca mal se moveu. — Janet...

— Por favor, deixe - me terminar.

— Nada disso é culpa sua, disse ele, sua voz enfraquecendo a cada palavra. Ela parou de lutar. — Tudo o

que aconteceu aqui, aconteceu por minha causa. Tudo. Eu sou um pedaço egoísta de merda. Você merece... Muito mais que isso.

— Por favor, não, ela implorou.

Ele sorriu suavemente. — Não está no meu vocabulário.

Ela balançou a cabeça, com o peito doendo. — Eu te amo. Eu te amo muito.

— Eu sei, querida.

— Eu nunca quis que isso terminasse assim.

— Tinha que terminar... Pelo bem de Lily. A luz nos olhos de Hector diminuiu.

Novas lágrimas encheram as suas. — Gostaria que pudéssemos voltar e começar de novo.

— Eu também.

Ao fundo, barulhos distantes podiam ser ouvidos, junto com pessoas gritando umas com as outras além das paredes da sala. Ela e Hector se entreolharam enquanto as janelas brilhavam com holofotes e a sala se enchia com o zumbido dos hovercrafts. Os faróis fizeram o quarto brilhar, banindo os últimos fios da noite. Instantâneos. As fotos. A mídia.

— Eu não quero deixar você, disse ela, sabendo que o tempo estava terminando. — Se as coisas tivessem sido diferentes...

Ele riu fracamente. — Você teria me seguido até os cantos mais sombrios do universo?

— Sim.

Os gritos se aproximaram. Ela percebeu vagamente enquanto as mãos que a seguravam de Hector se

alternavam. O androide se moveu na frente dela e pegou a arma caída de Hector.

Hector continuou, chamando sua atenção de volta para ele. — Eu te amo. Eu te amei desde o começo.

— Eu também te amo. Sua garganta se contraiu quando lágrimas escorriam por suas bochechas. Isso não poderia estar acontecendo. *Eu não quero perde - lo, não assim.* Ela queria ir para casa, queria Lily a salvo, mas ela queria Hector também. Ela queria que ele vivesse. Ela o queria. Queria uma chance de estar com ele.

O Sr. Heartface apontou a arma para a cabeça de Hector. — Finais felizes, depois de tudo, não são para todos.

O sangue espirrou em seu rosto, e então seu mundo ficou escuro.

Vinte e Quatro

Janet acordou como havia feito semanas antes, em uma cabana estranha, muito, muito longe de casa.

Ela se levantou na cama e olhou em volta do quarto iluminado. Ao lado dela, em uma cama separada dela, Lily dormia profundamente, e entre eles e toda a sala havia máquinas médicas. Esses confortos não impediram a corrida repentina de seu coração ou impediram que suas mãos ficassem úmidas de medo.

— Lily? Janet chamou, levantando - se da cama. Sua irmãzinha murmurou enquanto dormia quando a porta se abriu. Do outro lado, estava um homem alto, de terno preto, com cabelos castanhos curtos que se separavam para o lado e olhos opacos e citrinos.

— Você está acordada, disse ele.

Seus lábios se fecharam quando ela se levantou.

— Você pode me ignorar, se quiser, mas deixe sua irmã dormir.—

Janet olhou para Lily e depois de volta ao quarto, finalmente aterrissando no homem estranho que estava bem no limiar. Memórias subiram como ondas em sua cabeça; Hysterian, Lily, a boate, toda aquela bagunça. A arma na cabeça de Lily, o amor entre ela e Hector, seus momentos no hovercraft, a luta. E toda a tarde e noite até que tudo terminasse naquela nota final com a bala ecoando em seus ouvidos.

— Hector, ela ofegou, pressionando a mão no coração. A dor disparou através dela.

— Não.

Ela não sabia quanto tempo ficou lá, incapaz de se mover por medo de que algo mais desse errado. Ela observou a forma pacífica e adormecida de Lily pelo que pareceu uma eternidade. Quando ela pensou que tinha um controle sobre a turbulência lá dentro, ela olhou de volta para o homem. Ele não se mexeu.

Mas ela sabia quem ele era.

— Nightheart, ela acusou.

Ele inclinou a cabeça. Janet passou as mãos na blusa, percebendo que em algum momento enquanto ela estava fora, alguém a havia colocado em um uniforme padrão. Ela só podia assumir que quem a tinha agora tinha realizado um exame físico nela e na Lily. *Por que eles não?* Hector poderia ter sido o monstro que a mídia o fez parecer.

Mas ele não era isso. Não para ela, não para Lily.

Ela deveria estar emocionada, deveria estar se regozijando. Ele foi o bandido que a sequestrou, certo? Mas tudo o que ela queria era voltar no tempo e fazer tudo de novo, sabendo tudo o que sabia agora.

Seu estômago afundou. *Acabou.*

Ela caminhou até onde Lily dormia e levantou as cobertas, colocando a irmã dentro. O rosto de querubim de Lily brilhava inocentemente em seu sono, e Janet se inclinou para dar um beijo suave em sua testa. Lily passaria um bom tempo crescendo com as experiências que tivera, e Janet

estaria lá ao seu lado enquanto sua irmã encarava a vida com toda a sua brutalidade. Só podia esperar que melhorasse daqui para a frente.

Ela se virou para encarar Nightheart de frente e se juntou a ele no corredor. A porta se fechou silenciosamente atrás dela.

— Ele está morto? ela perguntou, indo direto ao assunto.

— Sim.

Seu coração caiu e ela juntou as mãos. — Você o matou.

— Tecnicamente, não. Um androide sim.

Gunner. Como ela poderia ter chamado sua ajuda? Lembrou- se do alvo em seu rosto. Janet desviou o olhar. — Por quê?

— Zeph era um risco, um perigo.

— Isso não lhe dá o direito de cometer assassinato.

— Não foi por direito que eu o matei, era meu dever de acordo com o código pelo qual nossa espécie vive. Quando você pensa em termos de centenas, em vez de bilhões quando se trata de quanto da sua espécie percorre o universo, você não pode ter um trapaceiro. Um ladino da minha espécie pode estragar tudo para o resto de nós.

— Então você pensaria que manter todos da sua espécie vivos é uma prioridade mais alta. Você nem sequer deu a ele um julgamento.

Nightheart inclinou a cabeça. — Zeph levou Raphael e seus capangas a um julgamento antes de atirar neles?

Janet franziu o cenho e abraçou o meio antes de balançar a cabeça. — Não.

— Aí está.

Ela odiava a ligeira presunção do tom dele. Hector estava morto e Lily dormia desprotegida no quarto atrás dela. Elas estavam à mercê de uma organização poderosa, e se ela sabia algo sobre poder, era que você não podia confiar em ninguém com muito dele.

Janet encontrou seus olhos. — O que você planeja fazer conosco?

— Depende.

— Do que?

— Você o amava?

A pergunta dele a fez parar. — Sim... Sim eu amava.

— Ele te amava?

— Por quê? ela perguntou, estreitando o olhar.

— Você sabe quem ele realmente era?

— Sim, disse ela antes de se pegar. Ela não tinha ideia do quanto Nightheart sabia ou se ele estava tentando colher informações dela. Janet já havia feito tanto isso no passado que qualquer conversa com um homem estranho ou mesmo com uma mulher a deixava paranoica. *Mantenha seus cartões perto* . — Zeph ajudou a salvar o lote agrícola da minha família. Ele era um caçador de monstros para você, mas também era um idiota que era incompreendido.

Nightheart olhou para ela desconfortavelmente por um longo tempo. Cada segundo que ela passava na presença dele fazia sua espinha derreter sob seus olhos afiados e secos. O

Cyborg tinha a aparência de alguém que comeu impérios inteiros no café da manhã.

Janet rangeu os dentes e descruzou os braços. — E apesar de tudo isso, eu realmente o amava. Agora, diga - me o que você vai fazer com minha irmã e comigo, porque a última vez que eu disse a um Cyborg eu seria a morte dele, ela engoliu em seco, com a garganta apertada com as palavras — ele morreu.

Os lábios de Nightheart ergueram - se lentamente em um sorriso, e a necessidade de bater com o punho no rosto dele aumentou dez vezes.

— Venha comigo, disse ele. — Eu quero te mostrar algo.

Os punhos de Janet se apertaram. — Não estou me afastando da minha irmã. Tudo o que você precisa transmitir, você pode fazê - lo aqui.

Seus lábios tremeram e seu sorriso cresceu, mas não alcançou seus olhos. — Bem, eu estava indo mostrar - lhe as dezenas de navios comerciais que seguem o navio EPED em que estamos atualmente. O flagelo da mídia é o que eu os chamo. Eles me seguem como pequenos mosquitos, do tipo que você nunca parece se livrar. Seu rosto está em todo o universo conhecido como a mulher sequestrada e abusada por um Cyborg renegado, um com uma reputação intocada que funcionou para mim. É realmente uma visão e tanto.

— Eu não entendo

— Enquanto você for uma vítima aos olhos deles, agora um amor interestelar pela raça humana, nada poderá tocá - la. Nem mesmo eu.

— Então, você não vai nos machucar? Ela perguntou, quase com medo de sentir esperança.

— Não. A não ser que eu queira explicar para literalmente todo mundo esperando e assistindo, porque você está subitamente morta. Enquanto estiver sob minha custódia, não vou machuca - la.

— Você vai nos deixar ir para casa? *Esperança.* Lá estava.

— Ah, agora temos a verdadeira razão pela qual ' *depende'*. Ele riu.

Janet observou -o estender a mão por baixo da lapela do terno e tirar um comprimido fino. Ele estendeu a mão para ela, e ela a pegou devagar, olhando a oferta. A tela acendeu quando ela a endireitou, revelando um documento solicitando sua assinatura.

— Eu preparei uma declaração para você indicando que Zeph estava louco, disse ele. — Que ele sequestrou você e sua irmã e disparou contra navios do EPED enviados para recuperá - lo. Assine e você e sua irmã estão livres para ir se não o fizerem... Bem, você pode permanecer sob minha guarda para sempre.

— E minha família?

— Se você e sua irmã voltarem para casa ilesos, nosso acordo com eles e o produto deles permanecerá.

Janet olhou para o tablet, segurando - o a ponto de quebra - lo. Depois do que pareceu uma eternidade, sabendo que ela não tinha escolha, ela assentiu.

— Boa. Foi um prazer finalmente conhece - la Janet Montihan. O ciborgue inclinou a cabeça. — Um dia você esquecerá tudo isso.

Ela esperou até ele sair antes de voltar para o quarto dela, onde se sentou na cama com forte aceitação. Não havia como saber se Nightheart acreditou nela, ou pelo menos acreditou o suficiente para não suspeitar dela. Ele não sabia o que Hector havia revelado a ela horas antes de sua morte.

Janet olhou para a porta e inspirou devagar, sentindo a respiração instável e instável. Nada além de dormência permaneceu. Zeph... Hector estava morto. Ela viu isso acontecer diante de seus olhos. Sentia uma dor terrível logo abaixo da superfície, mas ela segurou a sensação fria e entorpecida com tudo o que tinha em seu arsenal.

Como ela deveria continuar agora? Ela queria deixa - lo por causa de sua irmã, nunca querendo que ele realmente morresse. Se eles se separassem, sempre havia esperança para o futuro, para a redenção. Mas agora? Seu mundo foi quebrado e tudo o que restou foram estilhaços de vidro. Em todos os lugares em que ela pisava, uma nova ferida se abria quando as anteriores ainda tinham que curar. Hector havia dado sua vida por ela e Lily... *Assim como eu daria minha vida por minha família.*

Ela limpou as palmas das mãos no rosto até a pele ficar crua. Então ela começou a ler.

Horas se passaram quando ela terminou. Ela teve que escrever sua assinatura em mais de uma dúzia de formas diferentes, todas exigindo seu silêncio, todas reescrevendo a

história, todas degradando o tempo que ela e Hector passaram juntos no jargão jurídico. *Isso era tudo o que ele era?* Os traços serpentinos dele surgiram em seus pensamentos. Lembrou - se de sua impulsividade, de todas as suas exigências. Hector era mais do que algumas palavras escritas em um fundo digital. Ele era *dela*.

Tudo nele era dela. Até a parte dele que foi enterrada no fundo. Até Zeph.

Deus, apenas se controle.

Mas seu peito estava dividido em dois, e a única coisa que seria capaz de conserta - lo... Havia sumido para sempre.

Vinte e Cinco

Hector acordou, recuando diante da luz que brilhava em seu rosto. Ele tentou mover os braços, mas eles foram contidos. Ele tentou as pernas a seguir e descobriu que elas também estavam contidas. Não havia dor, pensamentos prementes e, curiosamente, nenhum estresse, apesar das circunstâncias em que ele se encontrava. Ele se recostou na superfície em que estava enfrentando.

— Você está acordado.

Eu conheço essa voz. Ele procurou a fonte e encontrou Nightheart parado à sua direita. Os traços de lavanda podiam ser cheirados nele e Hector baniu o cheiro do nariz. Ele sabia disso, ele simplesmente não sabia como ele fazia.

— Você provavelmente está se sentindo um pouco desorientado e com alguma confusão. É normal.

— Onde estou? Hector perguntou. — Há quanto tempo estou fora?

— Você está com menos de várias semanas. Você está atualmente no meu laboratório cibernético privado na Terra.

Sua voz falhou. — Por quê?

Nightheart se moveu na frente dele. — Seu corpo não estava funcionando para você. O que faz sentido, considerando que não era seu, para começar, mas acredito que resolvi o problema. Felizmente, você ainda tinha um traço de vida depois que Gunner e Hysterian terminaram com

você. Ele esfregou a boca. — Diga - me, qual é a memória mais antiga que você consegue se lembrar?

— Um laboratório, muito parecido com este. Líquido à minha volta. Do jeito que me senti quando fui libertado dele. Uma guerra. Hector se aprofundou nos dados em sua cabeça. — Sangue. Muito disso.

Uma série de números brilhou nas íris de Nightheart.

— Boa. O quê mais?

— Os destroços de frotas inteiras de naves. Milhares de corpos flutuando no espaço. Lutando contra os alienígenas trentianos e... Essa mesma guerra chegando ao fim.

— Você se lembra de um Cyborg chamado Zeph?

Hector testou suas restrições. O nome o atingiu com déjà vu e, de repente, uma enorme quantidade de dor passou por ele, mas não havia nada além de um vislumbre de um fantasma masculino que surgiu em sua mente. Ele sabia o nome pelo menos ele pensava que sabia, mas nada de substancial veio dele. *Por que ele está me perguntando sobre esse Zeph?*

— Não, ele disse finalmente.

— Tente mais.

— Eu não o conheço.

— E Janet Montihan?

— Quem? Hector perguntou quando uma emoção completamente diferente bateu nele. O calor corou através de seu corpo, músculos, virilha, e ele se lembrou de pôr que conhecia aquele perfume floral que vinha de Nightheart. Pertencia a *ela*. Hector inalou novamente e, desta

vez, deixou que permanecesse em seus sistemas. Ele apertou as mãos e as desembrulhou cada vez que o nome dela repetia em seu crânio. *Janet. Janet...*

Janet.

Imagens de cabelos compridos e louros que estavam sempre parcialmente emaranhados surgiram a seguir. Ele conseguia se lembrar da sensação sedosa dela deslizando por entre os dedos. Parecia água. *Água.* Um oceano sem fim em um planeta distante e olhos tão azuis quanto o mar. Pele bronzeada que fazia água na boca e seu coração baterem.

Hector empurrou as bandas que o mantinham em cativeiro quando uma necessidade profunda o venceu. *Eu conheço ela.*

Deus, eu a conheço.

Ele piscou com força. — Janet. Como?

— Hmm... Nightheart inclinou a cabeça. — Então você se lembra dela, mas não de Zeph?

— Quem é ela? Uma necessidade construída dentro dele para encontrar essa Janet e estar perto dela, consumi - la e ficar e saborear, o que quer que seja, que seu corpo acabara de experimentar pelo simples pensamento dela. Se apenas uma memória poderia afetá - lo tanto tornando seu eixo rígido de desejo, mesmo na frente de outro homem que o mantinha preso estar na presença dela deve ser um êxtase.

Nightheart estudou sua reação antes de voltar para o console no canto. — Alguém que causou muitos problemas para mim.

— Ela é a razão pela qual estou aqui? Hector tinha que saber. Ele precisava de mais. Seu corpo exigiu isso.

— Por que todos os meus recuperadores estão encontrando companheiros de repente? Nightheart suspirou. — Você é a razão pela qual você está aqui.

Companheiro? Hector balançou a cabeça e percebeu que também estava preso à engenhoca que Nightheart o havia vinculado. *Estou conectado? Que porra é essa?*

— Me deixe ir. Eu preciso encontra - la.

— Nós já fomos aliados, Hector, disse Nightheart, ignorando sua demanda, digitando algo em uma tela que não podia ver. — Uma vez lutamos juntos, trabalhamos juntos, matamos juntos. Mas eu deveria saber, mesmo naquela época, que camaleões são, bem, eles se tornam coisas que não são. Eles se misturam, assumem novas pessoas, mudam sua aparência, até mesmo suas personalidades. Eles podem se esconder à vista de todos. É um mecanismo de defesa. É o que o torna tão imprevisível.

— Por que você está me contando isso?

— Por causa do que estou prestes a fazer.

Ele não teve a chance de perguntar antes de seu corpo apreender. Sua cabeça foi jogada para trás quando uma poderosa corrente elétrica o atingiu diretamente no coração de seu ser cibernético, profundamente dentro dos recessos de sua cabeça, e nas intermináveis e incontáveis horas de conhecimento e memórias que ele havia armazenado ali. Seus músculos incharam e lutaram contra suas restrições, mas eles se mantiveram firmes. Hector tentou impedir que a carga

esmagadora inundasse seus fios quando tudo de repente voltou.

Primeiro, ele se lembrou de sua morte nas mãos do Sr. Heartface, e depois voltou ao campo de asteróides com...

Zeph.

— Ele não é real, Hector retrucou, seu corpo vibrando, seus olhos iluminando a sala. Mais memórias colidiram com ele, todas elas *erradas.*

Nightheart estava em pé na frente dele no momento em que a última peça se encaixou.

— Havia muito pouco de você para se recuperar quando eu o encontrei após o ataque em campo. Você não passava de peças caras de metal e sequências de dados. Eu tive que improvisar para mantê - lo vivo. Com meu conhecimento e os recursos à minha disposição aqui no EPED, encontrei um corpo substituto e o construí de novo.

A voz de Hector escureceu. — O que você fez comigo?

— Eu o reconstruí com as partes de um ser cibernético que funcionou mal após a sua criação.

— Você colocou minha consciência em um cadáver, porra?

— Coloquei sua cabeça e o que restou de sua mente em um corpo perfeitamente intacto.

— Por quê? Ele assobiou. — Por que você não me matou?

— Não mato minha própria espécie, apesar do que você possa pensar de mim. Se eu matasse todos os seres que me

deparei, tudo neste universo e no próximo estaria morto. Matar Zeph estava apenas te curando.

— Então, tudo, *tudo* que eu sofri, lutei e luto todo esse tempo não era real? Se Zeph não era real, então *ele* não era real. *Zeph é meu irmão... Como eu esqueci isso?* Uma doença que ele nunca sentira antes encheu seu intestino, e a necessidade de purgar cresceu.

— Não tínhamos como saber o que seus instintos de camaleão fariam.

— Seu pedaço de merda cibernética, você deveria ter me deixado morrer!

Pensamentos de Zeph, de si mesmo, fizeram sua mente girar, fizeram suas nano células cuspirem pelos fios. Ele não sabia mais quem ele realmente era. Hector fechou os olhos, incapaz de olhar para seu corpo. — Você deveria ter me deixado morrer, ele murmurou. A morte real seria melhor do que essa dor de perda e confusão que ele sentia atualmente.

— Você estava tendo uma crise de identidade.

Como pode uma parte inteira dele não ser real? Ele tinha assumido a personagem do Zeph porque... Ele sabia mesmo? Porque era nisso que eu me tinha tornado depois do ataque. O Zeph tinha de ser real porque o tinha tornado real. Será que ele se olhava ao espelho e via cabelo preto ou âmbar? De que cor seriam os olhos dele?

Janet saberia.

A raiva correu através dele. Janet saberia quem ele realmente era.

— Você é um camaleão, Hector.

— Eu sou mais do que isso, ele retrucou. — Eu sei disso agora.

— Você ainda quer morrer? Nightheart perguntou, perplexo.

Hector rosnou e empurrou contra o metal que o segurava. — Eu tenho uma escolha? Alguém sabe que eu ainda estou vivo? Janet?

— Eles sabem que Zeph está morto.

De repente, os laços que o seguravam se abriram e Hector caiu para frente. Ele se pegou com as mãos no chão frio de metal. Suas unhas arranharam contra ele quando ele se ajoelhou e lentamente se levantou. Suas articulações estalaram como se não tivessem sido usadas há muito tempo, mas seu corpo, pela primeira vez, parecia certo, parecia que era *dele*.

Ele finalmente olhou para si mesmo e viu o que precisava saber. Que nada havia mudado. Hector puxou uma mecha de cabelo para frente e a achou tão negra quanto o abismo.

Ele ainda não conseguia entender que Zeph era uma ilusão que seu camaleão havia manifestado. Mesmo agora, ele ainda podia sentir os instintos do crocodilo atravessando - o. Apenas serviu como um lembrete de sua insanidade iminente. Ele pressionou a mão no peito, sentindo o metal embaixo apenas capaz de mudar para essa forma específica. Se ele não estivesse com tanta raiva, teria rido. *Um camaleão preso em uma só pessoa.*

Para sempre.

Hector virou - se para a parede mais próxima e bateu com o punho nela repetidas vezes, e continuou a fazê - lo até que a pele de sua mão se foi. Ofegante, Hector pressionou a testa contra a parede e fechou os olhos. Passos sinalizaram aproximação dos Nighthearts.

— Há uma condição se você quiser sair daqui como um Cyborg livre, disse Nightheart por trás dele.

Hector abriu os olhos e virou o rosto para seu antigo chefe. — O que?

— Zeph continua morto.

— E meu contrato com você?

— Dissolvido desde que nunca mais nos encontremos.

— Combinado. Ele fechou brevemente os olhos novamente para deixar que o ataque emocional se instalasse sobre ele. Sem outra palavra, ele invadiu a porta, apenas parando para pegar um par de jalecos para se cobrir e seu pau agora muito flácido.

— Hector, chamou Nightheart, parando - o. — Se Zeph voltar, você sabe que eu não vou parar em nada para destruí - lo, independentemente de *Hector* . Você define nossos anos antigos. Não temos números para travar uma guerra contra nossos criadores, mesmo que quiséssemos também.

Hector assentiu. — Eu não esperaria menos de você. Ele pouco se importava com Nightheart e seus esquemas políticos. — E se você vier atrás de mim ou dos meus próprios novamente, eu não pararei em nada para destruí - lo.

Tudo o que importava era voltar para Janet.

Ele precisava dela agora mais do que nunca.

Vinte e Seis

A nave pousou muito lentamente para o gosto de Janet. Lily pulou para cima e para baixo no assento ao lado dela. O EPED e Nightheart os liberaram imediatamente depois que ela assinou seu silêncio e prometeu que, se alguma vez falasse com a mídia, contaria a versão deles da história e não a dela.

Hector fora considerado um vilão e, para a segurança de Lily, ela tinha que corroborar isso. No entanto, ela não tinha intenção de falar com um jornalista ou com os paparazzi além de sua declaração inicial. Ela só queria deixar tudo para trás.

Os meios de comunicação seguiram sua nave até Kepler, oferecendo constantemente presentes extravagantes para uma entrevista exclusiva com a cativa do desonesto Cyborg. Ela não estava livre do bombardeio jornalístico até que o correio que a entregou e Lily entrou no céu de Montihan.

Janet ficou rígida e forçou um sorriso em seu rosto quando sua casa de infância apareceu. Sentou - se como sempre, no penhasco varrido pelo vento com vista para o oceano. Kepler pode não ser a Terra, mas era seu lar e o verdadeiro mundo da família de sua família. Foi preciso muita dor para voltar a fazê - lo dor que mal havia diminuído durante a última semana de viagem.

Não havia lugar assim no universo.

Não é de admirar por que as guerras foram travadas. Ela fez mais do que ela jamais admitiria levar Lily e ela de volta para casa. Alguém com muito mais poder do que ela poderia ter feito muito mais pelo mesmo prêmio. *Por que não está me fazendo sentir melhor?*

— Ma! Pa! Lily gritou animadamente. A família deles saiu da casa para encontra - las do lado de fora no campo de pouso próximo. Quando elas pousaram, sua irmã já estava voando para fora de seu assento e correndo em direção à saída antes que o piloto lhes desse o consentimento.

A porta se abriu e Lily correu, jogando seu corpinho nos braços de Ma. Janet engoliu em seco, sentindo borboletas na barriga. Ela estava um pouco tonta por estar de volta em terreno sólido e se aproximou lentamente enquanto sua família chorava e comemorava. Ela ficou do lado de fora da exuberância deles, incerta de suas boas - vindas.

Ela encontrou os olhos cheios de lágrimas do pai por cima do ombro de Ma e suas próprias lágrimas começaram a cair. *Eu nunca o vi chorar antes.* Ele abriu o braço para permitir que ela abraçasse o grupo. Ela imediatamente fechou a distância.

Tudo para isso. Tudo por você.

Casa.

Os braços de seus pais se enrolaram em torno de seu corpo trêmulo enquanto dizia tudo que ela precisava ouvir.

Eu vou ficar bem.

Os próximos dias foram um inferno. Seus pais a mantinham cativa dentro de casa, não querendo que ela ou

Lily deixassem a vista. Janet não podia culpá— los. Ela teve os mesmos pensamentos em relação à Lily quando se tratava da segurança de sua irmãzinha. A segurança havia aumentado em todos os lugares, e uma nova zona de desembarque estava sendo construída muito mais longe da casa principal. Agora ninguém, exceto a família, podia usá - lo no local.

Eles não estavam dispostos a arriscar que Lily fosse repetidamente clandestina. Até Janet achou que era uma ótima ideia. Mas essa era a única opinião que ela tinha sobre o assunto.

Ninguém poderia manter um Cyborg de fora se realmente quisesse entrar. A segurança adicional não significava nada, mesmo que Netto estivesse coordenando tudo.

Janet sentou - se no parapeito da janela e olhou para o oceano, seu foco flutuando sobre os navios ancorados nas proximidades. O céu estava azul e brilhante, a água a mesma. Ela continuava imaginando a *Oppression* rompendo as nuvens finas e aterrissando do lado de fora da janela mesmo que agora fosse impossível. A nave tinha partido como Hector.

O senso de segurança dela foi com eles.

Uma batida na moldura da porta desviou os olhos da janela. Rylie estava no limiar.

— Posso entrar? ela perguntou.

— Sim.

Rylie entrou em seu quarto. — Você ficou quieta. Ma e Pa estão preocupadas. Estou preocupada Até Netto está preocupado. Você está bem?

Não, eu não estou. Eu não estou bem. — Sim, apenas cansada.

— Você nunca está cansada, acusou Rylie, fechando a porta do quarto atrás dela antes de se sentar na cama de Janet. — Você está assim há dias.

Janet deu de ombros. — Estou extra, super cansada?

— O que aconteceu?

— Eu não quero falar sobre isso. *Eu não quero mais me machucar.*

— O que aconteceu? Rylie perguntou novamente.

Janet fungou. — Eu realmente não quero falar sobre isso. Por favor.

— Zeph te machucou?

Ela olhou para a irmã mais velha, incapaz de reunir a energia para apertar as mãos ou estalar para ela. Ela realmente não queria falar sobre isso, mas ouvir o nome de Zeph em voz alta era quase demais para suportar. *Minha família nem conhece Hector.* Ela não contou nada sobre a doença dele. O rosto dele era um fantasma na cabeça dela, quase tangível ao ponto em que ela podia alcança - lo e tocá - lo, mas então a imagem mudava e as feições dele escureciam, e ela pegava a mão de volta. Ele disse a ela que sua confissão poderia matá - lo. Janet mordeu a língua. Mas não foram suas palavras que o fizeram.

— Eu disse a ele que seria a morte dele, ela sussurrou.

— O que?—

— Eu disse a Zeph que seria a morte dele— , sua voz falhou. — E agora ele se foi.

Rylie veio até ela e a puxou para perto. — Eu sinto muito. Sinto muito. Eu não sabia.

Janet estava rígida nos braços da irmã. Ela deveria chorar, mas nem uma única lágrima havia caído desde sua chegada. Se ela chorasse, a dormência desapareceria e ela queria desesperadamente permanecer entorpecida.

Rylie arrastou Janet para a cama, repetindo palavras de consolo várias vezes, e colocou Janet nela. Sua irmã rastejou atrás dela e elas se aconchegaram debaixo das cobertas como haviam feito tantas vezes quando crianças. Como se tivessem crescido como amigas. Melhores amigas. Não havia mais ninguém em Kepler para tomar aquele lugar. Não importava quantas vezes elas se maltratavam, ou quantas brigas haviam entrado. Elas eram da família. Elas compartilharam sangue. A verdadeira lealdade foi conquistada através de provas de fogo, e as duas haviam sido queimadas mais do que sua parte justa.

— Eu te amo Janet.

Janet fechou os olhos com força. — Eu também te amo. Ela respirou fundo. — Eu também sinto muito.

— Pelo que? Rylie levantou o cobertor para olhar para ela.

Janet franziu o cenho tristemente. — Por tornar sua vida um inferno por crescer comigo.

— Estou acostumada com isso.

— Eu só queria protege - la

— Eu sei disso agora. Lily nos contou muito, pelo menos o suficiente para colher a verdade do que aconteceu por aí.

Janet se moveu para frente e apoiou a testa gentilmente contra as irmãs e fechou os olhos. — Você quer dizer o quanto ela jogou seu jogo Terra?

Rylie riu. — Existe aquele humor sardônico.

Janet abriu os olhos e sorriu suavemente antes que a dormência retornasse e o sorriso sumisse. Ela apertou a mão no peito. *É um começo.*

— Ela venceu, você sabe, continuou Rylie. — Toda a campanha da Terra. E há algo mais...

— O que?

— Seu principal oponente era alguém chamado Hector. Ela disse que Hector era a marca do Sr. Heartface no jogo. Ela está exigindo que o Sr. Heartface venha aqui para morar com ela.

Janet ficou rígida, os olhos arregalados. Ela estendeu a mão para o receptor que Hector havia lhe dado, mas sabia que não estava mais no bolso. *Zeph, Hector e Sr. Heartface?*

— Pa e Ma não gostam da ideia de um androide brincando com ela, mas ela venceu um jogo que a maioria dos adultos não pode. Então, quem sabe?

— Hector? Janet chiou. Onde está o Sr. Heartface? Ela nunca perguntou o que aconteceu com o androide depois que o EPED os levou. Talvez o androide ainda tivesse um pedaço do Cyborg. Ela tinha visto coisas estranhas. Recentemente.

— Sim, hein, você o conhecia? Ele também estava na nave?

Janet sentou - se, seu pulso acelerado. "Sim. Sim ele estava."

Pensamentos inundaram sua cabeça. Hector esteve lá o tempo todo. Mesmo se ele tivesse sido efêmero. *Talvez, apenas talvez... Algo poderia estar vivo.* Sabendo que havia uma chance, e sabendo o quão poderosos eram Cyborgs, bastava que ela poupasse uma mecha de esperança. Ela agarrou - a e segurou - a com força.

— Você está bem? Rylie perguntou, levantando - se sobre o cotovelo.

Janet se recostou na cama ao lado dela. O sorriso dela retornou, embora pequeno, e ele queria ficar. Ela queria que ficasse. Ela esfregou o rosto com as mãos e encontrou o olhar curioso da irmã.

— Eu tenho muito a lhe dizer, disse ela.

— Sou todo ouvidos.

Ela nunca amou mais a irmã.

Eu posso superar isso.

Vinte e sete

Meses vieram e se foram, as estações mudaram e as plantações começaram a colocar novamente pepitas de vidro transparente. A primeira colheita resultou em uma celebração completa na casa de Montihan. Mesmo que a festa terminasse com Netto rasgando um pedaço de bife cru e fazendo Lily chorar. Não por causa do bife, mas porque ela não podia comer o dela da mesma maneira e não *era justo*.

Janet esticou os braços acima da cabeça e estalou a parte inferior das costas. O sol de Kepler brilhava intensamente sobre ela.

Janet olhava para o céu todos os dias e até acampava em uma das viaturas à noite, apenas para poder observar as estrelas. Talvez ela se tornasse uma viúva errante e vigilante, esperando que seu amor voltasse. Pelo menos era o que Rylie chamava agora de brincadeira longe dos ouvidos dos pais, é claro.

Ela estava feliz, embora melancólica. O tempo faria isso com uma pessoa. A dor do luto não diminuiu tanto quanto foi enterrada profundamente, onde ela poderia protege - lo dentro dela. *Eu não quero que isso vá embora.* Manteve seu amor vivo e vibrante por Zeph.

Hector.

Ela afastou o cabelo úmido e bagunçado e amarrou - o em um coque. Sério? Um nome significa tanto? Se ele era Zeph ou Hector, ele sempre pertenceria a ela.

A aventura que ela teve não passava de uma lembrança agora, e sua família se recuperara da angústia. Até Lily, com toda a sua inocência infantil, havia retornado às suas brincadeiras precoces normais e começado suas aulas de tiro.

Quinten Montihan não havia sobrevivido a uma guerra sem saber como se proteger, e todos os dias fazia as três filhas passarem por um regime de treinamento ainda mais rigoroso do que antes. Ela era quase tão boa quanto Rylie estava agora com seu objetivo, e seu objetivo era fantástico para começar. O pai delas se aposentou pouco depois de Janet e Lily terem retornado e agora sua irmã mais velha administrava a fazenda.

O sinal sonoro do barco de seu navio estalou e Janet foi para frente, atendendo.

— E aí?

A voz de Rylie veio através do feed. — Você precisa voltar, Steven foi ferido.

— Quão?

— Eu não sei. Ele foi espancado bastante, mas nossos feeds de segurança não mostram nada do ataque. Netto está investigando, mas é como se ele fosse atacado por um fantasma.

A mão de Janet apertou o receptor de comunicação.

— Isso não é .

Possível... Ela abandonou a comunicação. A voz de Rylie desapareceu aos seus pés.

Houve um momento de medo, daquele mesmo pressentimento estranho que ela sentiu na primeira vez em

que acordou na *Opressium* e, como na última vez, ela desapareceu rapidamente. Ela tropeçou nos controles da embarcação e navegou para casa.

Havia muitas pessoas que não gostavam de Steven, mas havia apenas um homem em todo o maldito universo que o espancava apenas por existir.

Apenas um.

Janet inalou e tentou acalmar seus nervos, sua crescente excitação, mas não conseguiu se conter. A centelha de esperança que ela nutriu silenciosamente voltou à vida, furiosa através de seu núcleo como um incêndio. Ela se apegou tão fortemente às brasas, com medo de que, no momento em que desviasse o olhar, elas desaparecessem no éter como se nunca tivessem estado. Aquele pequeno vislumbre de esperança foi tudo que a manteve unida nas primeiras semanas em casa. Isso e Rylie, que prontamente a levou para fora da casa de Montihan e para a cabana em que ela e Netto estavam hospedados enquanto construíam seu próprio local a uma milha abaixo da costa.

Ela olhou por cima do parapeito à frente e examinou o horizonte em busca da costa, sabendo que ainda estava distante, mas esperando contra a esperança ver um rosto familiar. Seu navio estava navegando muito devagar para o seu gosto. Seus nervos não aguentavam. Ela estava examinando os lotes mais distantes dos assentamentos porque Rylie era necessária nas fábricas. Normalmente, ela adorava porque o mar agitado era a única outra entidade em Kepler que não a tratava de maneira diferente após o

sequestro. Agora, no entanto, Janet amaldiçoou estar tão longe. Ela amaldiçoou o oceano e sua infinidade.

Calma, isso é uma coisa boa.

Janet agarrou o volante com as duas mãos, batendo rapidamente com o pé quando algo apareceu à distância. Ela encontrou os óculos binoculares e os colocou, quase deixando cair duas vezes na pressa. *Outra embarcação?*

Não é qualquer navio.

O navio de Steven.

Ela se esforçou para parar e tentou não hiperventilar.

Se Steven estava machucado, quem estava dirigindo seu navio? As mãos de Janet se fecharam.

Não é ele. Não é Hector. Não é Zeph. Ele não sobreviveu e voltou para mim.

"Felizes para sempre, depois de tudo, não são para todos."

Ela levou suas últimas palavras a sério. Seu pulso disparou e sua garganta contraiu, deixando— a sem fôlego de excitação. O navio de Steven seguiu em sua direção.

Uma figura emergiu quando ela se aproximou, e ela rapidamente pegou sua camiseta salgada e passou os dedos sobre a cabeça, endireitando os cachos de cabelo causados pelo coque. À medida que o navio se aproximava, a figura se uniu a um homem.

Todas as fibras de seu ser ultrapassaram, mas seus braços caíram para os lados e ela não conseguiu se mover, não conseguiu ir até a grade para cumprimentar quem quer

que fosse. Porque se não fosse *ele* , Janet não achava que poderia viver com a decepção.

Não podia perder os meses que passara de luto. *Eu não posso fazer isso de novo.*

A viatura diminuiu a velocidade e se moveu ao lado da dela, e ela desejou que seus olhos encontrassem um par de belos trágicos e escuros pelo espaço.

O homem pulou para o lado e entrou em seu navio com graça desumana, movendo -se firmemente em sua direção.

O corpo dela tremia.

— Janet, disse ele.

Sua boca se abriu e fechou quando ele parou bem na frente dela e esperou que ela encontrasse sua voz.

— Hector, disse ela depois de um longo período sem fôlego.

Hector sorriu para ela e, pela primeira vez desde que o viu pela última vez, não havia paredes, dor ou segredos nos olhos dele. Ela torceu os dedos trêmulos. *Ele voltou.* Mas ela estava com muito medo de tocá - lo, com muito medo de cair no pó e ser apenas uma ilusão doentia.

Ele alcançou atrás dela e puxou seu coque. — Senti sua falta.

— Eu também senti sua falta, ela mal conseguiu dizer. — Você é real?

O sorriso dele aumentou. — Mais real do que sou desde que te conheci.

Ela levantou a mão para pairar sobre o peito dele. — O verdadeiro você.

— Sim.

— E a sua doença? Já se foi?

— Zeph se foi.

Janet lambeu os lábios e pressionou as palmas das mãos contra o peito, precisando ter certeza. Seu corpo era sólido, quente e real o suficiente para convencê - la de que isso não era um sonho. Deus, ela se sentia tão bem. — Para nunca mais voltar—

— Não, a menos que estejamos perdendo algo de Nightheart.

Seus lábios se contraíram e uma risada ameaçou explodir dentro dela. *Ele está realmente aqui.* Ela não podia acreditar. Ela moveu a mão para segurar a nuca dele. Uma brisa veio do oceano e varreu seus cabelos. Seu nariz se encheu com o cheiro da brisa do mar e protetor solar. A testa de Hector franziu a testa para ela, e ele se inclinou ... Janet inclinou o rosto para o beijo.

Isso nunca veio. Em vez disso, ele enterrou o rosto no pescoço dela e inspirou profundamente.

A respiração dele estava quente em sua pele, e ela estremeceu, pressionando as pernas juntas. Realmente a convenceu de que ele era *real*. Quando Hector se afastou, ela procurou seus lábios e roubou um beijo rápido. Os braços dele a envolveram e a pressionaram contra o peito, levantando - a no ar. O beijo se aprofundou com gemidos, com mãos agarrando e respirações ofegantes. Qualquer vestígio da tristeza entorpecente dentro dela desapareceu.

— Eu preciso de você, minha pequena sereia

Janet riu. — Você quer dizer canibal?

— Eu chamo minha boceta favorita disso agora.

— Uau! Sério? Uma ótima maneira de arruinar o momento?

— Você quer dizer elevar, querida, Cyborgs elevam as coisas, e não o contrário.

Janet se soltou do abraço e apontou um dedo para ele, estreitando os olhos.

— Cuidado, eu aparentemente não te matei ainda, ela brincou. Seriamente.

Hector puxou uma mecha solta dos cabelos. — Qual é o meu nome, Janet?

Ela parou, seu sorriso caindo. — Hector, ela sussurrou, acertando pela primeira vez desde que ele fez essa pergunta. Era a única resposta para qualquer pergunta que ele pudesse fazer naquele momento. Ele a colocou de volta nos braços. — Hector, Hector, Hector, disse ela repetidamente entre beijos.

Era isso que ela queria total aceitação. Alguém que arriscaria tudo por ela da mesma maneira que arriscaria tudo por eles. Amá - la incondicionalmente, falhas e tudo.

Mesmo que seus métodos fossem não convencionais, impulsivos e errados, ela faria tudo de novo. Ela sentiria falta de Zeph e seus olhos verdes de maçã - doce, mas sabia que ele realmente não se fora. Afinal, o Cyborg diante dela era um camaleão.

Suas mãos quentes e reais percorreram seu corpo e retornaram sua sensação de segurança. Hector era família, e família significava tudo. Então ela lembrou ... *Oh merda.*

— Steven! Janet se afastou dele novamente. — Você espancou Steven! Sério?

Hector resmungou. — Então, estamos fazendo isso, estamos arruinando o momento?

— Deus, você tem que tornar tudo tão assustadoramente complicado! Como minha família sempre...

Epílogo Um

Hector puxou meia tonelada de aço em direção à entrada. O enorme corpo azul de Netto apareceu à vista enquanto ele dirigia pelo caminho de terra que levava do assentamento de Montihan ao seu. Eles estavam no processo de construção de casas uma para cada um deles.

Hector parou o veículo no final do lote e começou a descarregar o material. Ele ouviu Netto se aproximar dele muito antes do tubarão dizer uma palavra. O filho da puta tinha quase o dobro do tamanho dele, quase. E somente quando Hector não estava no meio do turno.

Ele ainda tinha o corpo de um crocodilo que nunca mudaria e a ilusão do Cyborg nascida a partir da era devastada pela guerra. Agora que sabia que Zeph era apenas uma personalidade em sua cabeça, ele não sentiu mais dor quando mudou, apenas pressão. Ele era mais forte com esse corpo. A parte camaleão dele nunca realmente o ajudou, a menos que ele estivesse tentando ser sorrateiro.

— Demorou o suficiente, disse Netto.

— Sim, sim, respondeu Hector, erguendo uma viga de aço sobre os ombros. — A remessa foi empacotada horrivelmente, e os comerciantes largaram nossa merda a céu aberto antes de partirem imediatamente.

— Oh?

— Eu posso ter quebrado meus dentes com eles.

Netto resmungou. Ele pegou uma viga do veículo e seguiu Hector em direção a casa.

Era menor que a casa de Montihan e muito mais longe do assentamento principal do que a casa de Netto e Rylie, mas a culpa era dele. Não houve calorosas boas - vindas quando ele e Janet voltaram do oceano naquele dia. De fato, Quinten Montihan imediatamente o desafiou para um duelo, que Hector aceitou e terminou com duas balas no peito. Ele teria levado vários clipes se os fizesse perdoá - lo mais rápido, mas era o tempo que a família precisava. Quinten passou o resto do dia de mau humor.

Não é como se Hector não estivesse acostumado a sofrer.

Ela me avisou. Hector sorriu. Janet não podia ser mais bonita quando estava chateada. Exceto, talvez, quando ela o usava como se ele fosse *seu troféu, e* não o contrário. Seu pênis estremeceu contra suas calças.

Ele baixou a carga e deu um passo atrás para Netto fazer o mesmo.

— Obrigado por sua ajuda, disse Hector.

Netto assentiu.

Sempre o silencioso.

Netto começou a se afastar e Hector abriu a boca, mas hesitou. Eles passaram muito tempo juntos nos últimos seis meses e gastariam muito mais nos próximos anos. Eles moravam a vários quilômetros de distância, o que era mais ou menos nada. Pelo menos Netto estava quieto.

— Em breve seremos verdadeiros irmãos, disse Hector, achando as palavras um pouco desagradáveis. Nenhum Cyborg em sã consciência queria estar tão perto de outro Cyborg. A Cidade Fantasma foi uma exceção devido ao seu centro comercial, e os sinais elétricos subjacentes que pulsavam por toda parte acalmaram sua espécie.

Netto parou e deu de ombros.

Ele continuou: — Eu tive um irmão uma vez.

— Uma ilusão. Todos pensávamos que a sua nova personalidade era por opção.

A mandíbula de Hector trincou, mas continuou. — Ele morreu há muito tempo.

Netto virou - se para encará - lo. — Eu não ligo. Seus problemas com camaleões são seus.

O fato de todos os seus irmãos terem aceitado sua ilusão e encolher os ombros sem pensar, sempre o irritaria.

— O que estou tentando dizer, e isso é fodidamente difícil, é que ele me deu uma família. Essa família. E isso significa você também. *Janet está me pegando. Porra, ela nunca vai me deixar viver isso.* Ele se fortaleceu. O tubarão o encarou sem expressão e Hector suspirou. — É isso aí, cara. Até amanha.

Hector virou - se para voltar ao trabalho. Ele não sabia se ele e Netto se dariam bem. Eles nunca tiveram mais do que um relacionamento de amizade antes, e nunca foram mais do que colegas de trabalho por sua breve passagem no EPED, mas seu conceito de vida mudou a cada dia no planeta quieto de Kepler.

Nós fomos construídos para a guerra. Sangue. Dor e eficiência. Seus códigos eram profundos e escuros até o núcleo de suas nano células. Zeph não era para uma vida tranquila, mas Hector, bem, ele queria o que Netto tinha, o que alguns de seus outros irmãos Cyborg tinham a humanidade. *Nightheart e sacrifícios sejam condenados.*

— Rylie está grávida.

Hector parou, sem perceber que Netto havia ficado.

— Parabéns?

— Vou leva - la para o Ghost.

— Boa sorte com isso.

— Você e Janet devem vir conosco.

Essa foi à conversa mais longa que ele e Netto tiveram desde que Quinten atirou nele.

— E arriscar isso? Hector acenou com a mão. — A última vez que deixei este planeta com um Montihan, as coisas azedaram.

Netto colocou as mãos nos quadris. — Pense nisso.

— Eu vou.

Uma brisa fresca veio do oceano e um veículo familiar apareceu à distância. O cheiro de lavanda encheu seu nariz, dando - lhe mais conforto do que ele jamais mereceu.

Epílogo Dois

Janet segurou a mão de Rylie enquanto O Dr. Cagley encheu sua irmã com as mesmas coisas que ele encheu Janet. A sensação interna de coceira e desconforto de um soro altamente avançado que mudou sua composição genética de dentro para fora.

— Como você vai, querida? Ma perguntou, sentada do outro lado da mesa.

— Bem, até agora, disse Rylie.

Dr. Cagley se afastou e sorriu. — Você está pronta. Agora é apenas a recuperação. Você e o resto da sua família estão em perfeita saúde, por isso não deve demorar mais do que uma questão de horas.

Ma sorriu. "Muito obrigado, doutor."

Janet recostou - se quando Rylie apertou a mão dela. Ma mal podia esperar para ser avó. A família inteira estava lá com eles, embora apenas as mulheres estivessem na sala. Depois que Netto anunciou seu plano de levar Rylie para o procedimento, a casa entrou em tumulto. Então Hector entrou em cena e anunciou que eles se juntariam a eles.

Ela nunca a viu tão maluca ou sua mãe tão indulgente. Então, para consternação de Netto e alegria de Hector, todos fizeram as malas, incluindo Lily e começaram as primeiras férias em família fora do mundo.

Ela ainda não conseguia acreditar que estavam todos em uma cidade ciborgue altamente protegida e altamente secreta que o público em geral não fazia ideia. Não foi a primeira nem a última escolha em um local de férias, mas ela estava com Hector e cercada pelas pessoas que amava, e pela primeira vez Janet ficou de boca fechada.

— Eu não posso acreditar que você está grávida, Janet provocou sua irmã mais velha.

Rylie resmungou. — Eu também não posso acreditar.

Dr. Cagley riu baixinho, enchendo a sala de música.

— Acredite. A semente de um ciborgue, quando implantada com intenção, é bastante imparável. Nunca testei o assunto, mas aposto que há pouca ou nenhuma proteção no universo que possa impedi - lo.

— Espere. Os olhos de Rylie se arregalaram. — Você diz que ele me engravidou de propósito?

— O bastardo! Os lábios de Janet se contraíram.

Dr. Cagley pigarreou. — Talvez não de propósito, por si só, mas se ele estivesse pensando fortemente sobre isso enquanto vocês dois copulavam

— Pare. Pare! Ma cobriu os ouvidos. — Eu não quero ouvir os detalhes.

— Eu quero ouvir os detalhes!

As mãos de Ma caíram quando ela voltou os olhos preocupados para o médico. — O bebê vai ficar bem?—

— O bebê vai ficar bem , disse Cagley. — Eu entreguei várias crianças cibernéticas apenas no ano passado e, embora o DNA do animal permaneça nas células transferidas,

cada criança é feliz e saudável e se torna uma descendência travessa de seus pais.

Todos caíram em uníssono.

— Bom. É bom ouvir isso, gaguejou Rylie.

Cagley limpou as mãos em um pano. — Vamos deixar Rylie descansar agora, tenho certeza que seu companheiro gostaria de estar com ela para esta próxima parte.

Janet se inclinou sobre a cama da irmã e deu um beijo na testa. — Boa sorte.

Rylie olhou para ela quando Janet saiu da sala.

Não era como se ela precisasse se preocupar, ela não estava grávida e nem queria estar tão cedo. Lily era filha mais do que suficiente para ela e Hector, principalmente porque sua irmã mais nova os perseguia constantemente para irem a Titã.

Janet deu um abraço de despedida em Ma e saiu para procurar Hector. Ela casualmente percorreu as silenciosas passagens de aço de Ghost, ignorando os olhos de Cyborgs que olhavam com curiosidade. Ela ouviu a alegria estridente de Lily muito antes de sua irmã aparecer.

Um Cyborg chamado Jayce estava soprando fogo no ar para ela. Netto sentou - se ao lado dele, de olho na irmã.

— Rylie está pronta para você, grandalhão. Janet piscou. — Eu vou assumir a partir daqui.

Netto levantou - se rapidamente e saiu. Janet observou - o ir até que ele desapareceu no corredor. *Porra, ele é um maldito Huck.* Ela sempre se perguntará como era o sexo entre o tubarão e a Rylie. Sua irmã era pequena em

comparação com o grande gigante azul. Então, novamente, todo mundo era pequeno comparado a ele.

Dois braços fortes surgiram por trás para cobrir seu estômago enquanto um hálito quente muito familiar abanava sua bochecha. Janet suspirou feliz e recostou - se em Hector. Ela nunca se sentiu tão segura, tão protegida, tão amada, e enquanto observava Jayce entreter Lily com bolas de *fogo* literais , seu medo de Cyborgs diminuiu um pouco mais.

Hector mordeu a orelha. — Quem sou eu?

Sua pergunta favorita. Janet sorriu.

Ela abriu a boca...

— Casa.

Fim